BRASILIENSIA
DOCUMENTA

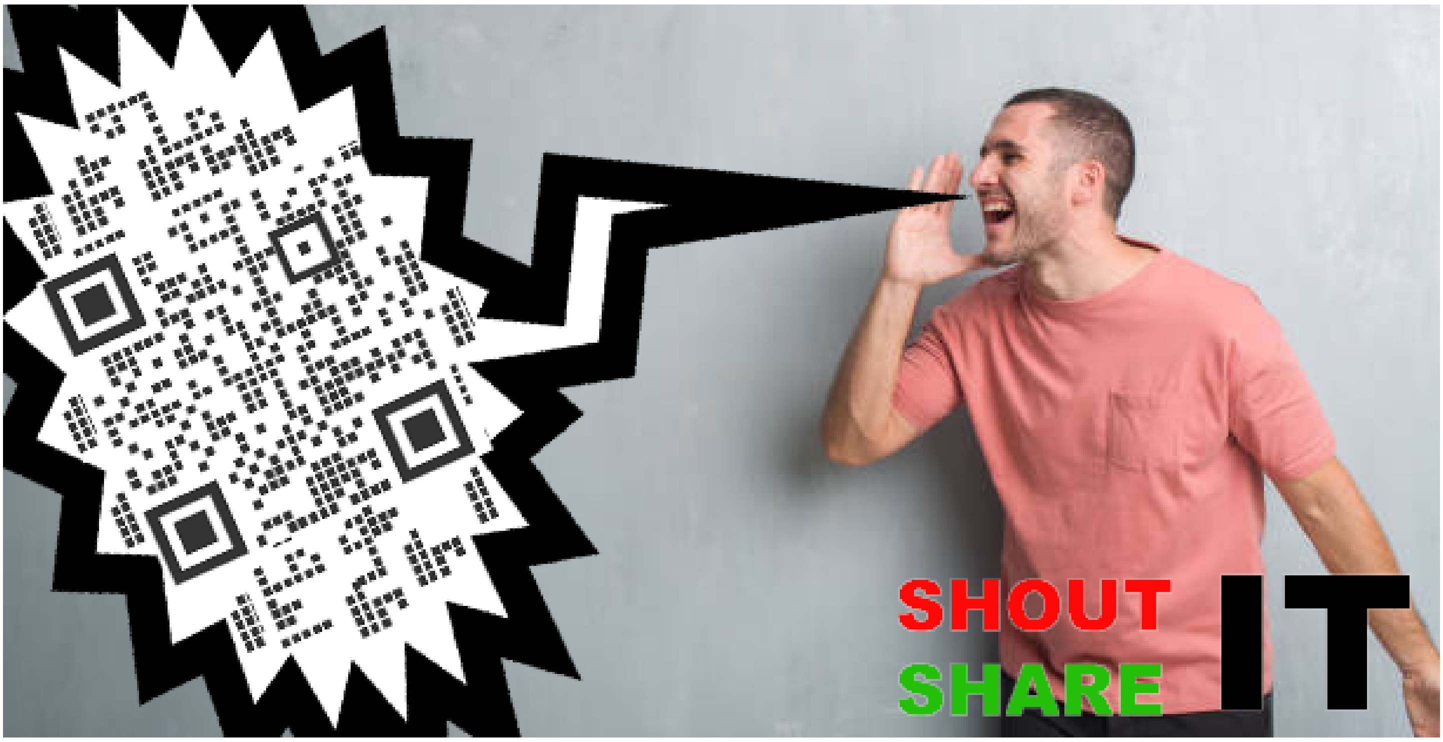
VOL. XIII

Olivério Mário de Oliveira Pinto

A
ORNITOLOGIA DO BRASIL ATRAVÉS DAS IDADES

(século XVI a século XIX)

SciELO


SHOUT
SHARE
IT

A' Biblioteca do
Museu de Zoologia da
USP

Oliv. Pinto.
26-VI-1979.

BRASILIENSIA DOCUMENTA
VOLUME DÉCIMO TERCEIRO

MUSEU DE ZOOLOGIA – USP
BIBLIOTECA
RECEBIDO em 3/7/79

BRASILIENSIA DOCUMENTA

MODERATORE ET AUCTORE
EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO

XIII

OLIVÉRIO M. DE O. PINTO

A ORNITOLOGIA DO BRASIL ATRAVÉS DAS IDADES

(SÉCULO XVI A SÉCULO XIX)

MUSEU DE ZOOLOGIA - USP
5293
BIBLIOTECA

SÃO PAULO — BRASIL
MCMLXXIX

Esta obra, décima terceira da série *Brasiliensia Documenta,* foi composta e impressa nas oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, S/A, ficando concluída no mês de Fevereiro de 1979.

Dela fez-se uma tiragem de hum mil exemplares.

O papel utilizado foi fabricado pela Companhia Industrial de Papel Pirahy.

Os desenhos que ilustram a capa e o dorso foram, gentilmente, concebidos e executados pelo artista beneditino Irmão Paulo Lachenmayer, O.S.B.

598.2
P659ob

DEDALUS - Acervo - MZ

598.2
P659ob

A ornitologia do Brasil atraves das idades (seculo XVI a seculo XIX) /

12400007665

À companheira fiel
de mais de meio século, Alice,
e aos filhos de que nos orgulhamos.

OLIVÉRIO PINTO E A ORNITOLOGIA DO BRASIL

No Brasil — e julgo que o mesmo deve acontecer na própria Europa e na América do Norte — o nome de um cientista puro fica adstrito a seu meio. Alguns desses homens, cuja vida foi dedicada à pesquisa, vêm a tornar-se conhecidos, se assim pode ser dito, por motivos fáceis de compreender. Um físico como Mme. Curie, um matemático como Einstein, um astrônomo como Halley, tornam-se de súbito conhecidos de todo o mundo, quando suas pesquisas representam, sob certo aspecto, algo de revolucionário. Já não se pode dar o mesmo com os pesquisadores naturalistas. Entre nós, Lund ficou conhecido por causa do "homem da Lagoa Santa" e não como zoólogo e botânico. E muitos outros, conquanto conhecidos e respeitados — mesmo reputados — nos maiores centros do mundo, ficam com seus nomes restritos, mesmo em seus países de origem, a pequeno grupo de técnicos e pesquisadores.

Quando, há dias, recebi o Novo Catálogo das Aves do Brasil *de autoria de Olivério Mário de Oliveira Pinto, fiquei, com as quinhentas páginas de um livro de ouro, pensando no trabalho exaustivo, complexo, de valor inestimável, dessa obra do notável mestre.*

* * *

Olivério Pinto foi meu colega no Ginásio da Bahia. Separamo-nos, porém, com o advento da lei Rivadávia: ele continuou o curso para obter o título de bacharel em ciências e letras; e eu deixei o Ginásio e entrei em um curso intensivo para o exame de admissão (como se dizia) à Faculdade de Medicina. No ano seguinte dava eu ingresso na escola médica e um ano depois o mesmo sucedia a Olivério.

Do 5.º ano em diante, frequentadores assíduos da Biblioteca da Faculdade, voltamos a nos encontrar: eu fazendo estudos para minha tese de doutoramento e ele já se entregando à história natural.

* * *

Olivério Pinto, filho de pais baianos (o pai era médico clínico), nasceu em Jaú. Ao cabo de alguns anos, voltava, porém, a família para a Bahia.

Mal se formou, tornou a S. Paulo. O homem era naturalista nato, só se interessava por ciência pura e na Bahia de então não havia ambiente para tal.

Começa aceitando o cargo de desenhista técnico do Instituto de Butantã. Já no ano seguinte é assistente da Secção de Zoologia do Museu Paulista, substituindo, interinamente, Afrânio do Amaral, em comissão nos Estados Unidos.

Em 1933 estamos juntos de novo: entrávamos de corpo e alma na campanha estupenda da fundação da Escola Paulista de Medicina, e tivemos a glória de ver aquele grande sonho transformado em realidade. Por circunstâncias várias, pouco depois Olivério deixava o grande centro médico que havia ajudado a formar.

É que de seu espírito não saía a idéia de ser naturalista. Tendo por chefe Afonso Taunay, começou pelos Mamíferos, e um de seus primeiros estudos foi publicado na Revista do Museu.

Emancipada a Secção de Zoologia do Museu Paulista e passando a denominar-se Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura, recebeu Olivério Pinto a chefia da Divisão de Aves, de que, pouco depois, viria a ser director interino.

Já vinha anteriormente se dedicando puramente à ornitologia e já havia feito investigações minuciosas em vários estados do país: S. Paulo, Goiás, Mato Grosso, Bahia, Pernambuco. Entre os inúmeros trabalhos posteriormente publicados, lançou o que tinha por título "Cinquenta anos de investigação ornitológica", dado a lume nos Arquivos de Zoologia.

Já era então membro honorário da American Ornithologists Union *e da* Linneum Society of New York *e de várias outras sociedades congêneres da Europa. Era então, na ornitologia, um dos maiores nomes internacionais.*

* * *

Em 1935 saía sua monografia sobre as "Aves da Bahia" na Revista do Museu Paulista da U.S.P. — trezentas páginas de um estudo primoroso sobre ornitologia.

× ??

Estes trabalhos exigiam um esforço físico pertinaz e arriscado, e neste da Bahia, andou divagando pelas ilhas da Bahia de Todos os Santos e depois se embrenhando pelo sertão, onde, acabou sendo atingido pela malária. Meteu-se pela zona do Rio das Contas e seus afluentes, em plena floresta, estudando e classificando pássaros, apresentando novas espécies, corrigindo classificações feitas em outras eras e não mais aceitáveis.

Um de seus estudos, muito curioso, é o em que tenta classificar, embora reconheça a carência dos dados mencionados, as aves a que se reporta Pero Vaz de Caminha, em sua famosa carta a D. Manuel, rei de Portugal. Nota-se porém, a habilidade e o conhecimento que Olivério Pinto demonstra ao arriscar-se a tentar a classificação.

Outros grandes sábios, quase na totalidade estrangeiros, é que lançaram as primeiras bases da classificação das aves de nosso país. Olivério Pinto põe em foco, por exemplo, o que se obteve dos esforços de Lund, o dinamarquês famoso, que colheu aqui farto material, enviando para sua terra. O estudo foi executado por Reinhardt, e só veio a ser publicado em 1870, quando Lund estivera no Brasil em 1825-1829 e, depois, em 1833-1845.

O mesmo aconteceu com outro naturalista afamado que nos visitou: o Príncipe Maximiliano de Wied Neuwied. De 1815 a 1817 viajou pelo Brasil colhendo material para seus estudos, fazendo a classificação de grande número de passáros de nossa terra. Mal saía Neuwied, acompanhando von Martius, o zoólogo von Spix, que classificou ou, pelo menos, assinalou mais de três mil pássaros nas regiões percorridas.

O trabalho de Olivério Pinto é extremamente acurado.

Suas viagens são múltiplas, não só às ilhas da Bahia, ao seu Recôncavo, terra riquíssima em pássaros, como às zonas da mata, não só no vale do Rio das Contas, como no do Pardo; a Cuiabá, subindo o Paraguai e explorando com muito interesse o mundo dos pássaros, que vem a ser o famoso "mar de Xeraies" ou "Grande Pantanal".

Agora, neste ano de 1978, saiu do prelo, como disse, o Novo Código das Aves do Brasil, primeira parte (das Aves *não* Passeriformes *e* Passeriformes *não* Oscines, *com a exclusão da família* Tyrannidae).

O estudo é exaustivo e é acompanhado de uma série de gravuras coloridas primorosas, em quase quinhentas páginas de texto. A lista de nomes corrigidos ou actualizados é muito extensa, e as indicações muito resumidas, visto tratar-se de um catálogo. Só, por exemplo, das nambús, *apresenta o livro vinte e duas espécies (gen.* Crypturellus).

Além disso, inúmeras são as espécies novas, até então desconhecidas, descritas e classificadas pelo notável cientista patrício. Não sou ornitologista e portanto não tenho *competência para julgar esta obra. Mas tenho visão suficiente para perceber seu valor incalculável e proclamá-lo com entusiasmo.*

Assinalar, porém, o lançamento de obra de tão elevada significação demonstra, pelo menos, patriotismo, e é com júbilo que o faço, pelo fato de possuir nossa pátria cientistas do valor de Olivério Pinto. Sem possibilidade de dúvida, quero crer que este Catálogo *se tornará um dos monumentos da zoologia do Brasil.*

Ocupa-se agora o mestre em patentear ainda mais a sua competência, redigindo esta Ornitologia do Brasil Através das Idades (Século XVI a Século XIX).

A obra é composta de sete capítulos principais: I - Ciclo dos cronistas e missionários; II - O Nordeste brasileiro, ocupado pelos flamengos, é objeto da primeira contribuição ao estudo científico da flora e da fauna indígenas; III - Portugal decide investigar as produções naturais da colônia IV - Primeiras tentativas consentidas de investigação naturalística do Brasil pelos estrangeiros; V - Tem início o grande ciclo das expedições científicas estrangeiras; VI - Com a expedição austríaco-bávara de 1817, a investigação naturalística atinge o seu ponto alto; VII - Continuadores da obra realizada durante o período áureo.

Representa este trabalho uma das fontes mais opulentas da ciência naturalística brasileira, que só um mestre consagrado poderia ter capacidade e competência para redigir, produto da cultura incomparável em sua especialidade.

Se, porventura, nada mais, d'oravante, vier a produzir, virá esta exposição histórica a ser o fecho de ouro de uma vida dedicada quase integralmente ao estudo e à pesquisa.

PAULO MANGABEIRA-ALBERNAZ

I

CICLO DOS CRONISTAS E MISSIONÁRIOS

As referências contidas na famosa carta de Pero Vaz (1) de Caminha,[1] escrivão da frota cabralina, a quem, em seu primeiro contacto com a terra brasileira, impressionara, como a tantos outros, a abundância de papagaios, mostram-nos quanto a variedade e riqueza de nosso mundo alado lograra despertar a curiosidade dos descobridores, sugerindo que esse capítulo das ciências zoológicas estava fadado a interessar de perto aos que nela viessem apontar nos anos subseqüentes. Entretanto, se fizermos abstração do (2) famoso livro do arcabuzeiro alemão Hans Staden (1557),[2] a quem a observação de uma colônia de guarás *(Guara rubra)* no litoral vicentino permitiu registrar, antes de qualquer outro, as mudanças experimentadas pelo colorido da plumagem durante o crescimento dessa pernalta, notícias mais precisas sobre algumas aves brasileiras só decorrido mais de meio século, aparecerão em letra de fôrma, graças (3) à narrativa do missionário francês André Thevet,[3] vindo a (3) lume quase pela mesma época (1558). Discorrendo sobre as por ele chamadas *Les Singularitez de la France Antarctique* (Paris, 1558), faz o nosso franciscano referência, pela primeira vez na Europa, à arara vermelha *(Ara chloroptera)*, à canindé *(Ara ararauna)*, ao moleiro *(Amazona farinosa)*, ao tucano-de-bico-preto *(Ramphastos* *ariel),* ao anum *(Crotophaga ani),* e aos beija-flores, ou seja o bastante para justificar, no seu dizer, como são os "oyseaux qui se trouvent pour delá... tous differens à ceux de notre hemisphere".

Na *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil* (1578), do calvinista Jean de Léry,[4] como Thevet companheiro do vice-almirante Nicolas Durand de Villegaignon em sua frustrada tentativa de fundar uma possessão francesa em terras da Guanabara (1555), a resenha é um pouco mais copiosa, figurando como novidades, entre outras, o macuco *(Tinamus solitarius),* o mutum de bico vermelho *(Crax blumenbacii)* a pomba picaçu *(Columba cayennensis),* uma maracanã *(Ara maracana?),* a jacutinga *(Pipile jacutinga),* o jacu pemba *(Penelope superciliaris),* o tuim *(Forpus xanthoterygius).*

O Padre Joseph de Anchieta, jesuíta justamente celebrado pela sua obra ímpar de evangelizador,[5] em sua famosa *Epístola quam plurinarum rerum naturalium quae S. Vicenti (nunc. St. Pauli) provinciam incolunt...,* redigida em 1560 e, ao que se diz, divulgada, em tradução italiana, por volta de 1562 (mas, em Portugal, só em 1799), mostra-se muito perfunctório no que respeita à avifauna.[6] Mas só na *História da província Santa Cruz* (Lisboa 1576), de Pero de Magalhães Gandavo,[7] onde se acrescentam ainda outros exemplos ao nosso incipiente inventário ornitológico, vemos aplicado a essas aves o nome de "ema", que estava fadado a substituir definitivamente o de "nandu", herdado dos índios.

Bem mais copiosa do que as resenhas anteriores é a contida no *Tratado descritivo do Brasil em 1587,* título conferido por Varnhagen ao manuscrito cuja autoria, depois dos estudos a que o submetera aquele insigne historiador, todos concordam em atribuir a Gabriel Soares de Sousa, colono português afazendado com engenho de açúcar durante dezessete anos no Recôncavo, da Bahia (entre os rios Jaguaripe e Jequiriçá). Nessa espécie de enciclopédia geográfica, admirável para a época, nada menos de doze capítulos (LXXVIII a LXXXIX) são dedicados às "aves que se criam na terra da Bahia de Todos os Santos", com indicação dos respectivos nomes vulgares, quase todos tomados à língua dos tupis, e não raro vigentes até os nossos dias.[8] 8

Nessa fase aurorial do recenseamento avifaunístico da terra brasileira merece ainda menção especial a contribuição contida no tratado *Do Clima e Terra do Brasil,* obra do padre Fernão Cardim,[9] que aqui aportando em 1583, 9 conosco permaneceria até o fim da vida (1625). Escritos, segundo Capistrano de Abreu, por volta de 1584, e pilhados em 1601 pelo pirata Francis Cook ao voltar aquele inaciano de uma viagem à Europa (1598), foram os seus manuscritos adquiridos depois pelo famoso coleccionador londrino Samuel Purchas, que deles faz uma primeira publicação, em inglês (1625), na ignorância completa de sua autoria. Pois só em nossos dias esta seria desvendada pelo supranomeado historiador patrício, a quem devemos a primeira edição integral do tratado em questão (1885), com base em códice da biblioteca de Évora. As aves referidas por Cardim são em número muito mais restrito do que as de Gabriel Soares; em compensação, as descrições, apesar dos defeitos e incorrecções inevitáveis, mostram-se ordinariamente muito mais completas e pormenorizadas, a ponto de nos permitirem determinar-lhes geralmente o sentido, ainda quando se haja omitido o nome daquilo a que se aplicam. Ademais, como lhe fosse familiar o litoral nordestino, pelo menos até Recife, é Cardim o primeiro a descrever várias espécies pertinentes à primitiva fauna plumada da região, como a guaruba *(Guaruba guarouba),* psitácida hoje confinado ao leste paraense, e o japu *(Ostinops decumanus).*[10]

Contemporâneas das de Gabriel Soares e Cardim são as notas contidas no *Diálogo das Grandezas do Brasil,* cuja autoria se atribui, com bons fundamentos a certo português, de nome Ambrósio Fernandes Brandão,[11] que

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

residiu em Pernambuco nos fins do século XVI (ao que se pensa, desde 1583), mas só no seguinte (1618) se ocupara da composição do livro. Interessantes como prova de que os lusos nem sempre se mostravam de todo indiferentes às coisas naturais das terras de além-mar, não é muito, porém, o que acrescentam ao que os antecessores haviam dito sobre o nosso assunto.[12] Não obstante, é dos lábios de um dos personagens do *Diálogo* em questão que sai a primeira notícia sobre o hábito, bastante curioso, que têm certos pássaros, como o japu, de instalar os seus ninhos na vizinhança das casas de marimbondo, cabendo-lhe assim remota prioridade no registro de um fato que muito mais tarde iriam confirmar, independentemente, vários observadores, tais como Wied, O. Pinto e A. Iglésias.[13]

Embora já do século XVII, pelo seu carácter de simples relatórios informativos, prendem-se ainda ao mesmo ciclo de crônicas os livros de Claude d'Abbeville e Yves d'Evreux, capuchinhos franceses vindos ao Maranhão por volta de 1612, em companhia de La Ravardière.[14] Na extensão dada à matéria de que aqui nos ocupamos, há muita diferença entre a *Histoire des choses plus memorables advenues en Maragnan és années 1631 et 1614* (Paris, 1615), do segundo; pois, enquanto d'Abbeville[15] pareceu empenhado em relacionar todas as aves de que teve conhecimento, limitou-se d'Evreux à citação de umas tantas que se lhe afiguraram mais dignas de reparo. Infelizmente, porque fosse ainda cedo para estudar a natureza com a necessária objetividade, entre os sessenta e tantos nomes indígenas de aves arrolados por d'Abbeville, poucos são acompanhados de descrições capazes de conduzir à identificação segura das espécies em causa. Essas descrições, além de breves em demasia, no geral se mostram muito falhas e incorretas, no atribuirem freqüentemente à ave descrita cores e características outras em tudo destoantes da realidade. O que, todavia, não impede que delas se colha, uma outra vez, alguma coisa interessante, como seja a primeira referência a respeito da juruva *(Momotus momota)* e do belo papagaio amazônico que figura em nossos catálogos com o nome de anacã *(Deroptyus accipitrinus)*, e é no livro do padre chamado "oyra rasoy".[16] Em d'Évreux, muito menos abundante no inventário, embora mais prolixo e saboroso no pouco que diz sobre o nosso tema, merece destaque (capítulo XL) a engenhosa explicação atribuida à pigmentação vermelha dos quarás *(Guara rubra)* e, descontando-se o esdrúxulo de certas interpretações, o que conta (capítulo XLVII) sobre o modo de vida dos alcatrazes *(Fregata magnificens)* e das "águias" *(Harpia harpyja?)*.

Nada abaixo das dos capuchinhos franceses, senão até superior a elas, porque acompanhada de desenhos, está, sob o nosso ponto de vista, a contribuição contida no curioso manuscrito redigido pelo seu luso companheiro de ordem Frei Cristóvão de Lisboa, chegado ao Brasil em 1624, como Qualificador do Santo Ofício.[17] Esta obra, depois de ter vivido mais de três séculos sepultada nos arquivos e dela só terem sido publicados apenas fragmentos, logrou afinal ser divulgada na íntegra em monumental edição facsimilar pelo Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa, sob os cuidados de seu antigo diretor, Dr. Alberto Iria.[18] Com todas as suas imperfeições ela assinala, entre nós, o fim de uma era em que, no tocante às nossas riquezas naturais tudo era apenas o fruto do espírito indagador de alguns raros observadores capazes de por elas se impressionar, mas carentes do preparo necessário para imprimir às suas notas qualquer tentativa de pesquisa metódica e orientação científica.[19] O que não significa, força é reconhecer, que contribuições da mesma índole não possam ser encontradas, aqui e acolá, nos anos vindos depois, dado serem elas antes o reflexo das peculiaridades de um determinado estilo ou nível de cultura, do que propriamente marcos de um período particular na história dos conhecimentos.

NOTAS

(1) Tentamos certa vez (*Papéis Avulsos do Departamento de Zoologia*, II, 1942, pág. 136 e segs.) determinar as aves mencionadas na carta de Pero Vaz de Caminha, manuscrito redigido em abril de 1500 e vindo pela primeira vez à luz em 1817, na *Corografia Brazilica* do Pe. M. Ayres de Cazal. Mas a começar pelos fura-buchos (*Puffinus puffinus* ?), observados ao largo da costa baiana, na manhã mesma do dia do descobrimento, verificamos a impossibilidade de chegar à identificação precisa das espécies que mais chamaram a atenção do viajante, como pombos e, principalmente, papagaios, no sentido lato. O assunto veio mais tarde inspirar eruditos comentários da parte de Jaime Cortesão, em seu conhecido estudo sobre o célebre documento, de que nos deu um *fac-simile* (*A carta de Pero Vaz de Caminha*, Rio de Janeiro, 1943).

(2) Em fins de1549, antecipando-se a João Sanabria, governador ("adelantado") recém-nomeado das províncias do Rio da Prata, partia da Espanha João Salazar, à testa de pequena esquadra, constituída de um patacho e duas caravelas. Após penosa viagem, durante a qual fora abordado e saqueado por corsários franceses, aportou João Salazar na ilha de Santa Catarina (25 de Novembro), onde já o havia precedido uma das caravelas, visto que a outra se perdera, sem que dela jamais se tivesse notícia. Ao depois, tentando prosseguir a viagem rumo ao seu destino, patacho e caravela naufragaram perto da costa, salvando-se porém os expedicionários, que dentro em pouco se desavieram entre si, bom número deles rumando por terra para Assunção, enquanto João Salazar e parte de sua gente seguiam por mar, em direção oposta, indo ter a São Vicente (1552). Resolvido, por sua vez, a alcançar Assunção, via terrestre, para lá partiu Salazar, deixando em São Vicente parte de seu pessoal, inclusive o arcabuzeiro da expedição, Hans Staden, alemão de nascimento, ao qual a terra brasileira, aliás, não era desconhecida por haver ele, anos antes, (Janeiro de 1548) visitado o nosso nordeste (Pernambuco), a serviço de Portugal. Ao arcabuzeiro não foi difícil encontrar logo ocupação, sendo-lhe confiada a defesa do Forte de São Felipe, recém-construído pelos portugueses na ilha de Santo Amaro, defronte da povoação litorânea de Bertioga (Estado de São Paulo, perto de Santos). Foi ali que, tendo saído certo dia a caçar nas matas de terra firme, surpreenderam-no os índios tupinambás, que o levaram para a sua taba, como prisioneiro, conservando-o sob cativeiro, até que milagrosas circunstâncias o fizesse ser resgatado pelos franceses, de quem os índios supunham ser êle compatriota, e dos quais eram amigos. De volta à Europa, não demorou Hans Staden a relatar as suas aventuras no

famoso livro das *Duas Viagens ao Brasil*, cuja edição princeps, saída em Marburgo, data de 1557. A essa primeira edição seguiram-se muitas outras (mais de cinqüenta, segundo H. Baldus, *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*) em diversos idiomas, até que em 1892 surge uma em língua portuguesa, feita pela tradução francesa de Ternaux-Coupans por Tristão de Alencar Araripe, e dada a lume na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (tomo 55, págs. 267-360). A esta se seguiram, em português, a edição de A. Loefgren (São Paulo, 1900), uma versão popular e incompleta, por Monteiro Lobato (São Paulo, 1925), e a edição, completada e castigada, da Sociedade Hans Staden (São Paulo, 1942), com introdução e notas de Francisco de Assis Carvalho Franco.

(3) Filho de Angoulême, na França (Depart. Charente), sabe-se que André Thevet, após estudos sumários, ingressara muito cedo na ordem fundada por São Francisco de Assis, muito embora viesse a demonstrar sua bem pouca inclinação pelos assuntos teológicos. Pelo contrário, dotado de extrema curiosidade por tudo quanto caísse na órbita de seus apoucados conhecimentos científicos, tanto importava a Thevet coleccionar o que lhe parecesse mais raro, ou singular, como peregrinar pelas terras e países aptos a proporcionar-lhe surpresas nesse terreno. Por isso, não teve dúvida em aceitar o convite do vice-almirante Nicolas Durand de Villegaignon, ardente prosélito da reforma religiosa instituída por Calvino (1536), para acompanhá-lo em sua expedição militar ao sul do Brasil, onde Henrique II, instigado pelo almirante Gaspar de Coligny, imaginara lançar os fundamentos de uma "França Antártica". Em fins de 1555 (13 de Novembro), após quatro meses de viagem marítima, aportaram na baía de Guanabara, então habitada pelos índios Tupinambás, com que os expedicionários entraram em boas relações, graças às quais durante três meses, que mais não durou a sua permanência no Brasil, pode Thevet reunir copiosa bagagem de observações sobre as peculiaridades do lugar e, particularmente, sobre o modo de vida e os costumes daqueles primitivos moradores do nosso litoral. No tocante à história natural, assunto que o nosso missionário estava, naturalmente, muito mal preparado para versar, interessa-nos sobretudo a parte, aliás pequena, referente às aves que a seguir vamos nomear, tomando por base a clássica edição das *Singularitez* publicada por Paul Gaffarel (Paris, 1878).

"Carinde" está por "canindé", nome de que ainda goza a arara de costas azuis e ventre amarelo, *Ara ararauna* Linné.

"Tucan" (tucano), provavelmente a espécie de papo amarelo, *Ramphastos dicolorus* Linn., até hoje relativamente comum no que resta das matas do Brasil este-meridional.

"Arat" ("ará" dos índios, mudado em "arara" pelos luso-brasileiros) corresponde aqui à arara vermelha, de asa verde-amarela, *Ara chloroptera* Gray.

"Aioroub" tem todas as probabilidades de ser o papagaio maior, dito "moleiro", *Amazona farinosa* (Boddaert), ainda em nossos dias conhecido por "juru", ou variantes (como ajuru, ajeru, etc.).

"Marganas", está por "maracanãs", nome dado correntemente às ararinhas verdes, sem que seja possível precisar aqui a espécie em causa.

"Panou" afigura-se-nos estar por "pavon" e, como se depreende das características apontadas (plumagem negra com grande nódoa vermelha no peito), refere-se ao grande cotíngida *Pyroderus scutatus* (Shaw), ainda hoje chamado vulgarmente "pavó" e, às vezes, "pavão". Cf. O. Pinto, *Catálogo das Aves do Brasil,* 2.ª parte, pág. 54.

"Anou" é o "anu", ou "anum", da espécie vulgar, *Crotophaga ani* Linn.

"Quiapian" parece corresponder ao "tié-piranga" (de que tapiranga é simples corruptela do falar corrente, ou seja o belo tráupida que os ornitólogos batizaram com o nome de *Ramphocelus bresilius* (Linné).

"Goñabuch", que os nossos velhos cronistas e missionários, como Anchieta, escreviam "guainumbi", era o nome dado pelos tupis aos beija-flores sem distinção de espécie, coisa só tornada possível aos que, a partir de Marcgrave, se puseram a estudá-los cientificamente.

(4) Jean de Léry (1534-1611), cujo entusiasmo pela Reforma religiosa forçara a deixar a França e refugiar-se em Genebra, tornada baluarte do protestantismo, foi um dos que, "tanto pela vontade de Deus como por curiosidade de ver o mundo", se decidiram a vir para o Brasil, em companhia de Bois-le-Conte, comandante de uma pequena esquadra encarregada de trazer reforços para o seu tio Villegaignon. Aqui aportando no começo de 1557 (26 de Fevereiro), após mais de três meses de viagem, não chegou Lery a permanecer um ano entre nós, pois já em Janeiro de 1558 embarcava de volta para a Europa. Em sua *Histoire d'un voyage faict en la terre du Brésil...* (La Rochelle, 1578), como bom protestante, de envolta com violentas diatribes contra o seu antecessor católico, conta-nos as peripécias de sua estada entre nós, detendo-se principalmente na descrição do modo

de vida dos selvagens, e em assuntos de religião. Sóbrio em informações sobre a história natural, pouco mais copiosa do que a de Thevet é a resenha das aves observadas pelo nosso zeloso calvinista, ou dele conhecidas apenas pelos nomes que vamos enumerar, tomando por base a edição de Paul Gaffarel (Paris, 1880):

Deveria tam- / bém "Upec" / também separar co- / mo foi feito com / o Thevet". O / mesmo nos / casos análogos.

Upec ("peca", ou "ipeca", dos atuais vocabultários): nome em geral de patos e marrecos.
Iacoutin (= Jacutinga): *Pipile jacutinga* (Spix)
Iacouassou (=jacu-açu): *Penelone obscura* Temminck
Mouton (= mutum): *Crax blumenchachii* (Spix)
Macacoua (= macucauá, macuco): *Tinamus solitarius* (Vieillott)
Inambou- ouassou (= inambu-guaçu): *Crypturellus obsoletus* (Temm.)
Inamboumiri (= inambu-mirim, nambuzinho): *Crypturellus tatauna* (Temm.)
Pegassou (= picaçu): *Columba cayennensis* Bonnaterre
Arat (= ará, arara): *Ara chloroptera* Gray
Canidé (= canindé): *Ara ararauna* (Linné)
Aiourou (= ajuru): *Amazona farinosa* (Boodaert)
Marganaz (= maracanãs): ararinha, espécie incerta.
Toüs (= tuim): periquitinho, talvez *Forpus passerinus* Linn.
Toucan (= tucano): *Ramphastos dicolorus* Linné
Panon (aparentemente por "pavon", pavó): *Pyroderus scutatus* (Shaw)
Quiampian (= guira-piranga?): *Ramphocelus bresilus* (Linné)
Gnonambuch (= guainumbi): nome genérico dos beija-flores

Há ainda referência a uma ave anônima, de vida noturna e voz plangente, que parece ser o urutau, ou mãe-da-lua, *Nyctibius griseus* (Gmelin), dos ornitologistas.

(5) Descendente de família biscainha aparentada com a dos Loyola, nasceu José Anchieta em São Cristovão de Laguna (19 de Março de 1534), capital da ilha de Tenerife, arquipélago das Canárias, como terceiro de dez filhos do casal Juan de Anchieta e Mencia Dias de Clavijo y Llarena. Concluídas as primeiras letras em casa de seus pais, foi por estes mandado para Coimbra (1550), em cuja Universidade se distinguiu pela sua "aplicação aos estudos, o talento literário e o fervor religioso". Não é pois de admirar ingressasse já no ano seguinte na Companhia de Jesus, que em 1553 (8 de Maio) o

fazia embarcar para o Brasil, com mais sete missionários, na frota do segundo Governador Geral, D. Duarte da Costa. Chegando à Bahia (15 de Julho, na ausência do provincial Manuel da Nóbrega, que se achava em São Vicente, não tardou a ser chamado por este, a tempo de, subindo a serra em companhia de outros irmãos, tomar parte na fundação da aldeia de Piratininga (Janeiro de 1554), onde, dois anos mais tarde (Janeiro de 1556, seria fundado o respectivo Colégio, que tanta influência exerceria no crescimento do incipiente povoado, origem da atual cidade de São Paulo. Desde então passou Anchieta a exercer o seu apostolado, ora em São Vicente, ora em Piratininga, vivendo na intimidade dos índios, e não raro se expondo aos maiores perigos. em arriscadas missões de paz e catequese. Daí o minucioso conhecimento das condições do clima e das "coisas naturais da Capitania de São Vicente" revelado na carta, ou relatório, que endereçou de São Vicente ao Padre Geral, "no último dia de Maio de 1560". Anchieta morreu em meados (9 de Julho) de 1957, em Reritiba (chamada mais tarde Benevente), hoje Anchieta, na costa do Estado do Espírito Santo.

Rever este capítulo!
/o
/am

(6) Pena é que Anchieta, referindo-se à fauna tenha concedido às aves lugar muito secundário, limitando-se a citar alguns exemplos, entre os quais merece registro a observação, já feita por H. Staden, de que a *"guará"* "passa por uma metamorfose, como que perpétua, pois na primeira idade cobre-se de penas brancas, que depois se transforma em côr-de-cinza... e por fim ornam-se de uma côr purpúrea lindíssima". É Anchieta o primeiro a fazer menção, anônimamente embora, do pinguim (*Spleniscus magellanicus*), "ave marinha semelhante à ádem, que, em lugar de asas, tem pequenos membros, vestidos de macia penugem", além de ter "os pés quase na cauda, de maneira que não podem sustentar o corpo e só lhe servem para nadar". Participando, porém, da credulidade de seus contemporâneos, acha que os beija-flores, "chamados guainumbi, alimentam-se só de orvalho", havendo deles "vários gêneros dos quais um, afirmam todos, que se gera de borboletas". Parece também o primeiro a falar da anhuma, que é muito grande e quando grita parece o zurrar de um asno", tendo ainda, "em cada asa como que três (sic) cornos, um também na cabeça". Vide a edição brasileira, largamente comentada, da carta de Anchieta sobre as "coisas naturais da Capitania de São Vicente", na série *Cartas Jesuísticas,* vol. III, cap. X, págs. 103-143 (Civilização Brasileira S.A., 1933).

(7) Pero de Magalhães Gandavo, natural de Braga, mas cujo nome inculca a ascendência holandesa (era filho de um flamengo de Gand), é autor do que se supõe ter sido o primeiro livro sobre a História do Brasil. Intitulado *História da Província Santa Cruz,*

teve este precioso opúsculo sua primeira edição, hoje raríssima, publicada em Lisboa (tipografia de Antônio Gonçalves, 1576); modernamente, o conhecido historiador Assis Cintra deu-no-lo novamente à estampa (São Paulo, 1921, Cia. Melhoramentos), acrescido de interessantes informações bibliográficas. Ocupando-se muito mais de geografia, em seu amplo sentido, do que de história, Gandavo concede bastante espaço aos assuntos de História Natural; mas é breve no que respeita às aves, "por serem tão diversas e em tanta quantidade", embora preste atenção relativamente grande aos papagaios e mais membros da respectiva família. Entre outras informações, alude ao processo usado pelos índios para obter os "papagaios contrafeitos", friccionando localmente a pele, préviamente depenada, com o "sangue de certas rãs".

(8) Segundo Frei Vicente do Salvador (*História do Brasil*, ed. Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1954, p. 182), Gabriel Soares foi um dos que, por volta de 1569, aqui ficaram da expedição de Francisco Barreto, quando este, a caminho de Moçambique, se viu forçado a arribar em nossas costas. Ignora-se não só a filiação como a própria terra de seu nascimento, que Varnhagen, não obstante, supõe situada no Riba-Tejo, não longe da confluência de Zêzere. Fixando-se no recôncavo da Baía de Todos os Santos, não longe da actual cidade de Nazaré, levou Gabriel Soares ali durante dezessete anos vida sedentária de lavrador e senhor de engenho, para passar-se mais tarde (1586) para a Península, em busca de títulos e vantagens oficiais. É de crer que só então tenha resolvido "tirar a limpo" as "lembranças", ou notas, trazidas do Brasil, dando-lhes a forma de relatório "em que se contém o que pude alcançar da cosmographia e descrição d'este Estado", como ele próprio declara, em dedicatória datada de Madri, 1587 (conf. *Tratado Descriptivo do Brasil em 1587*, 5.ª ed., Cia. Editora Nacional, 1938, pág. XIV) a Companhia Editora Nacional, reimprimiu a obra em 7.ª edição (1971). Alcançando as honrarias e concessões que ambicionava, regressou Gabriel Soares ao Brasil em 1591 com o título de "capitão-mor" e "governador da conquista e descobrimento do Rio São Francisco", por força do qual, como legítimo bandeirante, internou-se pelos sertões banhados pelo rio Paraguaçu, em cujas cabeceiras, esgotado por inúmeros reveses e consumido pela doença, não tardou a falecer. Pelo testamento deixado na Bahia (Agosto de 1584), sabe-se que era casado, mas não deixara descendentes. Os manuscritos de Soares, muitas vezes recopiados, sem que lhes conhecesse a autoria, vieram pela primeira vez a lume no começo do século XIX, sob o título de *Descrição Geográfica da América Portuguesa*, graças ao notável botânico patrício Frei Mariano da Conceição Veloso, então diretor

da Tipografia do Arco do Cego, em Lisboa. A esta primeira edição, incompleta (*) e de todo despercebida dos contemporâneos, como Aires de Cazal, Robert Southey e Ferdinand Denis, que continuaram a valer-se dos citados manuscritos, seguiu-se em 1825 a da Academia Real das Ciências, de Lisboa, com o título de *Notícia do Brasil;* mas só em 1851, graças ao persistente esforço de nosso eminente historiador Francisco Adolfo Varnhagen, logrou a obra de Soares sair do anonimato em que vivia, recebendo a sua edição definitiva, sob o título de *Tratado Descriptivo do Brazil,* nas páginas do tomo XIV da *Revista do Instituto Geográfico e Histórico* (Rio de Janeiro, 1851). É de 1945 a 6.ª edição, (editada pela Livraria Martins, S.P.), (Biblioteca Histórica Brasileira, XVI), vinda a lume com o velho título de *Notícia do Brasil,* e enriquecida de extensa introdução e exaustivos comentários de M. A. Pirajá da Silva. Mas é quase de nossos dias a edição monumental da obra de Gabriel Soares, 8.ª edição, devida a Edgard de Cerqueira Falcão, que a incluiu na série de seus *Brasiliensia Documenta,* Vol. VII, acrescida de comentários sobre a terminologia tupi, da lavra do Prof. Frederico Edelweiss.

(9) Para o ornitologista, infelizmente, há bem pouca coisa aproveitável nessa contribuição, tudo fazendo crer que o seu autor, muito melhor geógrafo e botânico do que zoologista, ao redigi-la se valera apenas da lembrança do que vira ou ouvira durante a sua estada no Brasil, de modo que só pelos nomes vulgares, guia já de si muito traiçoeiro, é possível identificar, com maior ou menor precisão, as espécies de que se ocupa. Pois, em verdade, mal merecem o nome de descrições as breves referências às peculiaridades de cada qual, não só pelo que têm de incompleto e vago, como pelas flagrantes confusões e erros a que frequentemente o seu autor não pode furtar-se. Sob esse ponto de vista, podemos distribuir as aves mencionadas por Gabriel Soares em quatro categorias, conforme a sua identidade: a) não deixe margem a dúvidas; b) só vaga ou aproximadamente possa ser determinada, por tratar-se antes de gêneros, ou grupos de espécies entre si aparentadas; c) mostre-se mais ou menos problemática; d) ou seja de todo impraticável. Pertencem ao primeiro grupo, entre

---

(*) Não obstante isso ser voz geral, verifiquei e comprovei ter sido o texto impresso na íntegra, embora não terminado o acabamento gráfico por discordância violenta entre Frei José Mariano da Conceição Veloso e o Min. Rodrigo de Souza Coutinho, que depois de haver autorizado a edição, mandou destruí-la, tornando-a extremamente rara.

Vide *Notícia do Brasil,* Vol. VII da *Brasiliensia Documenta,* 1974, pág. 486.

(NOTA DE E.C.F.)

outras, nhandu (*Rhea americana*), nhapupé (*Rhynchotus rufescens*), macucagoá (*Tinamus solitarius*), aracoã (*Ortalis aracuan*), *tuiuiu* (*Jabiru mycteria*), cacaoam (*Herpepetotheres cachinnans*), canindé (*Ara ararauna*), arara (*Ara chloroptera*), ageruaçu (*Amazona farinosa*), agorueté (*Amazona aestiva*), corica (*Amazona amazonica*), anu (*Crotonhaga ani*), jabacatim (*Megaceryle torquata*), carapirá (*Fregata magnificens*), urubutinga (*Sarcorhamphus papa*), tié-piranga (*Ramphocelus bresilius*); ao segundo, as tratadas englobadamente sob as denominações de tucanos (*Ramphastos*), juritis (*Leptotila*), piquepebas (*Columbigallina*), garirama (*Chloroceryle*), saracura (*Aramides*), matuim (*Charadriidae*), guainambi (*Trochilidae*), uapicu (*Picidae*); ao terceiro, caracará (*Milvago chimachima*), cabureaçu (*Harpyia harpija*), uirateonteon (*Belonopterus cajennensis?*), pitaoão (*Pitangus sulphuratus?*), sica (*Triclaria malachitacea?*), uraenhangatá (*Tangara violacea?*); ao quarto, entre muitos, jacuaçu, carabuçu, urateom, tupiana, urandi, atiaçu, uanandi, saiubuí. Algumas citações dão a medida dos conhecimentos de Soares em matéria de biologia geral e da experiência pessoal que adquirira de nossas aves. De "aiaiá", provavelmente uma cegonha (*Ajaia ajaja*), de "cabo do bico amassado como pata", diz que fazem "ninho em árvores altas e mantêm-se da fruta delas"; do "suiriri", certamente um tirânida, informa que "se mantém de bichinhos e formigas" e "se criam em gaiolas, onde cantam muito bem"; da "tiejuba", que "mantém-se de pedrinhas que apanham pelo chão".

(10) Conforme diz Rodolfo Garcia, a vida do padre Fernão Cardim é quase desconhecida, sendo também incerta a data de seu nascimento, que há razões para se fixar em 1548, ou poucos anos depois. Natural de Viana de Alvito, arcebispado de Évora, pertencia a importante família de Portugal, muitos dos quais seguiram a vida religiosa, missionando com brilho nas regiões longínquas onde a Companhia de Jesus resolvera estender o seu apostolado. Veio para o Brasil em 1583, chegando à Bahia em 9 de Maio, na companhia do padre visitador Christovão de Gouveia, que sempre o teve ao seu lado nas missões jesuíticas empreendidas entre 1583 a 1590 pelo nosso litoral, desde Pernambuco até São Vicente, como ele próprio nos conta em minuciosa *Informação*, endereçada naquele último ano ao padre Provincial, em Portugal, na sua qualidade de Reitor do Colégio da Bahia. Em 1596 era Reitor do Colégio de São Sebastião do Rio de Janeiro, e dois anos depois, eleito Procurador da Província do Brasil, em Roma, segue para essa cidade, de onde mais tarde se passa para Lisboa. É desta cidade que em fins de 1601 (24 de Setembro) embarca de volta para o Brasil, sendo o seu navio surpreendido pelos corsários comandados pelo Capitão Cook, de Dartmouth, que o levam consigo para a Inglaterra, apossando-se ao mesmo tempo dos

MUSEU DE ZOOLOGIA DA USP
BIBLIOTECA
6293

seus manuscritos. Retornando ao Brasil em 1604, assume três anos mais tarde, pela segunda vez, o posto de Reitor do Colégio da Bahia, no desempenho do qual se achava na ocasião em que os holandeses, apoderando-se da cidade (1624), expulsam de sua sede os religiosos, que se refugiam na aldeia do Espírito Santo (hoje Abrantes), onde, logo no ano seguinte (27 de Janeiro), Cardim termina os seus dias, aos 77 anos de idade presumíveis. Além do *Tratado* e da *Informação* anteriormente referidos, deve-se ainda ao nosso inaciano uma longa dissertação que trata "Do princípio e origem dos Índios do Brasil", inserta como as anteriores na preciosa coletânea intitulada por Afrânio Peixoto *Tratados da Terra e Gente do Brasil,* e publicada em 1925 (José Leite & Cia. Editores, Rio de Janeiro), com eruditas notas de Rodolfo Garcia.

(11) No que respeita às aves a contribuição de Cardim é deveras interessante, já pelo cuidado posto na descrição de muitas espécies, já pelas notas biológicas que freqüentemente as acompanham. Mais o objectivo exacto deste capítulo do que Soares, para quem "querejuá" são uns passarinhos todos azuis de cor finíssima, que andam sempre por cima das árvores, onde criam e se mantêm com o fruto delas, e cantam muito bem", ensina-nos o nosso jesuíta que o "quereiuá" (*Cotinga maculata*) "é dos mais estimados pássaros da terra, não pelo canto, mas pela formosura da pena". Omitindo-lhe embora o nome, refere-se em ele termos inequívocos ao jacamim (*Psophia viridis* Spix, muito provavelmente), chamando a atenção para os "grandes brados" que dá, por ter "a guela muito grande, começa na cabeça e sai ao longo da carne, e couro, e chega ao cedo, e faz a volta, e torna-se a meter no papo".

(12) Estas são pelo menos as conclusões a que, seguindo, as pegadas de Varnhagen *História Geral do Brasil,* 3.ª, vol. III, p. 122), chegara Capistrano de Abreu, esse genial decifrador de enigmas históricos, em artigo utilizado, mais tarde, como prefácio à edição dos *Diálogos,* feita sob os auspícios da Academia Brasileira de Letras (Rio de Janeiro, 1930), com lúcidos comentários de Rodolpho Garcia.

(13) Ocupando-se, pouco antes de Marcgrave, com a avifauna de Pernambuco, são de Brandônio, principal interlocutor dos *Diálogos,* as primeiras notícias sobre algumas espécies, endêmicas na região, tais como o saci, lá chamado ainda hoje "peitica" (*Tapera naevia*), tão molesta e agourenta para o gentio da terra, que os obriga a fazer grandes extremos, quando a topam ou ouvem cantar"; as "seriemas" (*Cariama cristata*), "as quais se ajudam dos pés e asas

pra correr, com o que ficam sendo velocíssimas, sem nunca se alevantarem da terra"; a "garataurana" (*Spizaëtus ornatus?*), grande gavião-de-penacho "que, como um rei lhe criou a natureza coroa na cabeça", a par da valentia e fereza, demonstradas com a narrativa de curioso caso verídico. Estes exemplos provam sobejamente ter sido o autor dos *Diálogos* pessoa esclarecida, talvez filha de Pernambuco, mas que, como opina Varnhagen, "em todo caso parece que a passara a estudar em Portugal", pois na espécie indígena de certos grupos, como no das aves noturnas, julgou reconhecer todas as que lá se conhecem, "e ainda outras que nunca lá se viram".

(13) Registraram esses três observadores o fato nos pequenos tirânidas do gênero *Todirostrum*, vulgarmente chamados, conforme os lugares, "ferreirinho", "teque-teque", "relógio" etc. Cf. Maximiliano de Wied, *Viagem ao Brasil* (Cia. Edit. Nac., 2.ª ed., São Paulo, 1958), págs. 148 e 149, nota 292.

(14) Daniel de la Touche, senhor de La Ravardière, que já estivera antes (1604) nas costas da Guiana Francesa, e acabara de receber da rainha regente Maria de Médicis a concessão para fundar uma colônia ao sul da Linha Equinoxial (1610), partiu de França rumo ao norte do Brasil (19 de Março de 1612), trazendo em sua companhia quatro padres capuchinhos, entre os quais Yves d'Évreux e Claude d'Abbeville. Sabe-se como foi curta a ocupação do litoral maranhense pelos invasores, pois a despeito das fortificações que mandaram erguer onde é hoje a cidade de São Luís, já em fins de 1615 eram expulsos, como antes haviam sido do Rio de Janeiro os companheiros de Villegaignon. Mais breve foi ainda a permanência dos dois missionários sendo que a do padre d'Abbeville não foi além de quatro meses, bem aproveitados na observação e registro de tudo quanto lhe pareceu mais surpreendente e digno de nota.

(15) Como ficou dito, e sem embargo das restrições feitas, é assás copiosa no livro de d'Abbeville a lista de aves da Ilha do Maranhão. Passaremos a enumerar algumas entre as cujas espécies nos parecem mais suscetíveis de segura identificação, além das duas mencionadas antes: "ouyra ouassou", ou uiraçu, que outro não é senão o chamado gavião real (*Harnia harpyja*), "de olhos medonhos e redondos" e de "tal fúria e força que pode agarrar e estraçalhar um carneiro"; "ouyrassou-on" (uiraçu-una, *Hypomorphnus urubitinga*); "ouyra-ioup" (uira-juba, *Guaruba guarouba*), "amarelo como ouro fino, salvo nas extremidades das asas e da cauda (sic), que são de um verde muito bonito"; "canidé", canindé (*Ara ararauna*); "ara" (arara vermelha, *Ara chlorortera*); "myoton" (mutum-pinima, *Crax fasciolata*); "ourou" (uru, *Odontorhorus guianensis*); "aroumara" (arumará, graúna, *Gnorimopsar chopi*); "caurara" (guará, *Guara*

/p /p

rubra); "kary-pyra" (grapirá, *Fregata magnificens*); "touiouiouch" (tuiuiú, *Jabiru mycteria*); "iaourou" (jaburu, cabeça sêca, *Mycteria americana*); "salian" (sariama, seriema, *Cariama cristata*). Identificáveis como denominação genérica estão, entre outras, "margana" (maracanã, *Ara sp.*), "iacou" (jacu, *Penelope* sp.), "aracouan" (aracuã, *Ortalis* sp.), "toucan" (tucano, *Ramphastos* sp.), "arasary" (araçari, *Pteroglossus* sp.), "sauia" (sabiá, *Turdus,* sp.), "keré-ioua" (crejoá, *Cotinga maculata*), "ierouty" (juriti, *Leptotila* sp.), "picassou" (picaçu, pocaçu, *Columba* sp.). Alguns nomes, como "ouénonbouyh" (guainumbi, beija-flores, *Trochilidae* em geral) e "yaty" (gaivotas e afins, *Laridae*), abrangem famílias inteiras, enquanto outros são pouco menos que enigmáticos, como "euruuaia" (erivaiá). Há também inequívoca descrição, embora anônima, da anhuma (*Anhuma cornuta*).

(16) De assombrosa credulidade e, na maioria das vezes, evidentemente exagerado, nenhum empenho faz Yves d'Évreux para separar o fabuloso do verdadeiro quando (livro I, capítulo XL) fala das aves maranhenses, "das quais diria maravilhas, si outros já não o tivessem feito". Contudo, referindo-se aos guarás (*Guara rubra*), destaca "uma espécie singular de aves aquáticas vermelhas, cuja pena e carne são cor escarlate, dando-se a particularidade de serem brancas quando saem do ovo", tornando-se depois escuras e, em seguida, "meio pardas e meio vermelhas", e acabando por ficarem totalmente rubras, passando assim por quatro mudanças". Em compensação, falando do talhar-mar (*Phynchops nigra*), como se escrevesse em plena Idade Média, aceita como verdade que, tendo eles "por bico duas facas, embutidas em seus cabos... só vivem do vento, porque essas facas cortantes não lhes servem senão de passatempo quando passeiam pelas praias..." Acha que as águias (cap. XLVII) "não são tão grandes como no velho mundo, porém são mais furiosas, atrevidas e valentes, que acometem os homens" e, referindo-se a uma cujo ninho o levaram a conhecer, "tinham cortado ramos mais grossos do que uma côxa de homem, e feito tão boas acomodações que melhores não faziam doze homens".

/R

(17) Com os títulos de Custódio, Visitador e Comissário da Inquisição, Frei Cristóvão de Lisboa, ou, como escreve Frei Vicente do Salvador (*História do Brasil,* livro V, capít. XLVIII), Frei Cristóvão Severim, que era irmão do célebre historiador e antiquário português Manuel Severim de Faria, partiu de Lisboa, com outros capuchinhos, a 25 de Março de 1624, em companhia de Francisco de Albuquerque Coelho de Carvalho, governador de Pernambuco, chegando em São Luís do Maranhão a 16 de Agosto do mesmo ano (cf. Capistrano de Abreu, Prolegômenos ao livro V da *História* supramencio-

nada). Ignora-se quase tudo que diz respeito às suas peregrinações pelo Brasil, constando, porém, que depois de deixar o Maranhão, marchou "por terra, padecendo grandes fomes e sedes e guerras dos gentios tapuias" (V. do Salvador, *História,* loc. cit.), rumo ao Ceará, e alcançou mais tarde Pernambuco, "onde Matias de Albuquerque o reteve até os holandeses serem expulsos da Bahia", de modo que só assumiu o cargo a 3 de Setembro de 1626" (C. de Abreu, loc. cit.). Escasseiam pormenores sobre a sua vida a partir daí.

(18) Descobertos quase em nossos dias (1933) no Arquivo Histórico Colonial, de Lisboa, conforme a notícia a seu respeito publicada por Luiz de Pina (na revista *Brasília,* vol. I, 1942, pp. 307-330), compõe-se esse códice, intitulado *História dos Animais e Árvores do Maranhão,* de 194 folhas, das quais as 163 primeiras contém apenas desenhos, enquanto que as restantes a parte descritiva. Tivemos em mãos cópias fotográficas de 35 das primeiras, com cerca de quarenta desenhos a bico de pena, bastante primitivos, é bem verdade, mas "valiosíssimos", ainda assim na tarefa de identificar as espécies respectivas, com auxílio dos nomes que as acompanham, e, em menor escala, das breves e imperfeitas descrições, pois, como diz Pina, "a parte literária não acompanha a iconografia em valor e rigor". Sobe a cerca de 75 o número das aves maranhenses alistadas por Frei Cristovão, sem falar nos morcegos, duas vezes incluídos entre elas, sob o nome indígena de "andura". Entre as cuja identidade pode ser apurada com segurança estão "teieiu" (*Jabiru mycteria*), "Jaboru" (*Mycteria americana*), "magoarim" (*Ardea cocoi*), "guaratingaçu" (*Casmerodius albus*), "guaratinga mirim" (*Leucophoyx thula*), "ayapa" (*Cochlearius cochlearia*), "aiaiá" (*Ajaia ajaja*), "upeca" (*Cairina moschata*), "guarauna" (*Plegadis falcinellus*), "caran" (*Aramus guarauna*), "ourariaman" (*Megaceryle torquata*), "guara" (*Guara rubra*), "arasari tocano" (*Pteroglossus bitorquatus*), "hena yandu" (*Rhea americana*), "ynambuasu" (*Tinamus tao*), "motum" (*Crax fasciolata*), "aracoan" (*Ortalis superciliares*), "tinguara" (*Chiroxiphia pareola*), "japihi" (*Cacicus pela*), "araruna" (*Anodorhynchus hiacynthinus*), "canindé" (*Ara ararauna*), "guarauna" (*Gnorimopsar chopi*), "jandaya" (*Aratinga jandaya*), "aiuru-ite" (*Amazona aestiva*), "mohi do Pará" (*Mitu mitu*). Excluiram-se deste rol as denominações cabíveis a mais de uma espécie, como "arara", que abrange as duas espécies vermelhas desse nome, "guanembu" (beija-flores), "jeruti" (pombos) etc.

(19) Tenha-se em mente que à época em que foram redigidos tais ensaios de estilo medieval, a Ornitologia estava ainda por nascer, não escapando à regra a vasta *História Animalium* do suíço Conrad

Gesner (1516-1565), cujo volume III, relativo às Aves, data de 1555, nem os três tomos de *Ornitologia* (vindos a lume entre 1599 e 1603) do bolonhês Ulisse Aldrovandus (1527-1605). Embora levando alguma vantagem sobre as obras desses precursores, pelo vulto da contribuição pessoal, *La Histoire de la nature des oyseaux,* do francês Belon (1517-1564), aparecida no mesmo ano do livro de Gesner, afina ainda pelo mesmo diapasão. Só com a introdução do método e do novo estilo, da classificação, obra em que dois inglêses, Francis Willughby (1635-1672) e John Ray (1628-1705), com a publicação de sua *Ornithologia libri tres* (Londres, 1676), foram os grandes pioneiros, ingressa o estudo das Aves na era científica.

II

O NORDESTE BRASILEIRO, OCUPADO PELOS FLAMENGOS, É OBJETO DA PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO CIENTÍFICO DA FLORA E DA FAUNA INDÍGENAS

Sem incentivos nem meios para acompanhar as nações mais adiantadas no campo dos estudos, e tendo as portas hermeticamente fechadas pela metrópole à curiosidade dos estrangeiros, durante três séculos arriscava-se o Brasil colonial a permanecer *terra ignota* para os naturalistas, não fosse o acidente introduzido em sua história pela momentânea ocupação do nordeste pelos holandeses, no curso da primeira metade do século XVII. É que, preocupada em consolidar as suas conquistas e explorá-las em seu benefício até o limite do possível, resolvera a Companhia das Índias Ocidentais em confiá-las a um administrador de larga visão, igualmente interessado na prosperidade material dos territórios sujeitos ao seu domínio e no brilho que só às obras da inteligência cabe conferir aos responsáveis pelos seus destinos. Esse administrador, sabemo-lo todos, foi o Conde, mais tarde Príncipe, Maurício de Nassau-Siegen, que, chegando a

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Pernambuco em janeiro de 1637, empenhara-se por ter em torno de si luzido séquito de artistas e homens de ciência, entre os quais devemos destacar, pela contribuição prestada à história natural da região, o médico holandês Willem Piso (1611-1678) e o astrônomo Jorge Marcgrave (1610-1644), filho de Liebstadt, na Alemanha.[1] Este último, sobretudo, reclama a nossa atenção, autor que seria da famosa *Historia Naturalis Brasiliae* (Amsterdam, 1648), primeiro monumento erguido ao estudo científico da nossa biota, e, como tal, base de todas as espécies brasileiras incluidas por Lineu na 10.ª edição de seu *Systema Naturae* (1758), esta, por sua vez, pedra angular da nomenclatura zoológica hoje universalmente adotada. Falecendo prematuramente, vítima de febres contraídas em Luanda, para onde seguira por ocasião do regresso do Príncipe à Europa, não pôde Marcgrave assistir à impressão de seus manuscritos, que foi confiada a Johannes de Laet (1595-1649), um dos directores da Companhia das Índias Ocidentais, e pessoa que era de supor-se especialmente qualificada para o mister, visto ser autor, ele próprio, de uma obra intitulada *Novus Orbis* (Leiden, 1633) em que, juntamente com os materiais extraídos de publicações e manuscritos aparecidos anteriormente, aproveitam-se informações colhidas de testemunhas coevas sobre a geografia e as produções naturais do Novo Continente.[2] Disso resultou ressentir-se o livro de Marcgrave de imperfeições, tanto maiores quanto os originais haviam sido escritos prudentemente em cifra e, como consequência, crescerem, por vezes, as dificuldades na identificação das espécies, mau-grado o cuidado posto nas respectivas descrições e o emprego frequente de desenhos para elucidá-las. Muitas daquelas imperfeições correm evidentemente por conta do editor da obra, que, por exemplo, à falta dos necessários conhecimentos de História Natural para seguir método mais adequado na divisão dos capítulos, ora separa em secções diferentes formas estreitamente aparentadas, ora situa, lado a lado, outras sem próxima afinidade. Com referência às ilustrações, sobre serem gravuras em madeira, de grosseira feitura, não raro foram encaixadas no texto em lugar impróprio, como H. Lichtenstein (1780-1857)[3] foi o primeiro a demonstrar, no minucioso estudo crítico que, antes de qualquer outro, emprendera sobre o livro em questão, baseando-se nos desenhos originais utilizados ali como modelo, e redescobertos pouco antes.[4]

A parte (Livro V, pags. 190-220) referente às aves na *Historia Naturalis Brasiliae* é constituída de 113 descrições e 54 figuras, abrangendo toda a avifauna nordestina no que ela apresentava de mais conspícuo, inclusive muitas espécies que o desbravamento crescente da região fizera desaparecer, confinando-as em latitudes mais setentrionais (v.g. *Guara rubra, Guaruba guarouba, Pionus fuscus*), ou tornara tão raras a ponto de até poucos anos atrás, se suporem extintas na zona (v.g. *Tinamus solitarius, Mitu mitu, Procnias averano*).[5] Outro exame crítico das espécies marcgravianas, este de data recente, deve-se a Ad. Schneider, que, confrontando-as novamente com os desenhos originais, e utilizando-se dos recursos oferecidos atualmente pelos museus, não teve dificuldade em retificar alguns erros de identificação correntemente cometidos pelos autores, inclusive Lichtenstein.[6] E ninguém poderá afirmar que novos estudos deixariam de conduzir, eventualmente, a conclusões ainda mais definitivas. Infelizmente, porém, isso parece se ter tornado para todo o sempre impossível, visto como finda a segunda guerra mundial perdera-se inteiramente de vista o tesouro iconográfico guardado até então na Biblioteca do Estado da Prússia.[7]

A obra de Piso, do ponto de vista da História Natural, é muito inferior à de Marcgrave, o que não é de admirar, visto que viera ao Brasil na qualidade de médico e de medicina principalmente se ocupara.[8] Contribuindo, sob o título de *Medicina Brasiliensis,* com o que seria a primeira parte (dividida em quatro livros) da *Historia Naturalis Brasiliae,* só mais tarde, no aparente intuito de obumbrar a obra de seu ilustre companheiro, é que viria se ocupar longamente com as plantas e animais do Brasil, no livro *De Indiae utriusque re naturalis et medica* (Amsterdam, 1658), onde a zoologia é tratada de modo sumário, e em grande parte decalcada sobre a obra de Marcgrave.[9] Mesmo assim, na parte que especialmente merece a nossa atenção (livro III, secção II), devemos fazer justiça à importância que concede o seu autor ao *habitat* e à biologia das espécies, muito embora se mostre mal preparado para emancipar-se neste capítulo das velhas fábulas correntes ainda naquele tempo e, à semelhança dos velhos cronistas, falando, por exemplo, dos beija-flores, não trepide em afirmar que algumas "lagartas brasileiras transmudam-se nas avezinhas mais belas de todo o Brasil, denominadas pelo indígenas *guainumbi*".

Durante o período holandês, não devemos silenciar sobre outra contribuição à iconografia zoo-botânica do nordeste, por mais modesta que ela se apresente, em confronto com as de Marcgrave e Piso. Trata-se da colecção de aquarelas de plantas e animais devidas a um modesto auxiliar do Conde, o "escrivão de cozinha" (equivalente, ao que supomos, a secretário particular), Zacharias Wagener. Tais aquarelas constantes de um manuscrito intitulado *Thierbuch,* parece terem sido executadas, em parte, pelos mesmos modelos utilizados por Marcgrave, e vêm acompanhadas de legendas explicativas, às vezes bastante curiosas em sua ingênua simplicidade.[10]

Após a expulsão dos holandeses, continua o Brasil em sua condição de terra fechada à curiosidade científica dos estrangeiros, ao mesmo tempo que aos filhos do país não era permitido mais do que aos emigrados da metrópole proclamarem-lhe a riqueza em produtos dos três reinos, de medo que para ela se voltassem as atenções e conseqüentemente, a cobiça, das nações mais poderosas. Haja vista o que aconteceu, por ordem de Dom João V (1707--1750), com a primeira edição, raríssima (pois dela se conhecem apenas quatro exemplares), da *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas* (Lisboa, 1711),[11] de Antonil, nome que as pesquisas de Capistrano de Abreu provaram ser disfarce usado pelo jesuíta italiano João Antonio Andreoni (1667-1761), que foi provincial do Brasil durante muitos anos e na Bahia foi sepultado. Aliás, não é demasiado repetir, nada favorecia entre nós a expansão de tais estudos, desde a tradicional indiferença dos ibéricos pelas ciências de observação, até as normas impostas à formação dos espíritos, já que, como diz José Veríssimo (*História da Literatura Brasileira,* 3.ª edição, p. 71), "a educação jesuítica, quase a única dos nossos primeiro poetas e letrados, é essencialmente formalística, apenas vistosa, parecendo não apontar senão a ornamentar a memória". Por isso mesmo, como exemplos isolados de uma vocação capaz de produzir noutras circunstâncias resultados imprevistos, são dignas de registros as observações naturalísticas encontradas nas memórias deste ou daquele varador de sertões, como sejam o *Divertimento Admirável* de Manuel Cardoso de Abreu, natural da velha Araraitaguaba (atual Porto Feliz) e o *Diário da Navegação dos Rios Tietê, Grande e Guatemy,* do sargento-mor Teotônio José Jusarte, ambas datadas da segunda metade do século XVIII.[12]

Durante quase todo o século XVIII estivemos, portanto, à margem dos progressos que a ornitologia extra-européia ia realizando a passos largos, graças ao número crescente de colecções e museus particulares, ditos gabinetes de História Natural, entre os quais se destacava, pela sua riqueza em material sul-americano (na sua generalidade procedente de Cayenne), o do notável físico e naturalista francês René-Antoine F. de Réaumur (1683-1757).[13] Deste manancial procedem, em grande parte, as aves que tiveram a sua primeira descrição na *Ornithologie* (1760) de M.-J. Brisson,[14] e na *Histoire Naturelle des Oiseaux* (1770-1786), do grande Buffon.[15] Contudo, não tardariam a chegar até nós os efeitos do forte sopro renovador experimentado, a partir de 1750, pela metrópole portuguesa, como consequência da cruzada levada a efeito contra o obscurantismo que caracterizava os velhos métodos de ensino, tendo à frente dela a figura varonil do ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, assistido intelectualmente nesta tarefa pelo notável médico Antônio Ribeiro Sanches (1699-1783) e o notável pedagogo Luis Antônio Verney (1713-1792), ambos com passagem pelos grandes centros de cultura europeus. O primeiro fruto deste grande movimento foi a completa reforma (1771) da velha Universidade de Coimbra, cujo corpo docente passou a contar com o concurso de maior número de professores, inclusive especialistas trazidos do estrangeiro, conforme o exigia o magistério das novas cátedras e disciplinas, as científicas sobretudo.

Reflexo dos acontecimentos a que acabamos de nos referir parece ser o apreço que a partir do último quartel da mencionada centúria se ia dando em Portugal aquilo que a fauna brasileira oferecia de mais notável, havendo farta documentação das frequentes remessas de animais vivos, mamíferos e aves principalmente, destinados aos parques zoológicos de Lisboa.[16] Está no primeiro caso a atuação que na referida quadra teve, entre nós, o vice-rei (quarto da série) D. Luiz de Vasconcellos e Sousa, indiscutivelmente de todos os governadores que antecederam a vinda da D. João VI o que maior interesse e simpatia demonstrou pelo progresso cultural da colônia, que sob a sua bemfazeja administração (1779-1790) conhecera, no dizer de um historiador, a sua idade de ouro. A ele é que se deve a criação, no Rio de Janeiro, do pequeno museu histórico-natural (1784) bem conhecido dos estudiosos desses pela expressiva denominação de "Casa dos Pássaros",[17] imposta pelo povo, em substituição à de "Casa de História Natural", seu nome verdadeiro. Vale aqui rememorar, para gáudio dos amantes do nosso passado, que a esta humilde colecção estava reservado o destino de fornecer os mais antigos, talvez, de todos os exemplares de aves empalhadas recebidos do Brasil por uma instituição européia. Obra do acaso, foi isso conse-

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

qüência do naufrágio que obrigou o médico e naturalista francês Joseph Dombey,[18] ao regressar de sua missão científica no Peru, a permanecer quatro meses (Agosto a Novembro de 1784) no Rio de Janeiro. D. Luiz de Vasconcellos, a quem não eram estranhos os méritos do ilustre viajante, cumulou-o de todas as atenções, levando-o certo dia "dans une maison de campagne où il lui fit voir une belle collection d'oiseaux empaillés, d'insectes et de papillons, et en fit choisir de quoi composer une caisse". Mas só à custa de enormes sacrifícios, entre os quais o ter sido forçado a repartir com a Espanha o material naturalístico destinados à França, é que Dombey alcançou finalmente Paris, cujo museu entrou na posse do restante de seu tesouro. Sem rótulos que lhes indicasse a procedência, é fácil imaginar-se o embaraço que esses espécimes oriundos do Rio de Janeiro iriam criar para os que se propuzeram mais tarde a estudá-los, supondo fosse o Peru a pátria das espécies de que se tornaram tipo, tais como *Tanagra peruviana* Desmarest (1806), uma das mais belas de nossas saíras, e *Momotus dombeyi* (Lesson 1828), que outra coisa não é senão a juruva inscrita nos catálogos sob o nome mais antigo de *Baryphthengus ruficapillus* (Vieillot, 1818).

NOTAS

(1) O pouco que sabemos sobre os primeiros anos da vida de Jorge Marcgrave se resume, em última análise, na breve notícia fornecida pelo bibliógrafo genebrino Jean Jacques Manget (1652--1742), em sua vetusta *Bibliotheca Scriptorum Medicorum* (Lyon, 1731). Apoia-se o referido autor nos informes de um anônimo colaborador, que denota ter conhecido Jorge muito de perto, e não pode ter sido outro senão Christiano Marcgrave (1612-1687), irmão de Jorge e médico como ele. Nascido a 10 de Setembro de 1610, na pequena cidade de Liebstadt (Alta Saxônia), e tendo entre os seus ascendentes pessoas doutas que tudo fizeram para dar ao menino educação aprimorada, já aos dezessete anos, com o aplauso de seus maiores, deixava Marcgrave a casa paterna em busca de centros mais adiantados, freqüentando nada menos de dez universidades

alemãs, entre as quais a de Rostock, onde foi discípulo do botânico Simon Pauli, e a de Stettin, na qual durante dois anos estudou astronomia com L. Eichstadt, famoso na especialidade. Dirige-se em seguida para a Holanda (Setembro de 1636), inscrevendo-se como aluno de medicina na Universidade de Leyden, onde aprofunda os seus conhecimentos de botânica com A. Vorstius e de astronomia com J. Golius, grandes autoridades nos respectivos assuntos. Com a experiência adquirida em sucessivas viagens de estudo pelo norte da Europa, nasceu-lhe o ardente desejo de percorrer terras distantes e conhecer o hemisfério meridional, cujo céu era até então campo inteiramente inexplorado. Várias razões levaram-no a escolher a América, onde a Companhia das Índias Ocidentais, senhora por essa época de quase todo o nordeste do Brasil, lhe acenava com a possibilidade de ver utilizados os seus serviços, graças às boas relações travadas antes com o mais ilustre de seus directores, Johannes de Laet, e do aplauso decidido do Conde Maurício de Nassau, que, como Governador das terras ocupadas pelos holandeses, não foi apenas valoroso guerreiro e administrador consumado, mas também esclarecido Mecenas. Assim é que em 1 de Janeiro de 1638, um ano depois de Nassau, embarca Marcgrave com destino ao Brasil, para chegar, após dois meses de viagem, à Cidade do Salvador, na Bahia, onde, provavelmente por motivo de saúde, pois que estivera doente duas vezes, se demoraria apenas alguns meses, conforme o atesta uma carta escrita à 15 de Maio por ele, ao Conde, em mau português. Passando-se depois para Recife, não tardou a conquistar as boas graças de seu ilustre chefe, que para ele mandou construir um observatório astronômico, onde pudesse estudar os movimentos das estrelas e mais fenômenos celestes. Acumulando as funções de naturalista e de astrônomo, Marcgrave obteve do Conde todas as facilidades para viajar pelo interior das possessões holandesas no nordeste extremo, auxiliado nisso por caçadores e protegido por uma escolta militar. Graças ao comandante desta última, o Coronel Mansfeldt, ficou-nos a notícia da satisfação do governador e dos louvores por ele feitos às colecções botânicas e zoológicas trazidas destas jornadas, sem excluir os animais vivos, destinados a enriquecer os viveiros que o Conde, grande entusiasta desses estudos, mandara instalar em torno de seu suntuoso palácio de Freiburg (na ilha Antônio Vaz, do porto de Recife), valendo-se, como nos conta Frei Manuel Calado (*O Valeroso Lucideno,* ed. Cultura, 1943, I, p. 120), da solicitude dos moradores da terra em lhe satisfazer este gosto, pois "cada um lhe trazia a ave, ou animal esquisito que podia achar no sertão, ali trazia os papagaios, as araras, os jacus, os canindés, os jaburus, os motuns... e finalmente não havia coisa curiosa no Brasil que ali não tivesse".

(2) Nos capítulos de *Novus Orbis seu descriptionis Indiae Occidentalis* relativos à fauna e em particular às aves (lib. XV, cap. VII), diz Laet basear-se não só em Léry e Thevet, como em certo *Authorem Lusitanum* cujo nome não declara. Embora demasiado omisso na resenha, vemo-lo, até certo ponto, antecipar-se à Marcgrave e Piso, registrando pelos nomes indígenas, mais corretamente do que os seus antecessores franceses, uma vintena de mamíferos e aves, inclusive beija-flores, "os menores de todos os voláteis, a que os bárbaros chamam *Guaiminibique* e dos quais existem várias espécies, como o *Guaraciga,* isto é, raio de sol, e o *Guaracigaba,* isto é, cabelo do sol". O *Novus Orbis* tivera antes duas edições em holandês, datadas respectivamente de 1625 e 1630.

(3) Martin Heinrich Karl Lichtenstein, nascido em Hamburgo aos 10 de Janeiro de 1780, depois de formar-se em Medicina (Abril de 1802), seguiu para o Cabo de Boa Esperança, onde se acentuou a sua vocação de naturalista, herdada do pai, o Prof. Anton A. H. Lichtenstein, autor de vários trabalhos sobre Zoologia. Era professor na Universidade de Berlim, quando, por falecimento de K. Illiger, primeiro Diretor do Museu Zoológico da referida instituição, foi chamado a substituí-lo (1813).

(4) Esses desenhos, segundo Lichtenstein, faziam parte de duas colecções, uma a óleo, em formato grande, e outra a aquarela, de tamanho mais reduzido. Esta última, embora de menor perfeição artística, tinha valor especial pelo fato de, segundo se pensa, conter modelos utilizados no preparo das gravuras em madeira, muito toscas aliás, que ilustram a *Historia Naturalis Brasiliae.* Levando-as consigo para a Europa (Maio de 1644), cedeu-as o Conde Maurício de Nassau ao Grande Eleitor de Brandenburgo, ao qual ofereceu os seus serviços, e de quem se tornara amigo, recebendo em recompensa honrosas investiduras, inclusive a sua promoção à dignidade de Príncipe (1654). Após terem feito parte da biblioteca do Grande Eleitor, que confiara ao Dr. Christian Mensel (1622-1701), médico do paço e reputado botânico, a tarefa de pô-las em ordem e fazê-las encadernar condignamente, perderam-se depois completamente de vista essas preciosidades iconográficas, até que em fins do século XVIII, foram redescobertas, na Biblioteca Real de Berlim, pelo naturalista e filólogo Johann G. Schneider (1750-1822), que sobre o assunto deu breve notícia. Isso permitiu que alguns autores da época, como o ictiólogo E. Bloch (1723-1799), delas se aproveitassem para ilustrar as suas obras, antes que fossem estudadas a fundo por Martin H. K. Lichtenstein (em quatro memórias publicadas entre 1814 e 1826 nas *Abhandlungen* da Academia de Ciências de Berlim), com o fito de elucidar os pontos duvidosos da *Historia Naturalis Brasiliae.*

Assunto até hoje debatido é o da autoria desses desenhos, sendo quase unânime a opinião de que as aquarelas se devem a artista diverso do que pintara os quadros a óleo. Estes são geralmente atribuidos a Albert von Eckout, um dos pintores que o Conde Maurício de Nassau trouxera consigo. Para Lichtenstein, as aquarelas, que A. Schneider reputa, do ponto de vista do zoólogo, superiores aos desenhos feitos a óleo, por isso que "mais exatas e completamente livres de estilizações", seriam obra do próprio Marcgrave. Neste ponto diverge, porém, a opinião de Schneider, para quem é mais provável serem elas devidas a Zacharias Wagener, a cujas aptidões como aquarelista nos referiremos em lugar competente.

As supramencionadas memórias de Lichtenstein, acompanhadas de comentários críticos, tiveram caprichada edição facsimilar no tomo 2 da série intitulada *Brasiliensia Documenta,* instituída por Edgard de Cerqueira Falcão (São Paulo, 1961).

Seja como for, importa saber que os originais levados para Europa pelo Príncipe Maurício de Nassau, serviram de modelo a várias reproduções, entre as quais se contam os quadros murais que decoravam o teto do castelo de Hoflossnitz, na Saxônia, onde, segundo um estudioso destes assuntos, se achavam representadas, com os seus respectivos nomes, perto de oitenta aves brasileiras (conf. Enrico Schaeffer, em *Staden Jahrbuch,* XIV, 1966, pp. 175-183; idem, na *Revista de Arte e Arqueologia,* Junho de 1965). Muito recentemente, devido aos esforços de D. Clemente Maria da Silva-Nigra, descobriram-se no arquivo da Academia de Ciências da URSS, em Leningrado, inúmeras cópias dos desenhos em causa, reabrindo-se a velha questão em torno da sua autoria (cf. Boris Schnaidermann, em *Revista de História,* vol. XXXIII, 1966, n. 67, págs. 215-223).

(5) O número das aves referidas por Marcgrave, quase todas sob os nomes que lhes davam os tupis da costa, é consideravelmente maior do que o das mencionadas pelos observadores que o precederam; ainda assim, está muito longe de incluir todos os componentes da avifauna da região ocupada pelos flamengos. Ao que supomos, embora neste particular haja divergência entre os autores, não excede ele a 113; nesse total, as espécies cuja identificação parece possível apurar com plena segurança limita-se a 90, orçando em 14 o daquelas cuja determinação deixa margem a dúvida (v.g. "socó", "tuitirica", "tarabe", "pitanguaguacu", "urubitinga", etc.). As 9 restantes nos parecem demasiado enigmáticas para sobre elas aventar-se qualquer suposição, a não ser, às vezes, quanto ao grupo natural a que devem pertencer (v.g. a sétima espécie de "guainumbi", a quarta de "tuim", o "tiieguacu" etc.). É fácil verificar que não esteve na intenção nem nas possibilidades de Marcgrave fornecer o tratado completo da fauna

alada da região nordestina, porém sim limitar-se ao que ela apresentava de mais notável do ponto de vista do porte, beleza de plumagem, singularidade de forma, ou importância como alimento; tudo isso na dependência dos recursos que punham ao seu alcance o aviário do Príncipe, o acaso das colectas realizadas nas excursões pelo interior, ou das dádivas feitas pelos caçadores, estes naqueles tempos certamente ainda mais desinteressados do que hoje nos pássaros pequenos da mata, em sua maioria de plumagem sombria e privados de dotes musicais. Assim se explica houvessem escapado à atenção do naturalista os membros de algumas famílias ornitológicas mais ricamente representadas na *ornis* brasileira, como *Formicariidae, Furnariidae, Dendrocolaptidae* etc. Era, aliás, seguramente, muito cedo para tentar o inventário exaustivo do mundo alado da região, coisa só possível bem mais tarde, com o aperfeiçoamento da técnica de preparação e conservação dos espécimes, condição indispensável ao aparecimento dos chamados gabinetes de História Natural, origem, por sua vez, dos nossos museus. Bom número de aves marcgravianas perpetuaram-se através da nomenclatura, como base de espécies de Linné e seus seguidores. Já na 10.ª edição (1758) do *Systema Naturae,* apoiando-se exclusivamente nas descrições de Marcgrave, reconhecia aquele naturalista muitas delas (*Rhea americana, Mycteria americana, Ajaia ajaja, Crotophaga ani, Ara ararauna, Amazona aestiva, Pteroglossus aracari*), impondo-lhes o apelido com que, ressalvado o nome genérico, haveriam de ser conhecidas desde então pela ciência, e fixando-lhes, *ipso facto,* o nordeste do Brasil como pátria típica. Na 12.ª edição (1766) do referido livro aquele número recebia substancial acréscimo (*Anhinga anhinga, Anhima cornuta, Mitu mitu, Cariama cristata, Jacana jacana, Fluvicola nengeta, Thraupis sayaca, Hemithraupis guira, Volatinia jacarina*), a ponto de passar a mais do dobro do que era inicialmente; por fim, morto já o grande naturalista sueco, um diligente seguidor, Johann F. Gmelin (1748-1804), trouxe a público uma 13.ª edição (1788), onde houve ainda a oportunidade de aproveitar outras descrições de Marcgrave, novas espécies brasileiras (*Ardea cocoi, Nettion brasiliense, Hypomorphnus urubitinga, Hydropsalis torquata, Icterus jamacaii*), vindo juntar-se às anteriores, com o que o seu total veio ultrapassar duas dezenas.

Do livro de Marcgrave há tradução brasileira fascimilar, publicada pelo Museu Paulista (São Paulo, 1942) sob os auspícios de Affonso d'E. Taunay, trazendo como anexos, afora extensa notícia biográfica, comentários críticos de vários colaboradores.

(6) Os resultados desse novo exame de desenhos em causa, fruto de sugestão do Prof. do Museu da Universidade de Berlim E. Stresemann, de quem Schneider era assistente, vieram à luz em

1938 (*Journal für Ornithologie*, pp. 74-106), trazendo como conseqüência a retificação dos conceitos até então vigentes no tocante à identidade de várias espécies marcgravianas, com os inevitáveis reflexos na respectiva nomenclatura. Não se limitou, porém, a isso a contribuição de Ad. Schneider à ornitologia brasileira. Em Junho de 1939 chegou ele ao Brasil, onde já estivera antes, de visita a uma filha residente em Niterói, afim de realizar, sob o patrocínio do Museu de Berlim, uma viagem de estudos pelo Estado de Espírito Santo, tendo como companheiro outro discípulo de Stresemann, Helmut Sick, que aqui aportou dois meses mais tarde e é hoje figura destacada entre os ornitólogos contemporâneos. Da referida excursão participou também um credenciado patrício nosso, Álvaro Aguirre, da Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura. Em Dezembro do referido ano, Schneider deu por findos os seus trabalhos no Espírito Santo (região da lagoa Juparanã, voltando ao Rio, onde permaneceu, em companhia da família, alternando temporadas de trabalho no Museu Nacional com excursões, uma das quais no sul de Mato Grosso, (Porto Quebracho). Segundo Sick, a quem devo agradecer esses informes, o material coleccionado pelo seu colega, acha-se depositado no referido museu. Tendo voltado para a Alemanha em 1944, Schneider morreria logo no ano seguinte, em Berlin-Oranienburg.

(7) Constava que, durante a última guerra, como medida de precaução, os desenhos em questão foram removidos para o fundo de uma mina, em zona que se supunha a salvo dos bombardeios, mas haviam sido ali destruidos com outros documentos, por uma inundação. Por felicidade, porém, foram eles inesperadamente reencontrados em 1963 nos arquivos da Academia de Ciências de Leningrado, graças aos esforços do beneditino Dom Clemente Maria da Silva-Nigra, sábio, então director do Museu de Arte Sacra da Bahia, conforme foi divulgado anos atrás pela revista *O Cruzeiro* (número de 19.XII.1964), texto de Odorico Tavares.

(8) Willem Pies, aportuguesado para Guilherme Piso, nasceu em 1611, na cidade holandesa de Leiden (Leida), filho de um músico originário de Clèves, na Alemanha. Aos 12 anos de idade (1623), iniciava-se nos estudos, mudando-se depois para Caen, onde adquiriu o grau de doutor em medicina (1634). Tinha 27 anos, talvez incompletos, quando, por influência provavelmente de J. de Laet, foi chamado ao Brasil (1638) por Maurício de Nassau, em substituição ao Dr. Milaenen, que viera com o Conde (Janeiro de 1637), e acabava de falecer. Com a volta de Nassau para a Europa (1644), deixa também o Brasil, para inscrever-se como doutor na Universidade de Leiden, antes de passar-se para Amsterdam (1648), onde fixa defini-

tivamente residência e, depois de exercer importantes cargos junto ao Colégio Médico local, faleceu em 1678 (28 de Novembro). O livro de Piso possui tradução publicada pelo Instituto Nacional do Livro (Rio de Janeiro, 1957), com boa notícia biobibliográfica de J. Honório Rodrigues.

(9) Divergem os autores no tocante ao valor deste livro, notável, em qualquer hipótese, do ponto de vista da ciência médica de seu tempo. Com respeito, porém, à Botânica e à Zoologia, que Piso confessa ter confiado aos seus auxiliares e, acima de todos, ao "doutíssimo e diligentíssimo senhor Jorge Marcgrave, a quem comigo trouxera às Índias, a fim de que observasse mui atentamente as figuras externas das coisas naturais cujas virtudes internas e propriedades médicas eu solicitamente verificaria", atenção do autor, como é natural, fixa-se ali exclusivamente nas plantas e animais úteis ou nocivos ao homem, assunto em que é de primeira ordem a contribuição que lhe devemos. Fora daí, o livro do médico holandês está longe de rivalizar com o de seu genial colaborador, de cujas descrições largamente se apropriou, dando lugar a que não poucos tenham atirado ao seu autor a pecha de plagiário. Com exceção de "maiagué", ave marinha que não ocorre entre as mencionadas no livro de Marcgrave, e supomos não ser outra senão o "biguá" comum (*Phalacrocorax olivaceus*), todas as aves referidas por Piso não chegam a cinqüenta, e já haviam sido mencionadas antes pelo seu companheiro.

(10) Zacharias Wagener, natural de Dresden (1614) e filho de um ministro da igreja, deixou aos dezenove anos (Junho de 1629) a sua cidade natal, passando-se para Amsterdam, onde viveu alguns anos. Em meados de 1634 (1 de Julho), desejoso de correr mundo, partiu para o Brasil, como simples soldado, desembarcando em Recife após quatro meses de viagem, quase três anos antes, portanto, de aportar ali o Conde Maurício de Nassau. Com este deveria ter Wagener travado logo relações, visto que ao despedir-se, em Abril de 1641, disse ter passado no Brasil sete anos, quatro dos quais no paço do Governador, que sabedor de seus dotes como desenhista e calígrafo, tratou de aproveitá-lo em vários misteres, chegando a levá-lo consigo na malograda expedição à cidade do Salvador (Abril de 1638) e numa viagem de inspecção às fortificações. O certo é que o tempo lhe sobrou não só para fazer os desenhos e redigir as notas de que se compõe o seu *Thierbuch*, como, a aceitar-se a opinião de T. Thomsen em seu livro sobre Albert Eckhout (Copenhague, 1938), as próprias aquarelas que ornam "os dois primeiros volumes do exemplar de propriedade do Conde". De volta à Holanda, o desejo de aventuras não tarda a impelir Wagener a novas viagens, fazendo-o seguir para Batávia, onde, ao cabo de alguns anos, a Companhia das

Índias o incumbe de importantes missões nos países do Oriente, até ser enviado à Colônia do Cabo, como Governador. Voltando a Amsterdam em 1668, ali morre em Outubro do mesmo ano, com a idade de 54 anos. Narradas por ele próprio, as peripécias de sua vida constam de um manuscrito, não há muito publicado em nosso idioma *Brasiliensia Documenta,* ed. Edgard de Cerqueira Falcão, IV, 1964), juntamente com a versão brasileira de *Thierbuch* (*Zoobiblion,* na tradução de Alfredo de Carvalho).

(11) Deste famoso opúsculo há edição relativamente recente (Cia. Melhoramentos de São Paulo, 1923), com um erudito *Estudo bio-bibliográfico* da lavra do saudoso historiador Affonso de E. Taunay.

(12) Do nosso ponto de vista, é particularmente interessante o depoimento deixado pelo primeiro desses sertanistas. Filho de Domingos da Rocha e Abreu e Francisca Cardoso de Siqueira, o primeiro natural de Portugal e a segunda da capitania de São Paulo, nasceu Manuel Caetano (Cardoso, escrevem alguns) de Abreu em Araraitaguaba (atual Porto Feliz), segundo consta, em 1750. Tendo iniciado as suas viagens para Cuiabá por volta de 1765, dá mostra de ser homem de excepcional inteligência, visto como, escusando-se das imperfeições de seu trabalho, ele mesmo declara, sem rebuços, que "nem na freguezia de Araraytaguaba, de onde sou natural, nem nos sertões que pizei, que a minha obra refere, haviam escolas em que me pudesse instruir na sciencia e melhor lettra". Ainda assim, deixou-nos um quadro vivo do que era a vida animal nos sertões banhados pelo Tietê, referindo com especial minúcia os nomes em voga (muitos deles de pronúncia alterada nos dias de hoje) para as aves que mais chamavam a atenção do viajante, tais como *arara, arara-piranga, canindé, papagaios, maitacas, araguaís, maracanãs, nhendaias, jerivas, saviaci, jacu, jacucaca, macuco, inhambuaçu, patos, biguás, juiuiú. jabuiaiá* ("semelhante ao juiuiú com a diferença de ter as pontas das asas e o rabo pretos"), *guara-putepoca, carão, colheireiro, teumteum* ("gavião pequeno, mas tão violento que não lhes escapa qualquer pássaro dos mais velozes no vôo"). Conclui informando, pitorescamente, que "também tem o mesmo rio umas aves chamadas *anhumas,* de muita estimação, pois têm um unicórnio de um gemio (?) de comprido, que é de grande virtude para contra-veneno". Cf. *Divertimento admirável,* escrito por volta de 1783 e publicado na *Revista do Inst. Hist. e Geogr. de S. Paulo,* VI, p. 353. A biografia de Manuel C. de Abreu é feita por Affonso d'E. Taunay nos *Anais do Museu Paulista,* vol. II, pp. 203-234 (1925).

(13) René-Antoine Ferchauld de Réaumur (1683-1757), natural de La Rochelle, era filho de um conselheiro no presidial de sua

cidade natal. Fez o seu aprendizado em colégio jesuítico, tentando em seguida estudar Direito, idéia que logo abandonou, para se dedicar apaixonadamente ao estudo das matemáticas e das ciências físico-naturais. Mudando-se para Paris, muito breve surpreendia o mundo culto com uma série de importantes memórias sobre aquelas disciplinas. Possuidor de considerável fortuna, instituiu em sua vivenda campestre um verdadeiro museu particular, onde, rompendo com os velhos métodos de conservação dos espécimes, por embalsamamento ou imersão em álcool, pôs em prática processos de preparação de sua própria autoria e invenção, os quais não diferiam, em essência, dos que até hoje são usados pelos taxidermistas. No que se refere às aves, enriqueciam o "Cabinet" de Réaumur exemplares trazidos de várias partes do mundo pelas expedições enviadas pelo governo francês, mas entre os quais, se fizermos exceção da colônia de Cayenne (atual Guiana Francesa), só muito excepcionalmente se encontrava algum da América do Sul.

(14) Mathurin-Jacques Brisson veio ao mundo em Fontenay-le-Comte (Dep. Vendée) em 1723 e morreu em Croissy, perto de Versalhes, em 1806. Dedicando-se ao estudo de Física, de que foi professor, ligou-se estreitamente, desde moço, a Réaumur, que o convidou para exercer o cargo de "demonstrateur" em seu museu, fornecendo-lhe os meios para escrever a obra, em 6 volumes, intitulada *Ornithologie*, que, vindo a lume no curso de 1860, é, sem favor, um dos maiores monumentos erguidos à essa ciência nos primórdios de seu desenvolvimento. Criticando, com razão, a excessiva brevidade das descrições de Linné, seu contemporâneo, Brisson descreve com minúcia (em duplo texto, latino e francês), exemplares em mãos, não só as espécies representadas na colecção de Réaumur, mas ainda as que para esse fim lhe eram cedidas por outros coleccionadores mais modestos. Entre estes ocorre citar certa M.^{me} Banville, a cujo nome se ligam algumas espécies brasileiras tidas como procedentes da Colônia do Cabo e, como tais, batizadas por Linné (v.g. *Bucco capensis, Zonotrichia capensis*). Pouco depois da morte de Réaumur, sem consideração pelas suas últimas vontades, suas colecções foram conduzidas para o "Jardin du Roi" e entregues a G.-L. L., Comte de Buffon (1758), que com a colaboração de L-J. M. Daubenton (1716-1800), trabalhou no preparo das *Planches Enluminées*, sem se referir jamais ao falecido colega, e só raramente citar o nome de Brisson, seu rival e antecessor (cf. E. Lamy, *Les Cabinets d'Histoire naturelle en France au 18.^{e} Siècle*, Paris, 1930).

(15) George-Lois Leclerc, Comte de Buffon (1707-1788), filho de um abastado conselheiro do parlamento da Borgonha, após ter concluído cursos regulares, fez uma viagem à Itália, no decurso

da qual se sentiu vivamente atraído pelo estudo da Natureza, descobrindo a vocação que se tornaria desde então, por assim dizer, a razão de ser de sua existência. Uma permanência na Inglaterra fê-lo aperfeiçoar-se no conhecimento das ciências exatas, inspirando-lhe as primeiras publicações. Por outro lado, o interesse crescente pela Botânica, atestado em numerosos trabalhos, valeu-lhe a nomeação como intendente do "Jardin du Roi". À posse desse extraordinário campo de observação deve-se o grandioso projecto de escrever uma *Histoire naturelle et particulière,* cujos primeiros volumes apareceram em 1749. Verificando a impraticabilidade de levar avante, ele só, tão ambicioso projeto, resolveu mais tarde cercar-se de auxiliares, a cujo cargo chegaria a ficar a redação de certos capítulos, visto que a particularidade dos assuntos se achava muitas vezes em contradição com as tendências de seu espírito, afeiçoado ao trato dos grandes problemas, fonte de inspiração para os primores de estilo que haviam de conferir-lhe glória imperecível. Saíram, assim da pena de Philibert Gueneau de Montbeillard (1770-1785) os primeiros volumes da *Histoire des Oiseaux* (1770-1775), ao passo que os últimos pertencem ao padre e naturalista Gabriel Bexon (1748--1784), que àquele sucedera, com rara habilidade, na difícil empreitada.

(16) A este propósito, entre outros documentos cujo conhecimento devo ao meu colega e amigo Carlos Borges Schmidt, é dos mais interessantes a carta endereçada ao Sr. Martim Lopes Lobo de Saldanha, Capitão General de São Paulo, pelo Sr. Martinho de Mello e Castro, ministro de D. Maria I: "Sua Mag.^{e} hé servida q.' V. S.^{a} remetta para esta Corte toda a qualidade de Passaros, grandes e pequenos que houver nessa Capitania, e que repita essas remessas por todas os navios q.' se offerecerem, emquanto se lhe não mandar o contrário, ordenando V. S.^{a} q.' ahi se fação viveiros proporcionados ao número e grandeza dos mesmos Passaros, com separação delles e tudo o mais q.' se julgar precizo para evitar que morram no caminho. Igualmente fará V. S.^{a} remetter toda a qualid.^{e} de Animaes quadrúpedes, q.' houver e se puderem descobrir, com o mesmo resguardo acima indicado. D.^{s} g.^{de} V. S.^{a}. Palácio de Queluz em 19 de Julho de 1780".

(17) Funcionava a "Casa de História Natural" numa casa que ficou sem concluir (aproveitada por D. João VI, para a construção do Erário Régio), situada no Campo da Lampadosa (imediações da atual Avenida Passos, quase em frente da atual Igreja do Sacramento) e tinha como director o catarinense Francisco Xavier Cardoso Caldeira, taxidermista exímio, apelidado pelo povo "Xavier dos Pássaros", para distingui-lo do outro contemporâneo, o Capitão Francis-

co dos Santos Xavier, hábil em ornamentos feitos de conchas, e por isso chamado "Xavier das Conchas".

(18) Joseph Dombey (1742-1795), nascido em Macon e formado em medicina pela Faculdade de Montpellier, tomando-se de gosto pelo estudo das plantas, em que se aprofundou, mudou-se para Paris (1772), tornando-se aluno de Bernard de Jussieu (1775). Incumbido de uma viagem de estudos ao Peru, com o fim de trazer espécies aclimatáveis em França, viaja para Madri, e daí para o porto de Cadix, de onde parte (Outubro de 1777) em companhia da missão científica espanhola chefiada pelos botânicos Ruiz e Pavon, chegando a Callao após cerca de seis meses de viagem. Bem recebido em Lima pelo vice-rei, não encontra dificuldade para desempenhar-se dos trabalhos a seu cargo em tempo relativamente curto, pelo que já em começo de 1779 teria retornado à Europa, não fosse a incumbência que lhe dera o vice-rei de seguir para o interior (Huanuco), com o fim de verificar a distribuição da quina nas matas da cordilheira. De volta a Lima, sabemos que o material por ele remetido antes para Paris havia se perdido em conseqüência do aprisionamento do navio pelos inglêses. Segue, então para Concepción (1782), no Chile, onde teve a oportunidade de prestar socorros médicos à população, vítima de mortífera epidemia. De novo em Lima, embarca para a Europa em Abril de 1784. Entretanto, em consequência de violenta tempestade sobrevinda na altura do Cabo Horn, só ao cabo de enormes sacrifícios é que consegue salvar-se, arribando no Rio de Janeiro a 4 de Agosto, com o navio quase desgovernado e em destroços. Após quatro meses de permanência no Rio, que tanto durou o conserto do navio, parte afinal, para Europa (Novembro de 1784), para ter o desgosto de ver-se coagido, em Cádiz, como consequência da perda das colecções de Ruiz e Pavon, desaparecidas num naufrágio, a dividir com a Espanha o conteúdo das 73 caixas de material naturalístico destinado à França. "On ouvre même", diz o seu biógrafo J. P. F. Deleuze (*Annales du Muséum,* Paris, vol. IV, 1804, p. 158), "les caisses faites à Rio-Janeiro en pays portugais, et où se trouvoient les objets que lui avoient été donnés par le vice-roi". O resto da vida de Dombey foi uma série de contratempos e infortúnios que culminaram na sua morte (1795), feito prisioneiro por piratas inglêses na ilha de Monte-Serrate, uma das Pequenas Antilhas.

III

PORTUGAL DECIDE INVESTIGAR AS PRODUÇÕES NATURAIS DA COLÔNIA

Se o episódio que assinala a visita de Dombey foi apenas fruto de mero acidente, só secundariamente relacionado com a nova mentalidade, introduzida na metrópole lusitana pelas reformas referidas, outro tanto não acontece com o de que agora vamos tomar conhecimento. Ocupando D. Maria I o trono de Portugal (1777-1788), ao ministro Martinho de Mello e Castro, sucessor do Marquês de Pombal, ocorreu a idéia de investigar a abundância e variedade dos recursos naturais das possessões ultramarinas, mediante a exploração metódica e aprofundada de seus territórios. Ouvido o professor Domingos Vandelli,[1] catedrático na Universidade de Coimbra, para o desempenho de tal missão no Brasil foi escolhido Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815),[2] doutor em filosofia, que à circunstância de ser filho da Bahia, aliava a de haver-se, mais do que qualquer outro, destacado nos estudos da referida disciplina, dela se tornando repetidor, antes mesmo de formar-se.

Embora posto à disposição do governo desde 1778 (11 de Junho), só a 21 de Outubro de 1783 aporta Ferreira em Belém, acompanhado de dois desenhistas, José Joaquim

Freire e Joaquim José Codina, e de um jardineiro intitulado "botânico", Agostinho Joaquim do Cabo, dando início à *Viagem Filosófica* que lhe valeria ser cognominado, em que pese à hipérbole, *"Humboldt Brasileiro"*. Pondo de parte cerca de três meses (Novembro e Dezembro de 1783) despendidos na exploração da ilha de Marajó e dos arredores de Belém, as viagens realizadas pelo naturalista baiano abrangeram precipuamente a bacia amazônica, podendo ser repartidas em duas grandes expedições. Na primeira, parte ele de Belém (19 de Setembro de 1784) rumo ao rio Negro, com paradas em numerosos pontos intermédios, como Monte Alegre e Óbidos, e uma permanência mais demorada em Santarém (Dezembro de 1784 a Janeiro de 1785). Retomando a viagem, após curta temporada de descanso na Barra do Rio Negro (atual Manaus),[3] alcança a vila de Barcelos (2 de Março de 1785), tornada base de operações para a exploração do trecho mais alto do rio e seus afluentes principais (Uaupés, Içana, Ixié), até a fortaleza de São José de Murabitanos, localizada na fronteira com a Venezuela. De volta a Barcelos (31 de Dezembro), onde se demora perto de quatro meses (Janeiro a Abril de 1786), aproveita Ferreira utilmente o tempo na redação de numerosas memórias e relatórios, que são remetidos para Lisboa, juntamente com o copioso material histórico-natural e etnográfico até então acumulado. Ao depois, desce o rio Negro, em exploração do trecho mais baixo de seu curso, até Barra. Daqui parte novamente, em demanda do rio Branco e respectivos formadores (Uraricoera, Tacutu, Surumu), para retornar ainda uma vez a Barcelos, onde se demora desta feita nada menos de um ano (Agosto de 1787 a Agosto de 1788), ocupado em trabalhos semelhantes aos da primeira estada na referida vila, entre os quais um *Tratado Histórico do Rio Branco*. Diante do aviso governamental, ali recebido, de que deveria seguir agora em exploração do rio Madeira, já no mês seguinte se achava na boca desse grande afluente meridional do rio Amazonas (6 de Setembro). Após dois meses de viagem rio acima, ao se aproximar do longo trecho encachoeirado (boca do Manicoré), viu-se subitamente desamparado pelos seus guias e canoeiros, que desertaram em massa (6 de Novembro), obrigando-o a interromper a marcha, e a encher o tempo em outras ocupações, até a vinda de novos ajudantes. Graças a estes é que iria vencer os obstáculos opostos pelo rio, que continua a subir até o rio Guaporé, seu volumoso afluente; entra, assim, dentro de pouco (meados de 1790), na Capitania de Mato Grosso, cuja então capital, Vila Bela, demorava às margens daquele grande formador do rio Madeira. Apenas restabelecido de séria doença contraída nessa região de proverbial insalubridade, recomeça a viagem fluvial, para, transposto o divisor das águas, alcançar as cabeceiras do rio Cuiabá, que navega ao sabor da corrente, para descer afinal o rio Paraguai, até Nova Coimbra, ponto mais remoto da perigosa jornada. A viagem de regresso teria obedecido ao mesmo itinerário, interrompido durante algum tempo na vila de Cuiabá, onde foi datada a *Viagem à Gruta das Onças*, uma das muitas memórias deixadas pelo intrépido viajante. De Belém, a que chega por volta de 1792, remete para Portugal as últimas colecções, antes de voltar para Lisboa (Janeiro de 1793). Aqui, em recompensa de seus serviços, não tarda a ser encarregado da administração interina do Real Gabinete de História Natural, no posto de vice-diretor (Setembro de 1795).

Afora o preparo de seus trabalhos científicos, cujo número total ascende a muito mais de uma centena,[4] a grande preocupação de Ferreira era zelar pela boa conservação das colecções por ele reunidas no Brasil, à espera de que delas pudessem os especialistas tirar todo proveito. Bem melancólico era, todavia, o destino que aguardava esse material e aqueles manuscritos, pois seriam todos confiscados, anos depois (1808), pelas tropas napoleônicas, comandadas pelo general Andoche Junot, sob cuja ameaça, como é sabido, decidira a côrte portuguesa "em acertada e resoluta determinação[115] transferir-se para o Brasil. Conhece-se o instrumento mediante o qual o Duque d'Abrantes, general Andoche Junot, dera ordem ao director do Museu da Ajuda, Domingos Vandelli, para entregar a Étienne Geoffroy de Saint-Hilaire "les objects de Histoire Naturalle existants en Portugal, et utiles au Cabinet de Paris", com a enumeração das espécies e indivíduos pertencentes às diferentes classes zoológicas.[6] No relatório depois apresentado ao ministro de seu país, G. de Saint-Hilaire, que nessa empreitada se fizera acompanhar pelo seu jovem preparador Pierre A. Delalande, procuraria atenuar o carácter odioso da espoliação, alegando grande parcimônia no uso da autorização que tinha em seu poder, e o seu desejo de requisitar apenas duplicatas; mas, que a isso se *opuseram* as próprias autoridades portuguesas, as quais, no desejo de lhe facilitar as pesquisas, não raro forçaram-no a aceitar exemplares únicos, muitos deles "belíssimos".[7] Seja como fôr, a lista que então apresenta acusa um número mais avultado de exemplares (68 mamíferos, 443 aves, 62 répteis, 162 peixes, 490 conchas, 12 crustáceos e 772 insectos) do que a contida no documento firmado por Junot.

Levados para Paris, provavelmente de promiscuidade com material de diversas procedências e sem rótulos que lhes autenticassem a origem, os exemplares coleccionados no Brasil por Rodrigues Ferreira foram imediatamente objeto de acurado estudo, dando não só a Saint-Hilaire como a outros contemporâneos, entre os quais F. Levaillant e C. J. Temminck, a oportunidade de descrever uma série de novidades zoológicas. Entre estas, ocupam posição proeminente os Primatas, de que nada menos de 19 espécies aparecem registradas no *Catalogue méthodique de la collection de mammifères du Museum d'Histoire Naturelle* (Paris, 1851), publicado por Isidore G. de Saint-Hilaire (1805-1861), filho de Étienne. No que se refere às aves, muitas espécies têm como tipo, exemplares de Ferreira, entre outras, o anambé-preto (*Cephalopterus ornatus*

Geoffroy, 1809), representado em magnífico desenho nos manuscritos da *Viagem Filosófica,* e o gavião-mateiro (*Sparvius ruficollis* Vieillot, 1817). Teve a mesma origem o exemplar que serviu de base à descrição e à figura da seriema, espécie que Marcgrave fora o primeiro a tornar conhecida e foi por isso batizado por Et. Geoffroy (1809) com o nome de *Microdactylus marcgravii* (= *Palanedea cristata* Linné, 1766). Está ainda no mesmo caso o tipo de *Dacnis cyanater* Lesson (= *Motacilla cayana* Linné), que outro não é senão o vulgar "saí azul".[8]

NOTAS

(1) Domingos Vandelli (1730-1816), doutor em filosofia pela Universidade de Pádua, fora convidado pelo Marquês de Pombal para exercer o cargo de "primeiro Catedrático da Faculdade Filosófica" da Universidade de Coimbra, havendo, nesta qualidade, escolhido um de seus discípulos, Alexandre Rodrigues Ferreira, para fazer no Brasil a viagem de exploração ordenada pelo governo português (1778). Gozava de boa reputação em Portugal, embora malquisto por muitos, inclusive pelo seu colega Felix de Avellar Brotero (1744-1828). Parece ter-se tornado suspeito durante a incursão das tropas de Junot (1807), chegando a ser acusado de conivência com os invasores. Em consequência, apesar dos seus 80 anos e dos achaques próprios da velhice, esteve, com outros, a pique de ser deportado para a Ilha Terceira, durante a terceira invasão francesa (1810), comandada pelo General Massena. Foi-lhe, porém, dada a permissão de mudar-se para a Inglaterra, de onde regressou a Lisboa, graças à assinatura de paz geral, após o célebre "Congresso de Viena" (1815). Em completa decrepitude faleceu ali logo no ano seguinte (27 de Junho de 1816). Entre as acusações mais graves que pesam sobre a memória de Vandelli, afora a passividade com que assistira ao saque, por parte de E. Geoffroy de Saint-Hilaire, dos patrimônios sob sua guarda, está o descuido completo das colecções provenientes da *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira, senão mesmo o intencional extravio, ou perda, das etiquetas que acompanhavam os respectivos exemplares. É interessante referir que um de seus filhos, Alexandre Antonio Vandelli (1784-1858), anos depois de casar-se (1819) com a filha mais velha de José Bonifácio de Andrada e Silva, consta que, por motivos políticos, mudou-se para o Rio de Janeiro (1834).

(2) Filho de Manuel Rodrigues Ferreira, nasceu Alexandre Rodrigues Ferreira na Cidade do Salvador, a 27 de Abril de 1756. Destinado por seu pai à carreira eclesiástica, fez os primeiros estudos em sua cidade natal, onde recebe Ordens Menores, com apenas 12 anos de idade (1768). Para completar essa iniciação, é enviado a Portugal, chegando a Lisboa em 1770 (Julho) e matriculando-se pouco depois (Outubro) no primeiro ano da Universidade de Coimbra. Como no ano seguinte se fechasse o mencionado estabelecimento de ensino superior, por motivo de reforma, aproveitou-se Ferreira dessa interrupção para aprofundar os seus conhecimentos no campo da ciência. Obedecendo à inata vocação de naturalista, ao reencetar o curso desistiu de abraçar a carreira religiosa, para seguir as tendências naturais de seu espírito. Tão grandes foram o progressos com que se distinguiu nos estudos de sua predilecção, que dois anos antes de concluí-los era nomeado Demonstrador de História Natural da Universidade. Nesta qualidade é que, ocupando D. Maria I o trono de Portugal (1777-1816), e atendendo ao solicitado pelo Ministro Martinho de Mello e Castro, encarregado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, não hesitou o Professor Domingos Vandelli em indicar Ferreira (1778) para, como "naturalista, fazer a viagem filosófica ao Estado do Pará e nos vastos sertões do Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá", em continuação à grande obra civilizadora iniciada sob D. José I. Circunstâncias, mal conhecidas dos principais biógrafos de Ferreira, acarretaram grande atraso no início da importante empresa, de maneira que, só cinco anos depois (1.º de Setembro de 1783) partiria de Lisboa, para, ao cabo de 40 dias de viagem marítima, chegar a Belém do Pará (21 de Outubro). Solteiro até então, é nessa cidade que resolve escolher uma companheira, contraindo núpcias com D. Germana Pereira de Queiroz, filha do Capitão P. de Queiroz, responsável pelas remessas, para Lisboa, do material naturalístico conseguido na viagem. Isso ocorreu ao regressar a Belém no ano de 1792.

Tendo-se desempenhado galhardamente da difícil tarefa em que foram dispendidos precisamente dez anos, volta Alexandre Rodrigues Ferreira para Portugal, onde, como Oficial da Secretaria dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos, apressa-se em fazer o *Inventário* do Real Gabinete de História Natural, agora sob sua responsabilidade. Dos 1250 exemplares de Aves constantes dessa lista, 126 eram procedentes do Brasil e, na sua quase totalidade, por ele próprio coleccionados. Em 1795 é nomeado vice-director do referido Gabinete e, bem assim, do Jardim Botânico. Lutando com a má vontade de seus despeitados colegas, e amargurado por contrariedades e reveses sem conta, inclusive a perda quase completa das suas colecções brasileiras, já pelo extravio dos rótulos explicativos que acompanhavam os exemplares, já pelo saque levado a efeito por Et. Geoffroy de Saint-Hilaire, é acometido finalmente de grave depressão mental, que lhe abrevia os dias de existência, acompanhando-o até o último momento (23 de Abril de 1815). Assim, ao grande baiano cabe plenamente o conceito com que passou à História de "infatigável explorador, que aliava às suas glórias de naturalista o funesto destino de uma existência atribulada". (Latino Coelho, no *Elogio de José Bonifácio*).

(3) Dos informes constantes do *Diário da Viagem Filosófica*, vindo a lume na *Revista do Inst. Hist. Geogr. Bras.* (vols. 48-51, anos 1885-88), infere-se que o motivo principal dessas deserções foi o paludismo, em virtude do qual dos 118 remeiros utilizados nessa viagem, só com 62 pode contar a certa altura o comandante da tropa, sargento Elias José. Recorrendo, aos governadores de quem podia esperar auxílio nessa emergência, e em particular a João Pereira Caldas, pela sua actuação mais direta na organização da Expedição, é que Ferreira conseguiu obter o pessoal necessário para prosseguir, quando já se desiludia de "tentar fazer impossíveis, como certamente é o de querer entrar e sair destes rios, não havendo quem me obedeça, nem por bem, nem por mal".

(4) Fiel às directrizes traçadas pelo Governo de Portugal, todos os estudos e investigações de Alexandre Rodrigues Ferreira revelam atenção sempre voltada para o interesse prático de seus trabalhos, assim na descrição dos lugares e acidentes geográficos de várias naturezas, como nas notícias pormenorizadas sobre os gentios, as produções naturais e a indústria rudimentar de que estas eram objeto. Consta de 107 números, na sua maioria desdobrados em numerosos itens, o *Catálogo de manuscritos de Rodrigues Ferreira* dado a lume por J. Honório Rodrigues no volume 72 (1952) dos *Anais da Biblioteca Nacional*, em que se incluem também os desenhos da autoria dos dois "riscadores", José Joaquim Freire e Joaquim José Codina. A Zoologia entra com parte relativamente pequena nessa resenha; feita abstração de uma *Relação dos animais quadrúpedes silvestre* (N.º 79), figuram nela com destaque três *Memórias* sobre as tartarugas (n.os 39, 40 e 41 da lista), uma sobre o peixe-boi (nª 48), uma concernente ao pirarucu (n.º 49) e outra a respeito dos *Jacarés do Estado do Grão Pará* (n.º 56). As aves não foram objecto de nenhuma dissertação particular; em compensação, uma série de bonitas aquarelas atesta que a avifauna não ficou estranha ao interesse de A. R. Ferreira. Tivemos ultimamente a oportunidade de examiná-las em nossa Biblioteca Nacional, podendo identificar, com segurança, as espécies nelas representadas, muitas das quais desacompanhadas de qualquer denominação (as que existem dão impressão de terem sido

SciELO

inscritas por algum curioso, em data ulterior). Pelo acabado do traço e do colorido, merecem referência especial os desenhos de *Sarcoramphus papa* ("urubutinga"), *Phloeoceastes robustus* ("pica-pau"), *Chephalopterus ornatus* ("uira membi"), *Gymnoderus foetidus* ("uáhinambé"), *Rupicola rupicola* ("galo dos Marabitanos") e *Cotinga cayana,* todos, com exceção do primeiro, em tamanho próximo do natural. Bastante fiéis são também os desenhos de *Ajaia ajaia* ("colhereiro"), *Opisthocomus hoazin* ("sigan", i. e. cigana), *Jacana jacana* ("japeçoca"), *Momotus momota* (nome ilegível), *Guira guira* ("tariri"), *Euxenura galeata* ("cauauá"), *Jabiru mycteria, Neochen jubatus* ("pato de Marajó"); menos satisfatórias são as aquarelas de *Tigrisoma brasiliense* ("socó"), e *Leucophoyx thula* ("garça"); difíceis de identificar, um bacurau ("coruja") e um beija-flor ("picaflor"). Num segundo lote de desenhos e aquarelas, atribuíveis igualmente a A. Rodrigues Ferreira, acham-se novamente representados *Cephalopterus ornatus, Gymnoderus foetidus* e *Phloeoceastes robustus;* suplementado, porém, os da primeira série, temos desenhos em que é fácil reconhecer, além de várias espécies amazônicas ou matogrossenses bastante conhecidas (*Crypturellus undulatus, Mitu mitu, Crax fasciolata, Grauna torquata, Trogon collaris? Pipra pipra*) uma ave com todas as características de *Nothocrax urumutum,* curioso galináceo que se supunha não ter sido observado antes de Spix.

(5) A frase, dirigida ao Príncipe Regente, é do ministro D. Rodrigo de Sousa Coutinho, a partida da corte portuguesa para o Brasil tendo se dado às primeiras horas do dia 29 de Novembro de 1807.

(6) É do seguinte teor a ordem dada pelo general Junot a Domingos Vandelli, director do Museu da Ajuda, conforme a cópia que dela publicou Arthur Neiva, em seu justamente louvado *Esboço Histórico sobre a Botânica e Zoologia no Brasil* (São Paulo, 1929), aparecido inicialmente em 7 de Setembro de 1922 (no número de *O Estado de S. Paulo,* comemorativo da nossa Independência): "Le Duc d'Abrantes, Général en Chef de l'armée du Portugal, autorise Mr. Geoffroy, membre de l'Institut de France envoyé par le Ministre do l'Interieur pour faire des recherches sur les objects de Histoire Naturelle existents en Portugal et utiles au Cabinet de Paris, à enlever et faire encaisser pour être transportés en France les objects spécifiés dans le présent... pour nous depuis l' 1 jusquà 4 et comprenant 65 espèces et 76 individus de mammifères, 238 espécies et 384 individus d'oiseaux, 25 espèces et 32 individus de reptiles et 89 espèces et 100 individus de poissons. Le Directeur du Cabinet Mr. Vandelli donnera à Mr. Geoffroy toutes les facilités qui dependront de lui pour objects,

et la présent ordre restera deposée entre les mains de Mr. Vandelli pour sa decharge.

Lisbone, le 3 juin 1808. Le Duc d'Abrantes".

(7) Em sua prestação de contas ao Ministro (cf. *Annales du Muséum,* XII, 1808, pp. 434-438), diz Etienne G. de Saint-Hilaire: "Je me suis attaché principalement à me faire considerer comme deputé des établissements scientifiques de Paris, et je n'ai fait valoir nulle part les droits que me donnoit la mission dont j'étois chargé. J'avois apporté de Paris une caisse de mineraux nouvellement connus et determinés; j'en fis hommage aux conservateurs des divers musées de Lisbonne"... E, mais adiante: "Le cabinet privé du prince du Brésil est à-peu-près le seul dépôt où je fus prendre des doubles: il était abondamment pourvu de productions du Brésil, et c'étoient ces productions du Brésil, dont le Muséum d'Histoire Naturelle ne possedoit presque aucune, que m'avoient engagé à entreprendre un voyage dans les Espagnes... Je l'ai pu avec un succès complet, à cause de le grande quantité des objets de cette contrée, accumulée dans le Cabinet royal ou d'Ajuda"... Conclui informando que, no final dos trabalhos, os portugueses se mostraram agradecidos, visto como, conforme diziam, "ils n'auroint peut' être jamais publié les riches collections qu'ils avoient mis trente ans à former: tant d'objets eussent bientôt péri". Assim, não admira que aproveitasse a "occasion de temoigner à ces hommes généreux, dont je ne puis encore sans danger faire connoître les noms, toute la reconnoissance"...

(8) Mais de século e meio decorridos, nenhum vestígio existirá já hoje dos exemplares zoológicos coleccionados por Ferreira. Quanto aos manuscritos, após a queda do regime napoleônico, conseguiu o governo de Portugal (1814) que a França restituisse em parte o fruto do saque infligido ao seu patrimônio, recuperando assim os manuscritos de Ferreira; posteriormente (1842), uma portaria ministerial ordenou a entrega dos últimos ao ministro do Brasil, Antonio Vasconcellos de Drumond (1794-1865), que passou o recibo de 258 manuscritos, trazendo-os para o Brasil, com o fim de lhes ser dada publicação (cf. Rod. Garcia, in *Introd. Dicc. Hist. Geogr. e Etnogr. do Brasil,* 1922, p. 878). Assim é que o *Diário da Viagem Filosófica* foi dado a lume na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (vols. 48-51, anos 1885-1888); mas, a maioria, a despeito de inúmeras tentativas, inclusive autorização expressa do Congresso Nacional (Lei n.º 1.706 de 22 de Outubro de 1952), continuava inédita e dispersa em várias instituições, das quais a nossa Biblioteca Nacional é a melhor aquinhoada (cf. *Anais de Biblioteca Nacional,* vol. 72).

IV

PRIMEIRAS TENTATIVAS CONSENTIDAS DE INVESTIGAÇÃO NATURALÍSTICA DO BRASIL PELOS ESTRANGEIROS

Fechado rigorosamente aos olhos do alienígena, o Brasil colonial permanecia *terra ignota* para as nações mais adiantadas nos estudos da Natureza, compreendendo-se facilmente a impaciência com que estas aguardavam a difícil oportunidade de transpôr os obstáculos criados pela metrópole portuguesa e ver satisfeita a sua curiosidade neste terreno. Gozou desse privilégio, antes de qualquer outro, destacado representante da cultura germânica, cujo nome é de justiça tirar do olvido a que o têm condenado até aqui os historiadores da investigação naturalística do nosso país. Trata-se do Conde J. C. Hoffmannsegg,[1] que duas viagens a Portugal, inspiradas ambas na paixão pelos estudos botânicos, haviam feito cair nas boas graças de seu governo, sendo-lhe permitido enviar ao Brasil um coleccionador de espécies botânicas e zoológicas para o seu museu particular. Para essa importante missão, a escolha do conde recaiu em Fried W. Sieber, velho e dedicado serviçal, a quem várias viagens em companhia de seu amo haviam ensinado a técnica necessária ao bom desempenho da tarefa que agora lhe era cometida. Graças a buscas pacientes nos arquivos do museu de Berlim, sabe-se hoje que Sieber deixou Lisboa durante o inverno de 1800-1801, com destino ao Pará, onde permaneceu até 1812, coleccionando não só nas cercanias de Belém, como em diversos pontos das margens ambas do baixo Amazonas, entre os quais Cametá, Gurupá, Monte Alegre, Santarém e Óbidos. Ao todo, no que respeita às aves, as remessas de Sieber ao Conde de Hoffmannsegg totalizaram 400 espécimes,[2] representativos de 220 formas distintas, 70 das quais ainda em 1812 eram desconhecidas dos especialistas na matéria. Pela mesma época, em que lhe chegavam do Pará as remessas de Sieber, mantinha o Conde de Hoffmannsegg ativa correspondência com o Dr. Francisco Agostinho Gomes,[3] com quem estreitara laços de amizade na época em que este digno filho da Bahia estudava leis na Universidade de Coimbra, recebendo dele a promessa, agora cumprida, de lhe enviar material zoológico de sua terra natal. Parece que o grosso das remessas feitas por Gomes constituira-se de exemplares ornitológicos, os quais, graças à munificência de seu possuidor, foram integrados mais tarde, como os de Sieber, no recém-fundado Museu da Universidade de Berlim,[4] constituindo-se os primeiros a representar na Europa a rica avifauna do Estado em questão. Segundo o Prof. E. Stresemann, autoridade em cujos trabalhos fomos buscar a maior parte dessas informações, devem-se a Gomes, afora o tipo do periquitinho *Touit surda* (Kuhl), os primeiros exemplares remetidos para a Europa de inúmeras aves brasileiras,[5] só conhecidas ali, quando o eram, através das descrições de Marcgrave e seus seguidores. É ainda o supranomeado ornitólogo quem nos dá notícia de outro correspondente brasileiro, de nome Luís Beltrão,[6] residente no Rio de Janeiro; muito modesto embora (30 espécies, em 40 exemplares), a remessa feita por este esquecido colaborador merece referência especial, visto remontar ao ano de 1800 e ter sido o ponto de partida das colecções do Conde.[7]

NOTAS

(1) Dispondo de largos recursos, foi fácil ao referido fidalgo dar largas ao seu gosto pelas Ciências Naturais, realizando, ainda muito moço, uma viagem de estudos à Hungria (1793-1794), então completamente inexplorada sob este ponto de vista. Tendo já então como auxiliar e preparador W. Sieber, volta depois as vistas para Portugal, onde, em companhia do Prof. H. F. Link, após breve visita (1795) em que teve como companheiro o médico G. W. Tilesius, faz uma estada de quatro anos (1797-1801), com repetidas excursões pelo interior do país. Os exemplares existentes no Museu da Ajuda fizeram-no interessar-se vivamente pelo estudo da flora e da fauna brasileiras, logrando a permissão de, com este objetivo, viajar para o Brasil. Ignora-se porque tal projeto não chegou a concretizar-se, contentando-se ele em despachar para aqui o seu dedicado auxiliar, que, como coleccionador, provou estar à altura da incumbência.

(2) Esses exemplares, em sua quase totalidade, foram doados ao recém-fundado museu de Berlim, sendo logo estudados por Carl Illiger (1775-1813), primeiro director da instituição, que deles organizou cuidadoso catálogo (1812), dando nomes às espécies reconhecidas como novas, no desejo, provavelmente, de lhes publicar futuramente a descrição. Embora a grande maioria destas espécies provasse ser já conhecida da ciência, através de quantos, como Linneu e seus continuadores, haviam batizado as aves guianenses descritas por Brisson, Buffon, Latham e outros, é bastante apreciável o número das que têm como tipo, exemplares paraenses coleccionados por Sieber, seu verdadeiro descobridor. Estão nesse caso: *Tinamus tao* Temminck 1815, *Crypturellus strigilosus* (Temm., 1815), *Penelope pileata* Wagler, 1830, *Penelope superciliaris* Temm., 1815, *Helicolestes hamatus* (Temm., 1812), *Gypopsitta vulturina* (Kuhl, 1820), *Myrmoborus lugubris* (Cabanis, 1847), *Sakesphorus luctuosus* (Lichtenstein, 1823), *Xiphorhynchus obsoletus* (Licht., 1820), *Synallaxis rutilans* Temm., 1823, *Pitangus lictor* (Licht., 1823), *Mimus saturninus* (Licht. 1823). Haveria ainda a mencionar os exemplares de Sieber tornados tipos de subespécies válidas em nossa nomenclatura, como *Crypturellus undulatus adspersus* Temminck, 1815), *Xenops minutus genibaris* Illiger, 1811, *Icterus jamacaii croconotus* (Wagler 1829) e outras.

(3) Francisco Agostinho Gomes, informa Sacramento Blake (*Diccionário bibliográfico brasileiro,* vol. II, págs. 383-4, Imprensa Nacional, 1893) que era "filho de Agostinho Gomes, fidalgo cavalheiro da casa real, oriundo da nobre família dos Fontouras e Carneiros, e de dona Isabel Maria Maciel Teixeira, nasceu na Bahia a 4 de Julho

de 1769 e faleceu a 19 de Fevereiro de 1842". Muito jovem, foi mandado para Portugal, com destino à carreira eclesiástica, em que chegara a receber as ordens de diácono. Morrendo-lhe porém o pai, e entrando na posse de grande fortuna, resolve dedicar-se, em Coimbra, ao estudo das ciências naturais, economia política e literatura, ramos em que se tornou, mais tarde, personalidade destacada nos meios políticos e intelectuais de seu estado natal. Possuidor de rica biblioteca, "que era então a primeira depois dos jesuítas", organizara também um museu com as produções naturais do país, por ele próprio preparadas, tornando-se sócio de várias sociedades científicas estrangeiras. Segundo E. Stresemann (*Bonner Zoologischer Beiträge,* 1950, *Heft* 2-4, pág. 128), as remessas de material naturalístico feitas por Gomes ao Conde Hoffmannsegg datam dos primeiros tempos após a sua volta de Coimbra, entre 1801 e 1807, sendo retribuída generosamente pelo Conde com farto fornecimento de livros sobre botânica, zoologia e estudos afins. Solicitado por outros ramos de atividade, Gomes nunca chegou a ser um verdadeiro naturalista; isso explica a referência muito passageira que lhe fez o Príncipe Maximiliano (dando-lhe errôneamente o prenome de Antonio) em sua famosa descrição de viagem (cf. *Viagem ao Brasil,* São Paulo, Cia. Edit. Nacional, 1958, pág. 471).

(4) Depois da fundação do Museu de Berlim (1810), em que o conde de Hoffmannsegg tinha sido *magna pars,* fez este último doação de suas colecções à referida instituição, onde foram elas entregues aos cuidados de Carl Illiger, nomeado director, que delas preparou um catálogo manuscrito (1812). Com base neste, calcula o Prof. Stresemann em 160 espécies (em 125 exemplares) as aves remetidas por Gomes. Houvesse Illiger publicado logo a sua lista, muitas espécies este-brasileiras teria como tipo exemplares de Gomes, com o aproveitamento das denominações propostas por Illiger, algumas das quais sobrevivem, acolhidas que foram mais tarde por Lichtenstein e outros.

(5) Entre as aves cujos primeiros exemplares remetidos para a Europa são devidos a A. Gomes, podem citar-se, a título de exemplos, o "gavião-pomba" (*Leucopternis lacernulata*), um "joão-de-barro" (*Furnarius figulus,* Licht.), a "lavadeira" (*Fluvicola nengeta* Linn.), a "araponga" (*Procnias nudicollis* Viell.), "saí-andorinha" (*Tersina viridis,* Licht), o "sanhaço-do-campo" (*Schistochlamys ruficapillus* Licht), o "sabiá-una" (*Platycichla flavipes* Viell.). Todas estas espécies constam de um catálogo manuscrito preparado por C. Illiger em 1812, que ficara inédito, dando oportunidade a que outros as descrevessem mais tarde, geralmente com base em novos exemplares. Cf. Stresemann, *Bonner Zoologischer Beiträge, Heft* 2-4 (1950).

(6) A única referência que encontramos a respeito deste obscuro personagem relaciona-se com certo lepidóptero (gen. *Caligo,* fam. *Brssolidae*), descrito por Carl Illiger com o nome de *"Papilio Heros Beltrao"*. Tal borboleta, diz o primeiro director do Museu de Berlim, "foi remetido do Rio de Janeiro ao Conde de Hoffmannsegg pelo oficial de justiça (Justizkanzler) Luiz Beltrão, juntamente com outras raridades, e é nomeada em homenagem a este amigo zeloso da Natureza". Cf. *Magazin fü Insektenkunde,* I, pág. 203 (1801).

(7) O material de Beltrão, estudados pouco depois por Illiger, figura na lista inédita por este preparada em 1812, com sete espécies reconhecidas como novas; mas, com exceção de uma, *Tersina viridis* (Illiger, 1811), a outros caberia dar-lhes descrição, tornando-as válidas para a ciência. Quanto aos exemplares, apenas dois (de *Orthogonys chloricterus* Viell.), parece terem resistido à ação do tempo até os nossos dias (apud E. Stresemann, op. cit., págs. 127-8).

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

V

TEM INÍCIO O GRANDE CICLO DAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS ESTRANGEIRAS

1. *Georg H. Langsdorff.*

Com a abertura dos nossos portos às nações amigas (28-1-1808), um dos primeiros atos de D. João ao transferir-se para o Brasil, elevado à sede do reino, teve início o ciclo brilhante da perquirição naturalística do território por viajantes e sábios dos países mais adiantados. Essa tarefa foi levada avante com tal açodamento e êxito, que muitos anos não seriam necessários para que a um destacado ornitologista desse período pioneiro parecesse o Brasil "le pays du Globe, après l'Europe, sans doute le mieux exploité sous le rapport de ses productions dans les trois règnes de la nature".[1] Essa obra magnífica reflete, além do mais, a orientação inteiramente nova adotada pela metrópole portuguesa no que se refere à administração da colônia, sob a influência benéfica de alguns ministros de larga visão. O príncipe Maximiliano de Wied, um dos primeiros a se utilizar da supreendente mudança, referindo-se aos estrangeiros que aqui chegavam com objectivos semelhantes aos seus, diz: "recomendados ao rei pelo conde da Barca, ministro protetor das ciências, foi-lhes dada a permissão, não só de viajar sem obstáculos nas diferentes capitanias, como também lhes foi generosamente conferida uma importância anual", a par de "passaportes concedidos em termos lisongeiros e as melhores cartas de recomendação para os capitães gerais".[2]

Entre as conseqüências advindas da mudança da família real para o Rio de Janeiro, devemos desde logo realçar aqui, pela influência que teve na investigação científica do país, a necessidade de se fazerem nele representar diplomaticamente todas as nações com que Portugal mantinha relações comerciais e políticas. Com efeito, seja porque imediatamente se rendessem ao fascínio de nossa natureza exuberante, ou porque isso já estivesse em seus objetivos ao deixar o Velho Mundo, raros foram os membros do nosso primeiro corpo consular que deixaram de tomar parte ativa no descobrimento das novidades que a flora e a fauna indígenas ofereciam com prodigalidade a quantos se decidissem a procurá-las. Poucos, todavia, nos terão prestado tantos serviços neste particular como o Barão Georg Heinrich von Langsdorff (1774-1852), de nacionalidade alemã.[3]

Em começos de 1813, chegou Langsdorff ao Rio de Janeiro, na qualidade de cônsul da Rússia, antecipando-se ao companheiro que diligenciara trazer consigo, expressamente para auxiliá-lo na faina de coleccionador e preparar espécimes, o jovem naturalista Georg W. Freyreiss (1789-1825).[4] Por lhe seguir também os conselhos, é que logo no ano imediato, outro compatriota seu, Friedrich Sellow (1789-1831),[5] aportaria no Rio de Janeiro, escolhendo o Brasil como campo de uma longa e produtiva carreira de naturalista-coleccionador, que só se encerraria dezessete anos mais tarde, em dolorosas circunstâncias. Em sua casa aprazível de Mata Cavalos,[6] onde normalmente residia, mantinha Langsdorff as portas sempre abertas, tanto para estes dois companheiros, como para todos os colegas e viajantes cientistas desejosos de obter informes úteis à realização de seus projetos,[7] pois fácil lhe fora desde o começo ambientar-se no novo meio, graças ao conhecimento da língua da terra, haurido durante muitos anos de estada anterior em Portugal. Foi assim que, em meados de 1815, mal chegado da Europa, iria o Príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied (1782-1867) travar conhecimento ali com aqueles dois freqüentadores assíduos da casa, e convidá-los para tomar parte na longa viagem naturalística que pretendia realizar pelo nosso interior, ocupando-se principalmente Sellow da parte botânica, e encarregando-se Freyreiss da colecta zoológica. A ambos sorriu essa inesperada oportunidade de ampliar o seu campo de trabalho, praticamente limitado aos arredores da cidade, pois ao próprio Freyreiss, chegado antes, só fora até então possível realizar uma excursão de longo raio, quando durante seis meses (Junho de 1814 a Janeiro de 1815), como companheiro do Barão de Eschwege,[8] percorrera o sul de Minas Gerais, até às minas de chumbo de Abaeté, com escala em Vila Rica (actual Ouro Preto).[9] Privado de seus auxiliares, continuava, não obstante, Langsdorff a enriquecer as suas colecções, constituídas principalmente de material entomológico, em que ocupavam o primeiro lugar os lepidópteros. Não tardou, porém, que se lhe oferecesse o ensejo de realizar a ambicionada viagem pelos sertões, na companhia agora do recém-chegado naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, de que teremos de nos ocupar mais adiante. Tendo também como companheiro o médico e botânico brasileiro Antônio Ildefonso Gomes,[10] parte em fins de 1816 (7 de Dezembro) para Minas Gerais, rumo a Vila Rica, onde estaciona algum tempo, em visita a Eschwege, antes de prosseguir em direcção ao norte, com passagem por Mariana, Catas Altas e Itajuru, último ponto tocado por Langsdorff, que ali se desliga de Saint-Hilaire, regressando ao Rio de Janeiro (Fevereiro de 1817).[11] O material zoológico acumulado durante essa jornada, com o que nas cercanias da referida cidade fôra conseguidos por ele e pelos seus auxiliares, enviava-o Langsdorff quase sempre para a Rússia, ou, eventualmente, para museus e colegas com quem na Europa entretinha relações. Por isto é difícil saber até que ponto terá o cônsul germânico concorrido para o progresso da nossa ornitologia sistemática; vestígios desta contribuição temo-los, todavia, em várias dedicatórias de espécies baseadas em exemplares seus, entre as quais merece aqui referência especial o raro e minúsculo beija-flor *Gouldomyia langsdorffi* (Temminck, 1821), cujo tipo sabe-se ter pertencido ao seu museu particular. Em 1820, ausenta-se o cônsul russo do Brasil, em viagem à Europa, que ele aproveita para estreitar ainda mais as suas relações com as personalidades e instituições mais importantes e, especialmente, com o Museu de Berlim, ao qual cedeu, segundo informa insuspeita autoridade,[12] a sua colecção entomológica, fruto de sete anos de contínuo labor. O passo, porém, mais importante que terá dado nessa ocasião foi convencer o czar Alexandre I a entregar-lhe o comando de uma grande expedição científica ao Brasil, nos moldes da realizada poucos anos antes pela Corte de Viena, e de que teremos de tratar dentro em pouco. Ao partir de Bremen, em Dezembro de 1821, foram seus companheiros e auxiliares, afora uma leva de oitenta emigrantes, Eugène Ménétriès (1802-1861),[13] jovem naturalista coleccionador, que conhecera no Jardin des Plantes, ao passar em Paris, e um pintor de paisagens e costumes, Moritz Rugendas.[14] Mas, ao chegar ao Brasil, em data que não nos foi possível apurar, veio encontrar completamente mudada a situação política, como consequência da partida de D. João VI para Portugal (26 de Abril de 1821), e da recente proclamação da independência do país (7 de Setembro de 1822) pelo seu filho e sucessor Pedro, aclamado Imperador. Tudo isso foi motivo de delongas, de modo que só em 1824 (fins de Abril) tiveram início as viagens pelo interior, seguindo Langsdorff para Minas Gerais em companhia dos supranomeados auxiliares, a que se acrescentara mais um, o botânico Luiz Rieel (1790-1861),[15] vindo para o Brasil em 1821, possivelmente a convite de Sellow, que fora seu condiscípulo na Alemanha, e a que se achava definitivamente radicado. Não foram, porém, além de Ouro Preto, pois já em Fevereiro de 1825 estavam todos de volta ao Rio de Janeiro, onde logo se desligam Ménétriès e Rugendas, que retornam à Europa. Entre os espécimes ornitológicos oriundos desta viagem está o tipo de *Scytalopus speluncae* (Ménétr.), obtido em São João del Rei. Deve acreditar-se bastante considerável a bagagem naturalística levada então por Ménétriès para o museu de São Petersburgo, onde ele obteria colocação estável para o resto da vida, como entomologista.

Não foi muito difícil para Langsdorff preencher as vagas deixadas por esses auxiliares, confiando a parte zoológica a um jovem compatriota, Christian Hasse, e convidando para desenhista Amado Adriano Taunay (1803-1828),[16] de uma ilustre família francesa de artistas que a queda do império napoleônico (1814) forçara a deixar o solo pátrio. Como segundo desenhista, foi contratado Hércules Florence (1804-1858),[17] a quem estaria reservada a missão de registrar para conhecimento da posteridade o itinerário e os principais sucessos da grande expedição prestes a iniciar-se.[18] Escolhida a rota fluvial outrora seguida pelas monções paulistas, são bem conhecidos os acontecimentos que fizeram da referida jornada um longo rosário de infortúnios, entre os quais se contam o suicídio de Hasse,[19] em Campinas, o afogamento de Taunay nas águas torrentosas do Rio Guaporé,[20] e finalmente, a moléstia mental que acabaria tirando completamente ao seu chefe o uso da razão. Nestas circunstâncias, resultou quase completamente infrutífero, pelo menos para a Zoologia, este último esforço de Langsdorff. Em começo de 1829, achava-se de volta no Rio de Janeiro, com destino a São Petersburgo, para cujo museu fora encaminhado o grosso das colecções.[21] No que respeita particularmente à Ornitologia, até o material coligido antes por Ménétriès, proveniente em grande parte dos arredores do Rio de

Janeiro, nem tudo pôde aproveitar-se em benefício da ciência, visto lhe faltarem etiquetas com indicações precisas sobre lugares e datas em que foram obtidos os exemplares. Não obstante esta falha lamentável, fonte de muitos erros no tocante à sua procedência, anos mais tarde publicaria o próprio Ménétriès, passando em revista todo material recebido da expedição de Langsdorff, importante contribuição ao conhecimento dos *Formicariidae,*[22] família das mais características da avifauna tropical, e até então muito pouco estudada. São de Ménétrès e procedentes do Rio de Janeiro, entre outros, os tipos de *Myrmotherula unicolor* e *Formicivora grisea deluzae,* descritas nesse trabalho. *Cercomacra melanaria* e *Pyriglena maura,* cujos tipos são dados como de Minas Gerais, mas que tudo indica terem sido coleccionados em Cuiabá, tiveram também ali a sua primeira descrição; por outro lado, procederia do rio Tapajós, o exemplar que serviu de base a *Conopophaga melanogaster,* e de Porto Feliz o de *Psilorhamphus guttatus,* espécies ambas a que Ménétrès, à falta de registro autêntico, deu por pátria Cuiabá.

II. *Freyreiss e Sellow.*

Como ficou dito,[23] deveram Freyreiss e Sellow sua vinda para o Brasil ao barão de Langsdorff, que durante perto de dois anos os teve como diligentes colaboradores; convém, portanto, que nos detenhamos, desde logo, na indagação dos serviços que nos prestaram, a partir da breve temporada em que, como companheiros do príncipe Maximiliano, prestaram o seu concurso à obra desse insigne viajante-naturalista. O primeiro a se desligar desta última foi Sellow, deixando-se ficar em Vitória (fins de Novembro de 1815), para nos seus arredores coleccionar até meados do ano seguinte, quando se põe novamente a caminho e chega ao cabo de alguns meses (Novembro de 1816) ao rio Mucuri, onde pela última vez, tem oportunidade de rever os dois antigos companheiros de jornada. Depois de demorar-se algum tempo em Caravelas, de onde escreve para o Museu de Berlim, oferecendo os seus serviços como naturalista coleccionador, prossegue rumo ao norte, até à capital da Bahia (Julho de 1817). Dessa cidade, à vista da resposta favorável à sua proposta de seis meses antes, faz imediatamente a Lichtenstein uma grande remessa de material zoo-botânico, inclusive 600 aves preparadas. Deste primeiro lote terão provavelmente feito parte os tipos de várias espécies posteriormente descritas pelo mencionado zoologista,[24] em sua qualidade de director da instituição berlinense. A chamado do conde von Flemming, chefe da legação prussiana chegada ao Brasil havia pouco, deixou Sellow a Bahia com destino ao Rio de Janeiro, onde Olfers,[25] secretário da dita legação, mais interessado talvez na Entomologia do que em assuntos diplomáticos, tinha em mente convidá-lo para companheiro numa longa excursão científica pelos estados meridionais do Brasil, a começar por Minas Gerais. Excursão essa que ambos encetariam muito breve (Agosto de 1818) dentro de programa pré-traçado, visitando a princípio localidades sul-mineiras, até São João del Rei, e voltando em seguida para São Paulo, onde se demoram vários meses em Ipanema, berço de nossa siderurgia. Do material coligido por Sellow nesta fase da jornada constam, com toda probabilidade, os tipos de algumas espécies ornitológicas descritas por Lichtenstein anos depois.[26] De Ipanema em diante, como houvesse Olfers voltado para o Rio de Janeiro (Maio de 1820), jornadeia Sellow sozinho, realizando novas excursões, para só chegar àquela cidade em começo de 1821, depois de haver visitado a capital paulista, pela segunda vez. Naquele mesmo ano, mediante uma pensão de 600$000 (decreto de D. João VI, datado de 16 de Abril) é que Sellow aceitou o encargo "de se ocupar em algumas viagens filosóficas por diversas partes do Brasil", sem prejuízo para os compromissos anteriormente assumidos com o estrangeiro. Arcando com essas obrigações, embarca então em fins de 1821, para Montevidéo, com destino ao Rio Grande do Sul, em cujo território só penetra em meados de 1823, depois de haver visitado a Colônia do Sacramento e Buenos Aires. Após perto de quatro anos de permanência no Rio Grande do Sul e territórios fronteiriços (Missões, Santa Catarina) volve novamente ao Rio de Janeiro, mas ao cabo de alguns meses de descanso, recomeça as suas peregrinações, visitando sucessivamente os estados de Santa Catarina, Paraná e São Paulo, cujo interior percorre durante longo tempo, antes de passar-se para Minas Gerais, onde iria acabar a sua carreira fatigante de naturalista-colecionador, morrendo afogado no rio Doce (Outubro de 1831).[27] Como fruto de tão longo e persistente labor, no que se refere a exemplares ornitológicos, sabe-se que entre fins de 1817 e começo de 1831, cerca de quinze remessas foram por ele feitas ao Museu de Berlim; como também não se ignora que esta instituição se descuidara de tirar de semelhante riqueza, todo o proveito que a ciência dela tinha o direito de esperar, havendo H. Lichtenstein, que então lhe dirigia os destinos, desviado, por vender ou por permuta, uma grande parte dos exemplares recebidos (num total de 5 457 peles, segundo E. Stresemann),[28] e feito montar os restantes para fins de exposição, depois de lhes retirar as etiquetas portadoras das indispensáveis especificações, tais como a exata procedência e, quiçá, data de colecta. Entre os espécimes que se salvaram deste sossôbro, contam-se os que foram utilizados para a primeira descrição de algumas espécies, já pelo próprio Lichtenstein, já por outros ornitologistas, como Temminck,[29] Wagler e Pelzeln, em cujas mãos foram ter muitos dos exemplares permutados. Em que pese ao fundamento das críticas feitas ao director do Museu de Berlim, pelo apoucado espírito científico freqüentemente demonstrado no desempenho de seus encargos administrativos, não podem ficar sem registro os reais serviços por ele prestados ao progresso da ornitologia brasileira, desde a rigorosa identificação das aves descritas por

Marcgrave, até à publicação de uma lista das duplicatas de sua instituição, onde bom número de pássaros brasileiros receberam pela primeira vez descrição científica adequada.[30] Da autoria de Lichtenstein, e baseadas no mesmo material, cabe ainda referir duas extensas contribuições ao conhecimento dos pássaros da família *Dendrocolaptidae,* para nós particularmente interessantes, pelo número avultado de espécies novas acrescentadas à avifauna do Brasil.[31]

Quanto a Freyreiss, antes mesmo de alcançar a capital baiana, onde tem a oportunidade de despedir-se do príncipe de Wied, havia ele tentado despertar o interesse das autoridades do seu país nas suas atividades de coleccionador, fazendo ao Museu de Berlim várias remessas, as primeiras das quais (uma de Vitória e duas de Caravelas, totalizando 684 exemplares ornitológicos), todavia, nunca chegaram ao seu destino. Há provas de que Freyreiss permanecera longos meses na Cidade do Salvador[32] e seus arredores, sempre ocupado em trabalhos de campo, pois foi daquela cidade (entre meados de 1817 e de 1818) que despachara os últimos lotes para instituição supramencionada, inclusive perto de 2.000 peles de aves. Só então, como houvesse o museu berlinense, abarrotado de material baiano, se desinteressado dos seus serviços, intensificaria o fornecimento de material zoológico a outras instituições européias, particularmente ao Museu de Estocolmo, no que era assistido pelo cônsul geral da Suécia, Lourenço Westin,[33] cuja amizade e apoio soubera captar logo que chegara ao Brasil. Perpetuam essas contribuições à instituição sueca, sem falar no tipo de *Laniisoma elegans* (Thenb., 1823), cerca de meia dúzia de espécies ornitológicas descritas em 1822 por Thunberg[34] na *Mémoires de l'Academie de Sciences de St. Petersbourg.* Também o nosso Museu Nacional ter-se-ia aquinhoado com exemplares de Freyreiss, embora talvez não se encontrem vestígios de facto nos registros daquela instituição; pois, como Sellow, e para os mesmos fins, já em 1815 fora admitido como pensionário do Brasil.[35] Mais tarde, é de que tivesse Freyreiss se visto na contingência de voltar-se inteiramente para outras atividades, a cujo respeito, porém, o mais que se sabe é ter contribuido para a fundação, perto de Caravelas, de um núcleo colonial para patrícios seus, a que deu o nome de Colônia Leopoldina, e sobre o qual, pouco antes de morrer, publicara em livro interessante notícia.[36]

III. *Maximiliano de Wied-Neuwied*

Viajando por sua própria conta, chegou o príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied[37] ao Rio de Janeiro na manhã de 17 de Julho de 1815, pronto a iniciar uma das mais importantes peregrinações naturalísticas jamais empreendidas no interior do Brasil. Havendo Freyreiss e Sellow acertado acompanhá-lo, como vimos, na qualidade de assistentes, partiu do Rio de Janeiro a 4 de Agosto, com uma grande tropa de cargueiros, atravessando a baía em barco a vela, até Praia Grande (atual Niterói), de onde, dois dias mais tarde, a comitiva se poria a caminho, em direcção ao norte, e quase sempre na próxima vizinhança do litoral. Depois de deixar o Estado do Rio de Janeiro, com passagem, ou estadas mais ou menos longas, em várias localidades, como Cabo Frio, Campos e São Fidélis, percorrendo sul a norte todo o Espírito Santo, naquele tempo coberto ainda de intérminas matas, habitadas por várias nações indígenas, ainda em estado bravio. Entre estas a dos Botocudos, do Rio Doce, cuja agressividade levara o príncipe a renunciar o seu intento de ali conhecê-la de perto, como haveria de fazer com êxito mais adiante (entre Agosto e Setembro de 1816), subindo o rio Belmonte, no sul da Bahia. Nesta altura, viajava Wied desacompanhado de seus dois auxiliares, pois já ao passarem por Vitória (Novembro de 1815) tomara Sellow a resolução de trabalhar independentemente, dando um exemplo que mais adiante seria seguido por Freyreiss. Ao chegar à então vila dos Ilhéus, desejoso de conhecer melhor os nossos sertões, decide-se Wied a deixar as matas litorâneas, rumando para o interior (21 de Dezembro), até os chamados *campos-gerais,* nos limites com Minas Gerais, cujo solo não chega, contudo, a palmilhar. A parte final da viagem é feita através do sertão baiano, com passagem por Poções e Vitória da Conquista, até Nazareth das Farinhas, localidade distante apenas algumas horas de percurso marítimo da cidade do Salvador, ponto terminal da longa e frutuosa jornada.

De volta à Europa, não se demora o príncipe-naturalista para pôr em ordem o enorme material levado do Brasil, no intuito de completar as notas de seu precioso diário e dar divulgação imediata às novidades científicas que se lhe afiguravam mais importantes, e fazem de sua *Reise nach Brasilien* (Frankfurt s. M..., 1821-2)[38] obra ainda hoje indispensável a todos os estudiosos da nossa história natural. Para o zoólogo, e especialmente para o ornitologista, é ela de valor inestimável, por isso que oferece, além do mais, a primeira descrição válida de muitas espécies, em que se incluem componentes dos mais notáveis da avifauna da área percorrida, vinculados uns, como o "jaó" *(Crypturellus noctivagus),* o gavião "pega-macaco" *(Spizaetus tyrannus),* dois "urutaus" *(Nyctibius aethereus* e *N. leucopterus),* o "corocochó" *(Ampelion melanocephalus)* e o "tropeiro" *(Lipaugus vociferans),* à espessura da mata, peculiares outros, como o "joão-de-pau" *(Phacellodomus rufifrons)* e o "quém-quém" *(Cyanocorax cyanopogon),* às regiões campestres, ou, como o "sanhaço-de-coqueiro" *(Thraupis palmarum),* às áreas desbravadas. Com fidalga liberalidade, em mais de uma ocasião, como no caso do papagaio de peito roxo (*Amazona vinacea*), descrito por Kuhl, 1820), cedera Wied a colegas o privilégio de trazer antes dele ao conhecimento da ciência, as suas descobertas, pois só anos mais tarde se sentiria habilitado a apresentar o resultado final de seus estudos zoológicos, com a publicação das partes sucessivas de *Beiträge zur Naturgeschichte von Brasilien* (Weimar, 1825-33), dois de cujos volumes (1831-33) são relativos às aves. Contemporâneamente (1822-31) saiam, a espaço, os cadernos de *Albbildungen zur Naturgeschichte Brasiliens,* esplêndida galeria de estampas coloridas. acompanhada de minucioso texto explicativo. Anos mais tarde, sob o título de *Nachträge, Berichtigungen und Zusätze zur Beschreibung meiner Reise im östlichen Brasilien* (Frankf. s. Meno, 1850), volta Wied a ocupar-se da matéria contida na descrição de sua viagem ao Brasil, rectificando enganos, refutando críticas e fazendo acréscimos de indispensável conhecimento para os interessados no assunto.

Naturalista na acepção mais ampla deste vocábulo, cuja única paixão era desvendar os segredos da Natureza[39] e extasiar-se diante de suas belezas, dedicava o príncipe de Wied carinho especial aos animais da classe que é objeto destas notas, mostrando-se, no dizer de competente autoridade, "excelente ornitologista para o seu tempo, no reunir larga experiência de campo a bom conhecimento do assunto". Os exemplares por ele levados do Brasil, depois de haverem permanecido longos anos em sua colecção particular, foram adquiridos (em 1870) pelo American Museum of Natural History, de Nova Iorque, onde os têm estudado vários especialistas na matéria, a começar por J. A. Allen, autor de aprofundado exame crítico dos tipos das espécies descritas como novas, tanto na *Reise,* como nos *Beiträge.*

IV. *Ano de 1816, data histórica para a nossa ornitologia.*

Estava ainda a meio, a viagem do príncipe Maximiliano, quando novos e importantes sucessos vieram fazer do ano de 1816, um dos marcos mais notáveis da história da ornitologia brasileira. Foi naquele milésimo, que chegaram ao Rio de Janeiro, trazidos pelo Duque de Luxembourg, embaixador especial da França, o insigne botânico Auguste de Saint-Hilaire (1799-1853),[40] a que antes já foi feita breve menção, e o zoólogo-coleccionador Pierre Antoine Delalande (1787-1823),[41] também já referido linhas atrás, por ter sido companheiro de Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire no saque do museu de Lisboa, durante a invasão napoleônica. Conquanto tenha Delalande permanecido entre nós apenas alguns meses, e houvesse circunscrito as suas excursões às proximidades do Rio de Janeiro, tanto maiores seriam os resultados que de seu esforço advieram para o levantamento avifaunístico da região que explorou, quanto às colecções por ele levados para o Museu de Paris foram encontrar em Louis J. P. Vieillot (1748-1831)[42] um especialista competente para, sem perda de tempo, e valendo-se somente dos exemplares em exposição estudá-las a fundo, incorporando ao patrimônio científico tudo quando encerravam em matéria de novidades. Nas páginas do *Nouveau dictionnaire d'histoire naturelle* (1816-1819), onde, conforme se exprime competente autoridade,[43] "dispersava Vieillot o melhor de sua ciência", tiveram assim graças a este ornitólogo a sua primeira descrição inúmeras aves brasileiras,[44] baseadas quase todas em exemplares coleccionados por Delalande nas cercanias do Rio de Janeiro, sua pátria típica sob o ponto de vista dos estudiosos do ramo.[45] Convém lembrar que nem todas as espécies ornitológicas cujo tipo se deve ao referido coleccionador foram descritas por Vieillot, visto que outros especialistas participaram eventualmente do mesmo privilégio, bastando para ilustrá-lo alguns exemplos, tais como *Rhamphodon naevius* (Dumont, 1818), "beija-flor pardo" da língua popular, *Leucopternis lacernulata* (Temminck, 1827), um dos nossos mais belos gaviões mateiros, *Schriffornis virescens* (Lafresnaye, 1838) e *Corythopis delalandi* (Lesson, 1830), esta última nomeada em homenagem ao seu descobridor.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

Com o breve regresso de Delalande, que acompanhou o embaixador francês em sua volta para a Europa, decidira Saint-Hilaire acrescentar aos seus encargos de botânico o de substituí-lo na tarefa de coligir espécimes zoológicos, auxiliado nisso pelo seu preparador Yves Prégent. Entretanto, embora houvesse, em sucessivas viagens, percorrido o nosso interior durante nada menos de seis anos, visitando todas as províncias meridionais do Brasil, inclusive Minas Gerais e o sul de Goiás, foi relativamente pequeno o proveito de tão grande esforço para o levantamento avifaunístico da zona percorrida, por haver-se sempre o coleccionador, ao que parece, descuidado de anotar a procedência precisa de seus espécimes, bem como a data da respectiva colecta, pormenor que no caso, seria de particular utilidade. Em consequência, raros são os exemplares de Saint-Hilaire[46] de que ficou lembrança duradoura na história da nossa ornitologia, havendo faltado até quem estudasse devidamente as colecções por ele encaminhadas ao museu de Paris.

Já não se pode dizer o mesmo do inglês William Swainson[47] (1789-1855), outro viajante-naturalista que entre nós esteve pela mesma época, visitando, por conta própria, entre fins de 1816 e meados de 1818, as capitanias de Pernambuco, Alagoas e Bahia, com a finalidade precípua de coleccionar exemplares ornitológicos. É verdade que igualmente se descuidara de nos fornecer o roteiro de suas peregrinações, e bem assim de etiquetar convenientemente os seus espécies, de cuja localidade de colecta só excepcionalmente nos deu notícias; mas, estudando ele mesmo as suas colecções pouco depois de regressar à pátria, coube-lhe não só dar a primeira descrição de algumas tantas melhor conhecidas, através de estampas coloridas, espécies características da área percorrida e tornar outras partes integrante de esplêndidas iconografias, entre as quais são de particular interesse para o nosso caso as intituladas *Zoological Illustrations* (1820-1823) e *Ornithological Drawings* (1834-1841). De seu pincel são também os desenhos a cores na obra intitulada *Birds of Brazil and Mexico,* aliás sem data e desacompanhada de qualquer texto.

NOTAS

(1) Cf. O. des Murs, em Castelnau, *Expédition à l'Amérique du Sud,* Oiseaux, p. 62.

(2) Cf. Maximiliano de Wied-Neuwied, *Viagem ao Brasil,* Cia. Edit. Nacional, São Paulo, 2.ª ed., pág. 7 (1958).

(3) Filho de burgo-mestre de sua cidade natal, nasceu Georg Heinrich Langsdorff em Wöllstein (no então ducado de Nassau-Usingen), a 18 de Abril de 1774. Fez estudos superiores na Universidade de Göttingen, onde foi aluno do célebre naturalista Johann F. Blumenbach (1752-1840), doutorando-se em medicina (1797). Apenas formado, aceita do príncipe Christian von Waldeck, nomeado generalíssimo dos exércitos portugueses, o convite para acompanhá-lo na qualidade de seu médico particular. Em Lisboa, aproveita o tempo vago na colecta de todas as produções naturais que lhe caíam sob os olhos, e com tal interesse que, morto o príncipe (1799), engaja-se como médico das tropas inglesas auxiliares, tomando parte na luta dos espanhóis contra Napoleão (1801), e só regressando à pátria após o tratado de paz de Amiens (1802), com grande cópia de material naturalístico, plantas principalmente. Chegando então ao seu conhecimento que a Rússia se preparava para realizar, sob o comando do almirante Adam J. von Kruzenstern (1770-1846), importante expedição à volta do Mundo, consegue ser incluido entre seus membros, como naturalista. Em meados de 1803 (7 de Agosto), embarca então em Copenhague, para passados quatro meses (21 de Dezembro), pisar pela primeira vez a terra brasileira, ao fundear o navio em Desterro, na ilha de Santa Catarina. A forte impressão causada no espírito de Langsdorff por este primeiro contacto, longo de seis semanas (20 de Dezembro de 1803 a 2 de Fevereiro de 1804), com a natureza tropical vem narrado no livro *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt* (St. Petersburgo, 1812). Esse deve ter sido o motivo pelo qual nasceu-lhe o desejo de voltar ao Brasil na primeira oportunidade, o que consegue fazer pouco depois (1813), nomeado cônsul da Rússia. Em 1816, adquiriu Langsdorff, na base da Serra da Estrela, uma pequena propriedade agrícola a que deu o nome de Fazenda da Mandioca, tornando-a famosa como ponto de encontro dos naturalistas vindos ao Brasil por essa época, como Spix e Martius, que a fizeram estampar no atlas de sua descrição de viagem.

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

(4) Era Georg Wilhelm Freyreiss filho de Francfort sobre o Meno, onde nasceu em 12 de Julho de 1789. No ano de 1809, Bernhard Meyer, reputado ornitologista residente na vizinha cidade de Offenbach, recomendou-o a G. v. Langsdorff, que naquele mesmo ano levou-o para São Petersburgo, onde se ocupa em negociar com material naturalístico e trava conhecimento com o Dr. Tilesius, reputado médico e homem de ciência. Langsdorff, ao vir para o Brasil, nomeado cônsul, convida-o para acompanhá-lo nessa viagem; mas o mau tempo forçou os visitantes a interrompê-la na Suécia, o que deu a Freyreiss a oportunidades de, em Upsala, travar relações com o Carlos Thunberg (1743-1828), professor de Botânica na Universidade, que lhe dá cartas de recomendação para Lourenço Westin, cônsul da Suécia no Rio de Janeiro. É assim que vem para o Brasil, onde chega em meados de 1813 (29 de Agosto), conquistando logo a amizade do cônsul supranomeado, que lhe fornece meios para coleccionar pelos arredores. Essas informações, como outras muitas referentes a Langsdorff e seus companheiros, foram extraídas do excelente artigo do Prof. E. Stresemann, no *Zoologischen Jahrbücher,* vol. XXVII, p. 401-425 (1948).

(5) Friedrich Sellow, nascido em Postdam a 12 de Março de 1789, estavam fadado desde o berço ao estudo dos vegetais, pois não só o pai, Carl Julius Samuel Sellow, como o avô, se haviam ocupado com as plantas, aquele como jardineiro, e este como horticultor. Foi no jardim botânico de Berlim, onde trabalhava como auxiliar, que o Prof. Willdenow, renomado botânico, teve a sua atenção voltada para ele, apresentando-o a Alexandre Humboldt. Graças a este sábio, que obteve do governo os meios para enviá-lo a Paris (1810-1811), foi-lhe possível aperfeiçoar os seus conhecimentos, ouvindo os maiores botânicos e zoologistas da época (A. Lautent, de Jussieu, Georges Cuvier, Jean B. de Lamarck, Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire). Logo em seguida, auxiliado pessoalmente por Humboldt, segue para Londres, onde frequenta o Museu Britânico, e tem a oportunidade (Janeiro de 1813) de encontrar-se ali com G. H. Langsdorff, que estava de viagem para o Brasil e o anima a seguir o seu exemplo.

(6) *Viagem de Spix e Martius* (Rio de Janeiro, 1938, pág. 103) o seguinte trecho: "Morava o Sr. von Langsdorff numa pequena casa de campo, na encosta da serra que se estende a sudoeste da cidade, e gozava ali, entre o perfumado arvoredo do Brasil, de magnífica vista da cidade e de parte da baía. Nada se pode comparar à beleza deste lugar quando, passadas as horas quentes do dia, brisas ligeiras refrescam o ar embalsamado pelos aromas da mata próxima".

Sobre o mesmo assunto, e de modo ainda mais sugestivo, externou-se o príncipe de Wied, merecendo transcrição o que escreveu,

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

segundo Josephine Huppertz, em seu *Diário,* sem reproduzi-la na *Viagem:*

"Era particularmente agradável a morada do Sr. von Langsdorff em Mata Cavalos, nas vizinhanças da cidade. A casa ficava no alto de uma encosta verdejante da montanha e no meio de um jardim. Possuia na frente uma espaçosa varanda, espécie de páteo coberto por uma expansão do telhado sustentada por colunas; ali se faziam a primeira refeição e o almoço do meio-dia, à frente da escada, pertinho da qual laranjeiras, mamoeiros e outras belas árvores frutíferas ofereciam as suas flores odoríferas a uma quantidade de beija-flores, dos mais lindos nunca vistos". (cf. Maximilian Prinz zu Wied, *Unveröffentlice Bilder und Handschriften zur Wölkerkunde Brasiliens,* Ferd. Dümmlers edit., Bonn, 1954, pág. 38).

(7) A hospitaleira casa do sr. von Langsdorff era para os muitos europeus residentes no Rio de Janeiro um agradabilíssimo ponto de reunião à noite. Ali reinava continuamente alegre e animada conversa, à qual se acrescentavam ainda o encanto do talento musical da dona da casa e o concurso de Neukomm. Semelhante número de naturalistas ou amigos da natureza, como aconteceu justamente no tempo de nossa estada, nunca havia se reunido aqui.

(8) De um artigo do eminente historiador e bibliógrafo pernambucano Alfredo de Carvalho (cf. *Biblioteca Exótico-Brasileira,* II, p. 120, Rio de Janeiro, 1930), colhemos que "nascido em 1777 na cidade hessiana de seu nome, Guilherme Luiz de Eschwege entrou ao serviço de Portugal em 1803, e veio para o Brasil em 1809, a convite de D. João VI, aqui é logo nomeado inspetor das minas e conservador do real gabinete mineralógico, cargo este que ocupa até 1821, quando regressa definitivamente à Europa". Unanimemente considerado como fundador da geologia e mineralogia do Brasil, legou-nos Eschwege numerosos trabalhos sobre a sua especialidade, destacando-se entre eles o importante livro intitulado *Pluto Brasiliensis* (Berlim, 1833), que reune grande parte de suas observações geognósticas. Em *Journal von Brasilien* (Weimar, 1818) deu-nos a descrição de suas viagens científicas.

(9) Datado de Maio de 1815 e conservado inédito durante quase um século, pertencia o manuscrito dessa viagem à biblioteca particular do rei da Suécia, quando dele foi tirada uma cópia, cuja tradução, devida a A. Loefgren, aparece publicada no tomo XI (1907) da *Revista do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo* (págs. 158-228). Consta de seis capítulos, contendo a descrição minuciosa do itinerário percorrido desde o Rio de Janeiro até Vila Rica e vizinhos distritos diamantíferos de Abaeté e Indaiá. Com informações a respeito dos

costumes das populações e muitas notas interessantes sobre a fauna das regiões percorridas, diz Freyreiss ter chegado à conclusão, paradoxal à primeira vista, mas na maioria dos caso perfeitamente confirmada pelos fatos, de que "quanto mais se afasta dos lugares habitados, mais diminuem também os animais", sendo assim "errônea a afirmação dos viajantes de que quanto mais longe de povoado, tanto maior é a quantidade de animais". No que se refere às aves, se algumas (v.g. "*Alauda pratensis*") lhe pareciam idênticas às similares européias, a maioria pertencia a espécies diferentes, algumas das quais se lhe afiguraram novas, e como tais foram batizadas e descritas. Dentre estas, merece referência particular o raro e curioso *tirânida campestre* (cujos machos, pela disposição vertical da cauda, lembram um galo em miniatura), que ele rotulou com o apropriado nome de *Muscicapa alector,* mas já tinha sido dado a conhecer poucos anos antes por Azara e acabava de ser competentemente descrito por Vieillot (1816), sob o nome de *Gallita tricolor,* com base nas informações daquele probo observador. Pode-se fazer idéia da atividade zoológica de Freyreiss durante toda a viagem, sabendo que durante a sua permanência em Sumidouro, fazenda situada na serra da Estrela, onde ficou um mês à espera de Eschwege, ele conseguiu coleccionar "cerca de 900 mamíferos e pássaros e uma porção de insetos", que foram expedidos para o Rio de Janeiro, logo após a chegada do companheiro.

(10) Antonio Ildefonso Gomes era filho da Capitania de Minas Gerais, onde nasceu em 1794. Formou-se em medicina pela antiga Academia Médica-Cirúrgica do Rio de Janeiro, alternando o exercício da clínica com o interesse pela Botânica. Este foi o motivo que o levou a empreender várias viagens de estudo, de algumas das quais fez o relato no folheto intitulado *Viagem às províncias do Norte do Brasil em 1855 e 1856* (Rio de Janeiro, 1857). O médico e botânico inglês George Gardner, em sua longa peregrinação pelo Brasil (1836-41), a ele se refere em termos elogiosos, contando como a sua casa de campo lhe "esteve sempre aberta, como para todos os cientistas que têm visitado o Rio". Faleceu nesta última cidade em 1859.

(11) Saint-Hilaire, ao historiar o itinerário de sua viagem em companhia de Langsdorff, traça um quadro assás interessante da vida que levavam, deixando entrever a futura perturbação mental de que fora vítima esse seu companheiro. Cf. *Viagem pelas Províncias de Rio de Janeiro e Minas Gerais,* tomo I, págs. 123-4 (Cia. Edit. Nac., Brasiliana, vol. 126, São Paulo, 1938).

(12) Cf. E. Stresemann, loc. cit., pág. 408.

(13) Escasseiam dados bibliográficos sobre Eugène Ménétriès, a cujo respeito, não obstante, foi publicada em francês, acompanhada

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

de retrato, uma notícia importante em *Horae Soc. entomol. Ross.*, vol. II (1863), pp. 1-7, da autoria de A. v. Manderstierna.

(14) Nascido em Augsburg, perto de Munique, a 29 de Março de 1802, descendia Moritz Rugendas de uma velha família de artistas, havendo o pai sido director da Escola de Belas Artes de sua cidade natal. O desejo de acompanhar o barão de Langsdorff ter-lhe-ia nascido do interesse despertado pela famosa viagem de Spix e Martius; mas, como a breve prazo houvesse se desligado da expedição russa, passou a trabalhar por conta própria, percorrendo o Brasil em várias direcções, até 1825, quando regressou à Europa, levando consigo vasta colecção de desenhos e aquarelas, que serviriam para a publicação, em 1835, de uma obra do maior valor artístico e documental do ponto de vista da representação das paisagens e seus habitantes, com seus usos e costumes. Infelizmente, absteve-se o autor de preparar qualquer diário de suas excursões, descuidando-se igualmente de redigir, ele próprio, as legendas indispensáveis ao reconhecimento inequívoco dos lugares visitados. Numa segunda viagem ao nosso hemisfério, por volta de 1831, depois de percorrer vários países, aportou novamente no Rio de Janeiro, ali permanecendo mais de um ano, antes de voltar para a Europa (1847); mas, do imenso material iconográfico acumulado em sua carreira de artista-viajante, nada consta de importância particular para o naturalista, à exceção dos etnógrafos. Com o título de *Viagem pitoresca através do Brasil,* temos a tradução, por Sérgio Milliet (Martins edit., 1940), do citado livro de Rugendas. (Cf. Alfredo de Carvalho, *Anais Bibl. Nac.,* vol. 77, pág. 72).

(15) Nascido em Berlim (2 de Março de 1790) são bastante escassos os informes a respeito da vida desse prestadio estrangeiro, não só antes como depois de sua vinda para o Brasil, onde, "apesar de nada ter publicado no domínio de sua especialidade", diz Mello-Leitão, "foi grande herborizador, tendo enviado a maior parte de suas colecções para São Petersburgo"... Seja, como for, ponto de parte as duas viagens em que foi companheiro de Langsdorff, é bastante significativo o fato de haver continuado a palmilhar, como naturalista, os nossos sertões, de que é prova a sua longa excursão por Minas Gerais em companhia de Lund (1833-1834). Alheio embora à ornitologia, consta que aos seus cuidados se deve o exemplar (obtido no rio Madeira, quando por ali passara como companheiro de Langsdorff) de que se serviu Wagler para descrever o seu *Pteroglossus besuharnaisii,* curiós araçari de penas encaracoladas no cocuruto. Foi durante muitos anos director do Passeio Público, do Rio de Janeiro e chefe também da Secção de Botânica do Museu Nacional (nomeado em 11 de Fevereiro de 1842).

/ ix

SciELO

(16) Aimée Adrian Taunay (nascido em Paris, em 1803) chegou ao Rio de Janeiro em 1816 (25 de Março) na companhia do pai, Nicolas Antoine Taunay (1755-1830), pintor consagrado, que as pertubações decorrentes da queda do regime napoleônico (1814-1815) fizeram emigrar, com toda a família, para o Brasil, na qualidade de membro da Missão Artística levada a efeito por D. João VI, sob a chefia de Joachim Le Breton (1760-1819). De temperamento aventuroso, dispôs-se, aos 16 anos apenas, a acompanhar, como desenhista, a expedição circunavegatória de Freycinet, embarcando no "Uranie", cujo naufrágio nas ilhas Falkland (Fevereiro de 1820), acarretaria o malogro do empreendimento. Morrendo afogado no rio Guaporé oito anos depois, dir-se-ia cumprida à risca uma trágica vocação marcada pelo Destino. (Cf. Visconde de Taunay, *A cidade do ouro e das ruinas,* cap. II, idem. *Trechos de minha vida,* pág. 201).

(17) Nasceu Hércules Florence em Nice (a 29 de Fevereiro de 1804), filho de Arnaud Florence (falecido em 1807), distinto cirurgião militar, que fora também professor de desenho. Contudo, a vocação artística, herdara-a provavelmente da família de sua progenitora, um de cujos membros havia conquistado o primeiro prêmio na Academia de França fundada por Luiz XIV. O mar, diz o seu biógrafo E. Bourroul, atraia-o desde a primeira infância, motivo pelo qual, ao atingir a adolescência, veio-lhe o desejo incoercível de viajar, plenamente satisfeito quando a oportunidade que se lhe ofereceu de atravessar o Atlântico e aportar no Rio de Janeiro (Fever. 1824), onde resolveu fixar residência (Maio de 1824) e tentar a sorte no comércio. Era ali caixeiro na livraria de um compatriota seu, de nome Plancher, quando teve a atenção despertada para o anúncio que o barão de Langsdorff fizera publicar à procura de um desenhista para a expedição em preparo.

(18) Providencial foi o engajamento de H. Florence na expedição, uma vez que lhe coube, por iniciativa própria, tornar-se o narrador fiel do itinerário percorrido, como complemento de uma série de mais de 300 desenhos representativos de aspectos naturais e cenas relativas aos ponto visitados, Divulgada pela primeira vez (no tomo XXXVIII da *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*) pelo Visconde de Taunay, descobridor do manuscrito, foi há poucos anos publicada em livro (editora Melhoramentos de São Paulo), depois de haver sido reproduzida parcialmente (cf. *Rev. do Museu Paulist.,* tomo XVI, 1929) por muito autores, entre os quais E. L. Bourroul, conterrâneo de Florence e seu competente biógrafo. Tendo Adriano Taunay e Luiz Riedel se separado de Langsdorff em Cuiabá, seguindo para o rio Guaporé, o que se passou com seus companheiros só é

conhecido através do que se salvou da correspondência expedida pelo último, antes de se reunir aos outros, em Santarém.

(19) É ainda o Visconde de Taunay quem nos conta (cf. *A cidade do ouro e das ruinas,* págs. 23-24) as circunstâncias em que se deu esse lamentável acontecimento. "Violentamente se apaixonara o zoólogo Hasse da filha única do cirurgião-mor Francisco Alvares Machado de Vasconcellos, morador naquela cidade de Porto Feliz e já então político influente na província de São Paulo, e ali se deixou afim de pleitear a sua aceitação". Diante, porém, da recusa terminante da moça, "meses depois, o pobre Hasse, completamente desanimado, se suicidou, dando em si trinta e tantas facadas". Quis o destino que a heroina involuntária dessa tragédia viesse a ser mais tarde, a esposa fiel de Hércules Florence, por ela preferido desde o primeiro momento.

(20) Graças a Riedel, testemunha ocular do afogamento de Adriano Taunay, é que se tornaram conhecidas as circunstâncias em que se deu a tragédia, assunto de duas cartas (datadas de 10 de Janeiro e 10 de Março de 1828) endereçadas da cidade de Mato Grosso à família do inditoso companheiro (cf. Visconde de Taunay, *A cidade do ouro e das ruinas,* 2.ª ed., pág. 29).

(21) Por uma carta de L. Riedel a H. Florence datada de 27 de Abril de 1830, sabe-se que Langsdorff embarcara para Europa na manhã daquele dia. Escoltara-o o Major de Selloh, como se lê numa correspondência de P. A. Kielchen, procurador da família do cônsul russo (v. E. L. Bourroul, *Hercules Florence,* págs. 330-332).

(22) E. Ménétriès, *Monographie des Myothérides,* em *Mémoires de l'Academie de Sciences de St. Pétersbourg,* 6.ª série, vol. III, 2.ª parte (1835).

(23) Vide E. Stresemann, in *Zoologische Jahrbücher,* Zool. Syst., Bd. 77, Heft 6, pág. 410 (1948).

(24) É de crer que tenham parte do lote em questão, entre outros, os tipos de *Phloeoceastes robustus* (Lichtenstein, 1823), *Picumus exils* (Licht., 1823), *Dendrocincla turdina* (Licht., 1820), *Myrmeciza loricata* (Licht., 1823).

(25) O Dr. Ignaz Franz W. M. Olfers (1793-1871), que viera para o Brasil em meados de 1818, como secretário da legação alemã chefiada pelo conde von Flemming, tencionava, antes de tudo, aplicar-se ao estudo das ciências naturais. Sellow veio ao encontro destes desejos, recebendo a incumbência de acompanhá-lo numa expedição pelo interior de Minas e São Paulo (Agosto de 1818). Em Ipanema (meados de 1819), chamado apressadamente ao Rio de Janeiro. Olfers

vê-se obrigado a deixar o companheiro com que havia trabalhado em perfeita harmonia, deixando-lhe a parte relativa à Botânica, aos Mamíferos e às Aves, e ocupando-se particularmente com os Vertebrados ditos de sangue frio e os Invertebrados. Depois da volta de Sellow ao Rio (Maio de 1820), planejavam os dois amigos nova expedição em companhia de Olfers; mas a volta de D. João VI para Portugal (Abril de 1821) e a decorrente transferência da Legação prussiana para Lisboa impedira a concretização do projeto. Não obstante, Olfers voltaria ao Brasil alguns anos mais tarde (1827), sob D. Pedro I, na qualidade de Encarregado de Negócios, tendo a satisfação de rever o antigo companheiro de viagens pelos nossos sertões (cf. E. Stresemann, *op. cit.*, pág. 416). Consta haver regressado em 1830 à sua pátria, onde foi durante muitos anos Conselheiro de Legação do Ministério das Relações Exteriores, sem nada publicar a respeito de suas atividades no Brasil, como naturalista.

(26) Citam-se, como estando nesse caso dois arapaçus, *Lepidocolaptes squamatus* (Licht., 1822) e *Lepidocolaptes bivittatus* (Licht., 1822); o furnariida que o vulgo crismou com o nome de "presidente da porcaria" e os ornitologistas chamam *Lochmias nematura* (Licht., 1823); a borralhara, *Mackenziaena severa* (Licht., 1823), *Atilophia galeata* (Licht., 1823). Pássaros todos estes descritos com base em exemplares declaradamente coligidos na então província de São Paulo, sendo Ipanema a sua procedência provável.

(27) Segundo informações colhidas por ocasião de uma viagem ao rio Doce, o afogamento de Sellow teria ocorrido, segundo uns, acidentalmente, ao banhar-se ele na corredeira conhecida pelo nome de Cachoeira Escura; segundo outros, porém, teria praticado o suicídio. Vários fatos parece darem força à última hipótese, inclusive os termos do testamento em que declarara as suas últimas vontades.

(28) E. Stresemann, op. cit., pág. 419.

(29) Natural de Amsterdam e filho abastado de funcionário da Cia. das Índias Orientais, que se podia dar ao luxo, bastante difundido na Holanda do século XVIII, de possuir um rico museu particular em que ocupavam lugar importante, aves procedentes das regiões mais longínquas do Velho Mundo, Conrad Jacob Temminck (1778-1858), começando também como simples amador convertendo-se mais tarde num estudioso sério da Ornitologia, graças antes de tudo ao convívio com alguns eminentes conhecedores do ramo, tais como Le Vaillant (1753-1824), que acabava de narrar as suas aventuras de viajantes e naturalista no interior da África, num livro que fez época. Gozando de acesso fácil aos principais "gabinetes" de História Natural, o nome de Temminck consagrou-se através de várias obras extremamente importantes, entre as quais sobressai um *Nouveau Récueil de Plan-*

ches *Colorieés,* onde abundam as descrições de espécies novas para a ciência, não poucas delas oriundas do Brasil.

(30) Martin H. K. Lichtenstein, *Verzeichniss Doubletten des Zoologischen Museums...* (1823). Entre as espécies que receberam o seu registro de nascimento no catálogo de duplicatas de Lichtenstein incluem-se *Sakesphorus luctuosus, Mackenziaena severa* ("borralhara" da língua vulgar), *Thamnophilus palliatus* ("choquinha"), *Lochmias nimatura* ("capitão da porcaria"), *Rhytipterna simplex, Tityra inquisitor* ("araponguinha"), *Antilophia galeata, Xolmis velata* ("pombinha das almas"), *Pitangus lictor, Mimus saturninus* ("sabiá-poca"), *Turdus fumigatus* ("sabiá-verdadeiro").

(31) Cf. Abhandl. Akad. Wissens. Berlin, anos 1818-19 e 1820-21. Entre as novidade acrescentadas ali à avifauna brasileira incluem-se *Xirphorhynchus guttatus, X. Obsoletus, Lepidocolaptes squamatus* e *Camppylorchamphus trochilirostris.*

(32) Sabemos que tanto Sellow como Freyreiss achavam-se na Cidade do Salvador, quando, em fins de 1817, por ali passara W. Swainson, a caminho do interior baiano.

(33) Lourenço Westin (1787-1846), primeiro cônsul da Suécia no Brasil, ocupava em Portugal o cargo de cônsul geral sueco-noruguês no começo do século passado, tendo ali a ventura de estreitar relações com José Bonifácio de Andrada e Silva e outros eminentes representantes do nosso país nas cortes de Lisboa. Transferido para o Brasil pouco depois da vinda de D. João VI mostrou-se sempre sinceramente interessado por tudo quanto podia contribuir para o nosso progresso, merecendo ser escolhido por D. Pedro I, para o desempenho de importantes missões, de carácter não só diplomático como político. Homem de recursos e rara liberalidade, desses que a história registra exemplos que muito nos honra a sua memória. Entre outros serviços meritórios o papel importante que assumia na elaboração do nosso Código Comercial. Tinha, além do mais, grande interesse pelo estudo das ciências naturais, que ocupavam lugar importante em sua grande biblioteca, em grande parte trazida de Lisboa, juntamente com uma "bela colecção mineralógica". Radicando-se em nosso país, deixou grande descendência, alguns de cujos membros têm conquistado posições de destaque em nosso meio. (Cf. Dr. João Gualberto de Oliveira, confer. pronunciada a 23 de junho de 1950 e publicada em *O Estado de S. Paulo*).

(34) Carl P. Thunberg (1743-1828), naturalista sueco, nascido em Joenkoeping, prov. de Smaland. Fez seus estudos na Universidade Upsala, sob Linné, formando-se em Ciências Naturais. Em 1772, depois de adquirir o grau de doutor em medicina, foi enviado ao Cabo da Boa Esperança, onde excursionou durante três anos. Em 1784,

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

por morte de Linné (Jan. de 1788) foi nomeado Professor na Universidade de Upsala, dando impulso vigoroso aos estudos zoo-botânicos. Entre outros trabalhos, publicou, em colaboração com G. J. Bilberg, uma obra intitulada *Plantarum Brasiliensium decas prima* (Upsala, 1807), origem provável do seu interesse pela história natural de nosso país. Entre os pássaros brasileiros cujo nome científico e primeira descrição se devem a Thunberg estão *Pipra pephaleucos, Elaenia flavogaster, Phyllomyias fasciatus* e *Chlorophonia cyanea.*

(35) Por decreto de D. João VI, datado de 16 de Abril de 1820, foi conferida ao naturalista alemão Frederico Sellow uma pensão anual de 600 mil réis, "afim de se ocupar em algumas viagens philosóphicas por diversas partes do Brasil", pensão essa que D. Pedro I, não só manteve como a mandou regularizar, quanto a forma de pagamento. Cf. Max Fleiss, na Introdução ao *Dicionário Hist. Geogr. e Ethnogr. do Brasil,* cap. XXVIII, pág. 995 (Rio de Janeiro, 1922).

(36) Georg W. Freyreiss, *Beitraege zur naehren Kenntnis des Kaiserthums Brasiliens...*, págs. XII, 170 (Francfort s. M., 1824).

(37) Descendente de uma hierarquia de nobres que passaram a residir a margem direita do médio Reno antes mesmo do século XI, nasceu Maximilian Alexander Phillip, Príncipe de Wied-Neuwied a 23 de Setembro de 1782, no castelo senhorial de Neuwied, oitavo entre dez irmãos. Seus antepassados abraçaram muito cedo a Reforma religiosa, desempenhando papel de relevo na história germânica, já como guerreiros, já como políticos e administradores. Fora daí, o penhor pelas artes manifestou-se em muitos membros mais novos da família, inclusive dois irmãos seus (Carlos e Luisa), artistas pintores formados pela Universidade de Dresden. Não admira, assim, que o próprio Príncipe Maximiliano mostrasse marcado pendor e capacidade para a pintura e o desenho, prendas que tão úteis lhe seriam mais tarde, na documentação iconográfica de suas viagens. No serviço das armas, como oficial do exército prussiano, tomou parte saliente em várias lutas, tendo sido feito prisioneiro pelo exército de Napoleão, na célebre batalha de Iena (1806). Isso estava dentro das tradições de sua família; não assim a inclinação, cedo revelada, pelos estudos que iriam garantir-lhe um nome aureolado na história da ciência. Ainda muito moço, sob a influência de certo professor, começara a interessar-se particularmente pela História Natural; mais tarde, na Universidade de Goettingen, onde foi aluno do grande anatomista e antropólogo J. F. Blumenbach (1752-1840), aquele ramo de conhecimentos iria observar decididamente as suas atenções, despertando-lhe também o gosto pelas viagens e excursões. Já visitara muitos países da Europa, quando lhe veio o desejo de conhecer regiões mais distantes, imitando o exem-

plo de A. Humboldt, com quem travara então conhecimento, ao regressar este de suas viagens, longas de cinco anos (1799-1804), pela América do Sul. A esse acontecimento se prende a resolução de visitar também o Novo Continente, só concretizada quando serenaram as guerras cruentas em que a Europa esteve envolvida no começo do século passado. Anos depois da memorável peregrinação pelo interior do Brasil, acontecimento máximo de sua carreira, fez o príncipe Maximiliano uma nova viagem, desta vez à América do Norte (1823-1834), com o objetivo definido de estudar as remanescentes hordas de autóctones. De volta à pátria, nunca interrompeu os estudos de gabinete, mantendo correspondência ativa com o mundo científico. Faleceu aos 85 anos de idade (3 de Fev. de 1867) no castelo senhorial em que viera ao mundo.

(38) Publicada inicialmente em alemão e em francês, foi logo traduzida para os principais idiomas; mas só modernamente foi publicada a sua versão em português (Cia. Edit. Nacional, São Paulo, 1940 e 1958), acompanhada de comentários e de um índice remissivo por O. Pinto.

(39) Karl Viktor Prinz zu Wied, descendente do mesmo tronco, em preciosa notícia biográfica sobre seu ilustre antepassado, dá-nos ciência de que "Maximiliano nunca se casara; sua vida parece ter sido isenta, em grau surpreendente, de acontecimentos de carácter emocional e de ligações afetivas". Faz a referida notícia parte de uma coletânea de trabalhos sobre a personalidade de Wied e sua contribuição à Etnografia brasileira, publicada por Joseph Röder e Hermann Trimborn (Stuttgart, 1954), com o aproveitamento do *Diário,* ainda inédito, que serviu de base à narrativa de expedição.

O itinerário da viagem, com atualização dos nomes geográficos, acha-se condensado em trabalho recente, da autoria de Werner Bockermann, conhecido anfibiologista (cf. Archivos de Zoologia, X, art. 3, 1957).

(40) Auguste Provençal de Saint-Hilaire (1779-1853), descendia de uma família nobre e abastada de Orléans, sua cidade natal, motivo pelo qual ao estourar a Revolução de 1789, viu o pai ser encarcerado numa prisão, da qual só a muito custo saíra com vida. Mandado para Holanda, afim de se dedicar ao comércio, não conseguiu vencer a inata aversão por esta carreira, passando em consequência por uma fase de grandes aflições, só minoradas depois que, seguindo os conselhos de uma piedosa dama, passou a dedicar-se aos trabalhos da inteligência, ponto de partida para o estudo da Botânica, pelo qual se apaixonou assim que esteve de volta em Paris. Tendo acompanhado o Duque de Luxemburgo em sua vinda para o Brasil, como embaixador extraordinário, aqui se deixara ficar, dando sempre mostras de grande

simpatia pela nossa terra e iniciando uma série de viagens de estudo pelo seu interior, ao longo de seis anos de permanência entre nós (Junho de 1816 a Agosto de 1822). Preciosas do ponto de vista geográfico, histórico e sociológico, as obras referentes a essas viagens são-no, entretanto, muito menos para o que respeita à história natural das regiões percorridas. Não obstante, como botânico, deixou-nos Saint-Hilaire algumas obras sobre plantas do Brasil, entre as quais a mais importante, intitulada *Flora Brasiliae Meridionalis* (Paris, 1825-1832), vem acompanhada de 192 pranchas a cores.

(41) Pierre Antoine Delalande contava já 32 anos de idade (nascera em Versailles, a 27 de Março de 1778) quando chegou ao Brasil. Entrara muito cedo para o Museu de Paris, onde seu pai possuia um emprego, tornando-se ao cabo de algum tempo preparador de Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire, zoologista famoso, bem conhecido pela sua polémica com Georges Cuvier (1830) em torno da variabilidade das espécies, que ardorosamente defendia, como bom discípulo de Lammarck. Naquela qualidade é que acompanhou o seu chefe na pilhagem dos museus de Lisboa, por ocasião da invasão napoleônica, razão provável de sua escolha como zoólogo, na comitiva do embaixador extraordinário de sua pátria. Não consta que se tenha afastado muito do Rio de Janeiro (embora exemplares de Sumidouro provam ter visitado a Serra dos Órgãos), ali permanecendo até o regresso do diplomata, numa actividade coleccionadora fácil de avaliar pela quantidade de material conseguido nos arredores sombreados de densa mataria, particularmente no maciço do Corcovado. Pouco depois da volta do Brasil, Delalande recebeu a incumbência de coleccionar no sul da África (1818), missão espinhosa cujo bom desempenho lhe valera a Cruz da Legião de Honra, mas lhe custara a ruina da saúde e, logo após o regresso a Paris, veio a falecer prematuramente (27 de Julho de 1823).

(42) Não é muito o que se conhece sobre a vida de Louis Jean Pierre Vieillot, vindo ao mundo em 10 de Maio de 1748, na cidadezinha francesa de Jvetot (Normandia), ignorando-se tudo a respeito de sua formação. No começo de sua carreira foi homem de negócios em São Domingos (Haiti), para onde teria ido, a julgar pelas informações de um de seus descendentes, já com o fito de caçar e naturalizar aves. Ao cabo de alguns anos, em face de um levante dos pretos contra os brancos, emigrou para os Estados Unidos (1792), onde reuniu o material mais tarde utilizado na sua importante obra *Les Oiseaux de l'Amérique Septentrionale,* vinda a lume em 1808, com ilustrações de Prêtre, famoso desenhista. Sua volta para a França (1798), em companhia da família, foi assinalada por trágicos acontecimentos, tendo perdido durante a travessia a esposa e duas filhas,

vítimas de febre amarela. Em Paris, grande lenitivo para as suas desditas foi satisfazer a sede de trabalho. escrevendo o texto para uma grande obra sobre os beija-flores, iniciada por J. B. Audebert, com a feitura das estampas. Em Paris, vivia dos magros proventos de um emprego modesto que Dumont de Sainte Croix, seu colaborador e amigo, lhe arranjara no *Bulletin des Lois;* sobrava-lhe assim tempo para entregar-se aos estudos de sua paixão, publicando novos livros em que o luxo das estampas correspondia ao gosto da época, garantindo do mesmo passo, a boa vontade dos editores. Mas, foi nas páginas do *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle* (nova edição, Deterville ed., 1816-1819) que ele prestou o maior serviço ao progresso da ornitologia em geral e brasileira em particular, depois de haver revelado a profundeza de seu saber no referido campo com uma "Analyse d'une nouvelle ornithologie élémentaire", que é um lúcido apanhado sobre a classificação e nomenclatura das aves. Mantido sempre à distância pelos representantes da ciência oficial, faleceu Vieillot em Rouen (1831) na maior pobreza e indiferença do meio, aguardando como a tantos tem acontecido, que a História lhe viesse fazer uma tardia justiça. Cf. Paul H. Oehser, em *The Auk,* vol. 65, págs. 568 -76, 1948; E. Stresemann", *Die Entwicklung der Ornithologie,* 1951, pág. 382, nota 41.

(43) Maurice Boubier, *L'Evolution de l'Ornithologie,* pág. 212 (Paris, 1925).

(44) Entre as aves brasileiras mais notáveis descritas por Vieillot, no *Nouveau Dictionnaire d'Histoire Naturelle* de Deterville (Paris, 1816-1820), incluem-se *Larus cirrocephalus, Columba plumbea, Xiphocolaptes albicollis, Synallaxis ruficapilla, Batara cinerea, Calyptura cristata, Attila rufus, Knipolegus nigerrinus, Ramphocaenus melanurus, Anthus lutescens, Tanagra desmaresti, Orthogonys chloricterus, Sporophila caerulescens,* afora três dos nossos sabiás mais comuns nas zonas habitadas; o sabiá-laranjeira (*Turdus rufiventris*), o sabiá-coleira (*T. albicollis*) e o sabiá-una (*Platycichla flavipes*). Mas, o grupo que mais lucrou com o estudo do material de Delalande foi os dos beija-flores, dos quais Vieillot deu a conhecer nada menos de uma dezena de espécies, entre as quais o beija-flor preto (*Melanotrichilus fuscus*), o de topete pontudo (*Stephanoxis lalandi*) e o beija-flor penacho (*Lophornis magnificus*). Se, como se afirma, o exemplar-tipo do último procede de Sumidouro, temos razão para supor que Delalande terá estendido eventualmente as suas excursões até essa localidade serrana do Rio de Janeiro, também visitada por Spix e Martius.

(45) Tais foram em suas grandes linhas as viagens de A. de St. Hilaire durante a sua permanência no Brasil. Depois de uma demorada

excursão à grande fazenda de Ubá, distante do Rio de Janeiro cerca de 25 léguas, em dezembro parte Saint-Hilaire para Minas Gerais, na companhia do botânico brasileiro Antonio Ildefonso Gomes e do cônsul barão de Langsdorff, que ao cabo de pouco tempo se desligam da comitiva, aquele em Vila Rica e este em Itajuru; viagem longa, que se estendeu para o norte até ao distrito diamantífero do Tejuco e às margens do rio Jequitinhonha. Chegando de volta ao Rio de Janeiro, em começo de 1818 (17 de Março), já em meados de Agosto empreende uma segunda viagem, percorrendo as capitanias do Rio de Janeiro e Espírito Santo, para estar de novo no Rio em começos de Novembro. A terceira viagem, entre Janeiro e Outubro de 1919, abrangeu o sul de Minas e Goiás, com volta por São Paulo, a cujo governador são confiadas as colecções. Da capital paulista, em Dezembro de 1819, dá início à quarta viagem, dirigindo-se para o sul, até penetrar na província Cisplatina (como era chamada a actual república do Uruguay durante a sua transitória anexação ao território brasileiro), com prévia passagem pelo Paraná (ainda fazendo parte da capitania de São Paulo), Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Do Rio de Janeiro, onde chega, por mar, em meados de 1821, parte no princípio do ano seguinte para Minas Gerais, voltando por São Paulo, onde termina a sua quinta e última viagem, para regressar à Europa em Agosto de 1822.

Tendo percorrido o Brasil durante tanto tempo, foi bastante considerável o material zoobotânico remetido por Saint-Hilaire para o Museu de Paris, figurando as aves nele com 2.005 exemplares, representativos de 451 espécies, conforme consta do minucioso relatório apresentado pelo coleccionador à Academia de Ciências de Paris.

Cf. *Rapport sur le voyage de M. Auguste de Saint-Hilaire dans le Brésil et les missions de Paraguay,* lido a l'Institut de France, Académie Royale des Sciences (Paris, 1823, J. Smith édit.). Desse relatório deu-nos a tradução Rubens Borba de Moraes, em apenso à *Viagem à Província de São Paulo.* (Livraria Martins, São Paulo, 1940).

(46) Cita-se, a título de exemplo, os tipos de *Cypseloides senex* (Temminck, 1826), procedentes da então província de São Paulo.

(47) Foi William Swainson, não só das maiores figuras da Zoologia em geral, e da Ornitologia em particular, durante a primeira metade do século passado, como também um dos mais notáveis representantes do pensamento filosófico no ramo das ciências da Natureza (c. E. Stresemann, *Die entwiklung der Ornithologie,* 1951, pág. 72). Não nos havendo deixado o relato das impressões colhidas no Brasil, quer como naturalista, quer como simples viajante e observador, o pouco que se sabe sobre os lugares por onde andou consta de uma carta endereçada ao Prof. Robert Jameson (1774-1854), de

Edimburgo, e divulgada entre nós por Alfredo de Carvalho (v. *Revista do Museu Paulista,* X, 1918, p. 888). Por esse documento, sabemos que Swainson aportou em Recife em fins de Dezembro de 1816, sendo impedido de dar logo início à viagem pelos sertões pela Revolução de Março de 1817. Serenados os ânimos, deixa o Recife em Junho, dirigindo-se para o rio São Francisco, até a vila de Penedo, onde embarca rumo à Salvador, convencido da impossibilidade de alcançar aquela cidade através do sertão, abrasado pela seca. Depois de fazer "quase o giro completo em torno da baía, parte novamente para o interior, parando "ora aqui, ora ali" e reunindo "imensas colecções em todos os ramos da História Natural, principalmente na ornitologia do Interior, onde as espécies diferem muito das aves obtidas na costa" por Sellow e Freyreiss, encontrados por ele em Salvador. De volta a esta cidade em Abril de 1818, segue logo para o Rio de Janeiro, onde continua em sua faina de naturalista, para ao cabo de alguns meses, embarcar para Inglaterra, levando consigo o resto das colecções. Estas, juntamente com as enviadas de Pernambuco e da Bahia, escrevia ao Prof. Jameson, "só de aves, continham 760 espécimes, e neste número muitas espécies novas e outras sumamente raras".

VI

COM A EXPEDIÇÃO AUSTRÍACO-BÁVARA DE 1817, A INVESTIGAÇÃO NATURALÍSTICA ATINGE O SEU PONTO ALTO

Por muito importante tenham sido os anos de 1815 e 1816, no que se refere à história da investigação naturalística de nosso país, por parte dos europeus, em nada lhe fica a dever o que se lhes segue, já que sob aquele ponto de vista nenhum acontecimento político foi mais fértil em consequências do que o casamento, em meados de 1817 (13 de Maio), do príncipe regente D. Pedro de Alcântara com a arquiduquesa Maria Leopoldina, filha de Francisco I, imperador da Áustria. Para solenizar a viagem de nossa futura primeira imperatriz em sua vinda para o Brasil, apaixonada que era, ela própria, pelo estudo da Natureza,[1] decidiu a côrte de Viena fazê-la acompanhar de um luzido séquito de artistas e homens de ciência,[2] de que fizeram parte, no que respeita aos últimos, os botânicos Johann E. Pohl (1782-1834)[3] e Joh. Christian Mikan, e o zoólogo Johann Natterer; Thomas Ender e Buchberger vieram como pintores, enquanto tinham função de auxiliares e jardineiro Schott e o imperial caçador

Sochor. Graças às suas ligações com a côrte de Viena, a oportunidade pode ser também aproveitada pelo governo da Toscana, enviando-nos o zoólogo Giuseppe Raddi e, sobretudo, pela Baviera, que incorporara à comitiva os jovens cientistas Karl Friedrich Phillipp von Martius e Johann Baptist von Spix, ambos fadados a se celebrizar com os frutos de memorável jornada em que estiveram quase sempre juntos, como bons companheiros, ocupando-se o primeiro da Botânica e o segundo da Zoologia. Mas, nesse numeroso grupo, ao ornitólogo interessa mais que tudo a obra de Natterer e de Spix, sobre que falaremos a seguir.

Johann Natterer (1787-1843),[4] que à época de sua viagem, exercia o cargo de assistente no museu de Viena, é geralmente considerado ainda hoje um dos mais diligentes dos zoologistas-coleccionadores que têm palmilhado o nosso território. De facto, durante os longos anos passados no Brasil (1817-1835) percorreu a maioria das respectivas zonas zoogeográficas, ficando à margem de seu itinerário apenas o sul extremo e a região este-setentrional do país, correspondente à faixa litorânea situada entre o Rio de Janeiro e a embocadura do rio Amazonas. Levando à conta de interrupções os intervalos de descanso, ou permanências mais ou menos longas, observadas no curso de suas peregrinações, é hábito dividir o seu roteiro em certo número de etapas, ou viagens, como preferiu chamá-las August von Pelzeln, no clássico estudo a que mais adiante faremos referência. Podemos assim, com o mencionado autor, dividir em dez viagens o itinerário de Natterer, tendo como ponto de partida a cidade do Rio de Janeiro, onde desembarcara a 1 de Setembro de 1817.[5]

I. De 5 de Novembro de 1817 a 1 de Novembro de 1818. Circunscrita a princípio aos arredores da cidade e ao depois estendida à faixa costeira (Sepetiba, Marambaia, Itacuruçá), com retorno ao ponto de partida (Maio de 1818), onde se demora cerca de seis meses.

II. De 2 de Novembro de 1818 a 15 de Julho de 1820, através do Rio de Janeiro e do norte da então capitania de São Paulo, com destino às forjas do Ipanema, onde permanece cerca de ano e meio, em incessante e produtiva atividade.

III. De meados (15 de Julho) de 1820 a Janeiro de 1821, saindo de Ipanema em direcção a Curitiba e depois a Paranaguá, de volta ao Rio de Janeiro, via marítima.

IV. A princípio pela capitania do Rio de Janeiro, depois pelo leste de São Paulo e nordeste do Paraná, até, pela segunda vez, Ipanema, onde se demora até Outubro de 1822, aguardando resposta de Viena à solicitação para prosseguir na execução de seu programa de viagens, cuja interrupção haviam determinado ordens anteriormente recebidas.

V. De posse da autorização solicitada, deixa Ipanema (começos de Outubro) com destino ao Brasil central, atravessando o interior de São Paulo, com passagem por numerosas localidades (v.g. Campinas, Mogi-Mirim, Casa Branca, Batatais, Franca), o triângulo mineiro (Uberaba), o sul de Goiás (Catalão, Meia Ponte, Jaraguá) e o sudeste de Mato Grosso, para chegar a Cuiabá, cuja região explora durante mais de ano e meio (de Dezembro de 1823 a Julho de 1825).

VI. Entre Junho de 1825 e Julho de 1829, ao longo da porção oeste-setentrional da capitania de Mato Grosso, com paradas mais ou menos longas em numerosas localidades, entre as quais Vila Maria (actual Cáceres), e Vila Bela (actual Mato Grosso), situada a primeira no alto rio Paraguai, e a última nas margens do rio Guaporé.

VII. De meados de 1829 (15 de Julho) até Julho de 1830, descendo o rio Guaporé, incursionando na baixa porção do Mamoré, e continuando pelo rio Madeira, águas abaixo, até Borba, próximo à sua confluência com o Amazonas.

VIII. De meados de 1830 (25 de Agosto) a Agosto de 1831, quando se acha em Barcelos, no alto rio Negro, depois de percorrer longo percurso fluvial, detendo-se em numerossíssimos pontos, situados uns na porção mais baixa do rio Madeira, outros no trecho do rio Amazonas compreendido entre as embocaduras daqueles seus dois grandes afluentes, e os restantes no próprio rio Negro, com uma permanência de cerca de dois meses (10 de Setembro a 5 de Novembro) na Vila da Barra do Rio Negro, nome primitivo da actual cidade de Manaus.

IX. Entre Setembro de 1831 e Agosto de 1834, quando subiu o rio Branco até próximo às cabeceiras, para, em seguida, descer o rio Negro e continuar pelo baixo Amazonas, visitando Óbidos e Santarém, simples vilas por aquela época.

X. Pelo trecho final do Amazonas, até Belém, de onde volta para a Europa (Julho de 1835), depois de uma permanência de vários meses, frequentemente interrompida em excursões pelos lugares próximos, inclusive a costa adjacente.

Tendo contraído núpcias, em Barcelos, com uma brasileira, de que tivera três filhas, ao cabo de 18 anos de permanência em nosso país, regressou Natterer à Europa, conquistando a breve prazo o lugar de adjunto no Imperial Museu de História Natural de Viena. Do imenso material zoológico procedente do Brasil, em sua quase totalidade por ele próprio coleccionado, constavam 12 293 exemplares de aves, representando cerca de 1200 espécies, verdadeiro tesouro que tencionava utilizar no preparo de uma grande obra, para cujo bom desempenho chegara a fazer várias viagens dos países da Europa mais adiantados nesse ramo de conhecimentos. Infelizmente, esses projectos foram frustrados pela sua morte, em 1843 (17 de Junho), ficando apenas os seus manuscritos e desenhos, consumidos também mais tarde no incêndio que destruiu (em 1849) o Museu de Viena.

A obra zoológica de Natterer como naturalista-coleccionador, no que representou para o progresso do ramo, não tem paralelo na história das expedições científicas de que o Brasil foi objecto, resultado que foi de um conjunto de qualidades difíceis de encontrar reunidas na mesma pessoa, e que iam do conhecimento dilatado dos assuntos aos seus dotes excepcionais de caçador e preparador dos espécimes. Aug. Saint-Hilaire, que teve o ensejo de com ele encontrar-se em Ipanema, deu-nos disso o mais insuspeito testemunho, achando que "era impossível deixar de admirar a beleza desses pássaros, em que se não via um só com as penas coladas, ou gota de sangue".[6] Com raríssimas exceções, informa Pelzeln, todos os exemplares abatidos eram acompanhados de uma etiqueta indicando o lugar, o mês e o dia da colecta, a par do registro do sexo, verificado no ato da preparação. Por outro lado, num catálogo manuscrito, acrescentava todos os informas que julgava interessantes, tais como o colorido da íris e das partes nuas, que só no exemplar fresco se podem verificar, sem esquecer as medidas, o conteúdo do estômago, a forma da língua e outros pormenores anatômicos, o modo de vida, o canto etc. Como ficou dito, a morte prematura de Natterer não lhe permitiu publicar as descrições das espécies por ele descobertas,[7] essa tarefa caberia particularmente a um de seus sucessores no gabinete zoológico do Museu de Viena, August von Pelzeln, que procurou fazer justiça ao falecido colega, respeitando-lhe, na medida do possível, as denominações. Mas, numa época em que se procedia febrilmente ao levantamento das riquezas naturais dos países mais novos, era já um pouco tarde para reivindicar todos os direitos de Natterer no tocante à primeira descrição das espécies por ele descobertas, pois outros se haviam frequentemente antecipado nesse terreno. Isso, entretanto, não diminui o valor da contribuição prestada pelo extraordinário pesquisador à ornitologia brasileira, no fornecer os elementos necessários ao conhecimento das áreas de distribuição de inúmeras espécies, das suas variações em função

cm 1 2 3 4 5 6 SciELO 10 11 12 13 14 15 16

dos fatores geográficos e, finalmente, das regiões faunísticas compreendidas em nosso território. Para prová-lo é bastante folhear o clássico livro em que (entre 1868 e 1870) publicara Pelzeln "os resultados das viagens de Johann Natterer nos anos de 1814 e 1835".[8] Boa parte dos exemplares do incansável coleccionador, por via geralmente de permuta, foram ter a outros museus da Europa, notadamente ao Museu Britânico, em cujo *Catalogue of Birds* se encontram inúmeros registros disso comprobatórios; por outro lado, à semelhança do que vimos ter acontecido em outros casos, não são poucas as espécies descritas por ornitologistas da primeira metade do século passado, como Temminck e outros, cuja terra típica é o Brasil, graças aos esforços de Natterer.

Mais notável ainda, sob certos aspectos, do que as peregrinações do naturalista vienense foi a viagem contemporâneamente empreendida sob os auspícios do governo da Baviera, pelo jovem zoologista J. B. von Spix (1781-1826),[9] em companhia do botânico G. Ph. von Martius (1794-1868);[10] pois os seus resultados começaram a incorporar-se sem demora ao patrimônio da ciência, incubindo-se o mencionado zoólogo, como se tivesse o pressentimento de uma morte prematura, de estudar o seu material logo após o regresso à Europa, garantindo-lhe pronta divulgação. É fácil traçar o itinerário dos dois viajantes, bastando para isso recorrer ao extenso e meticuloso relato com que ambos se apressaram a prestar contas ao mundo culto, publicando no decurso de alguns anos (1823-1831) os três volumes de texto e o atlas de sua descrição de Viagem[11] obra conhecida de todos os estudiosos de nossas coisas. Restringindo-nos às linhas gerais do roteiro percorrido, diremos que tendo chegado ao Rio de Janeiro em meados de 1817 (14 de Julho), aproveitaram os meses restantes para explorar os arredores da cidade, antes de rumar para o interior, com destino a Ipanema, essa Meca dos naturalistas de então, onde já se achavam em começos do ano

MUSEU DE ZOOLOGIA
BIBLIOTECA

seguinte. Pondo-se pouco depois a caminho, dirigem-se para o norte, com destino a Vila Rica (Ouro Preto), onde vão encontrar-se com von Eschwege, director das minas, de quem obtêm as necessárias instruções para visitar os índios aldeados no rio Xopotó pelo capitão Guido Marlière, uma das metas programadas. De volta desta viagem, que lhes dá o ensejo de passar em Mariana, exploram as serras e picos da região, para prosseguir em direcção ao arraial de Tijuco (actual Diamantina), em cujos arredores fazem compensadoras excursões de colecta. Deixando Tijuco, volvem para oeste, transpondo sucessivamente os rios Jequitinhonha e São Francisco, antes de atravessar o Carinhanha e penetrar no sertão baiano, que cortam em demanda da Cidade do Salvador, com passagem por Caeteté, Minas do Rio de Contas e Cachoeira. Numa breve digressão, visitam Ilhéus, para em seguida, deixar a capital baiana, em demanda do Piauí, com escala em localidades mais ou menos importantes, como Feira de Sant'Ana, Vila Nova da Rainha (Bonfim) e Joazeiro, na margem do caudaloso rio São Francisco. Deixando Oeiras (21 de Maio), localidade do árido sertão piauiense, continuam até Caxias e São Luís, onde alcançam a costa atlântica. Agora, por mar, dirigem-se para Belém, onde se detêm perto de um mês, antes de entrar no rio Amazonas e visitar-lhe as principais localidades ribeirinhas (v.g. Gurupá, Santarém, Óbidos, Manaus), navegando águas acima, até Ega (Tefé). Aí os dois companheiros se desligam, subindo o rio Japurá até às fronteiras com o Equador, e continuando Spix a sua viagem pelo rio Solimões, até Tabatinga, com parada na foz do Rio Içá e no povoado de São Paulo de Olivença, onde a sua colecção ornitológica recebe acréscimos importantes. De volta a Manaus em começos de 1820 (3 de Fevereiro), parte Spix, sem demora, para subir o rio Negro, até Barcelos, e percorrer certo trecho do rio Branco, antes de regressar a Manaus e aí unir-se novamente ao seu companheiro, e com ele descer o baixo Amazonas, fazendo apenas breves interrupções, das quais

MUSEU DE ZOOLOGIA DA USP
6293

a mais longa foi a visita aos índios Maués, no trecho mais baixo do rio Madeira. O regresso de ambos para Europa foi em meados do referido ano, depois de uma estada de dois meses (16 de Abril a 14 de Junho) em Belém do Pará.

Os resultados ornitológicos da viagem de Spix foram apresentados por ele ao mundo científico, numa obra[12] em dois volumes ricamente ilustrados, dos quais o primeiro veio a lume em 1824 e o segundo em 1825. Embora entre as 220 aves ali descritas como novas, ou sob nova denominação, não poucas já fossem conhecidas, sobe a cerca de uma centena as que lograram sobreviver,[13] o que não deve causar admiração, por isso que foram Spix e Martius os primeiros a coleccionar material neológico na maioria das regiões cortadas pelo seu itinerário, nelas compreendido o vale amazônico, até então explorado apenas em seu mais baixo trecho, e os dois Estados nordestinos deste mais proximamente situados. Infelizmente, como de outras vezes, não houvesse a necessária cautela na conservação dos exemplares de Spix, os quais, como outrora era de praxe, estiveram, quase todos, longos anos expostos nos mostruários do museu de Munich, onde no começo deste século os fora encontrar, bastante desfalcados, C. E. Hellmayr, autor de aprofundado estudo crítico[14] ainda hoje indispensável aos interessados no assunto.

Não se conhece, em pormenor, o roteiro seguido por J. Mikan durante a sua estada de um ano (Julho de 1817 a Junho de 1818) no Brasil. Tendo, a princípio, circunscrito as suas investigações zoo-botânicas aos arredores do Rio de Janeiro, resolveu ele, mais tarde, fazer uma excursão a Cabo Frio, tendo como companheiro o jardineiro Schott e Buchberger, desenhista de plantas; mas, não muito longe, a tentativa malogrou, em conseqüência de grave acidente sofrido pelo último, evidentemente pouco afeito à arte de cavalgar.[15]

NOTAS

(1) Era a Mineralogia o ramo para o qual se voltavam preferentemente as atenções de nossa primeira Imperatriz. Tão vivo era o seu interesse pela exploração científica do país em que passaria a viver, que se fez acompanhar extra-oficialmente de uma pequena comitiva de intelectuais e desenhistas, do qual faziam parte o Dr. Johann Kammerlacher, seu médico particular, o mineralogista Rochus Schüch, com função de bibliotecário, os pintores Frick e Franz J. Frühbeck. No que respeita ao nosso tema, só o primeiro merece menção especial à vista de sua contribuição ao Museu de Viena, onde foram ter inúmeros exemplares ornitológicos que, pelo livro de Pelzeln, sabemos terem sido por ele remetidos. Schüch pouco tempo permaneceu no Rio, retirando-se para Minas Gerais, onde se afazendou (em 1819) nas proximidades da serra de Capanema, nome que acrescentara ao seu, ao conquistar o baronato, legando-o aos seus descendentes.

De Frübeck sabe-se ter deixado apreciável obra artística, constituída principalmente de vistas e paisagens do Rio, algumas das quais foram estampadas recentemente por Carlos Oberacker Jr., em interessante artigo (*Humboldt,* Übersee edit., Hamburgo, n. 7-1963).

(2) A direcção suprema da expedição esteve confiada ao príncipe Clemens W. von Metternich-Winneburg (1773-1859), ministro das Relações Exteriores e, à época, "um dos homens políticos mais consideráveis da Europa". Cabendo-lhe provavelmente a iniciativa do empreendimento, sua posição preeminente deve relacionar-se, além do mais, com circunstância de ser amigo pessoal de Alexandre Humboldt, de quem fora condiscípulo na Universidade de Goettingen. A este propósito, veja-se o citado artigo de Carlos Oberacker Jr., na revista *Humboldt,* n. 7 (1963).

(3) Johann Emmanuel Pohl, natural de Kanitz, depois de formar-se em Medicina apaixonou-se pela Botânica, vindo a ocupar um cargo de professor dessa disciplina na Universidade de Praga, capital da Boêmia, seu país natal. Contudo, foi como mineralogista que ingressou na comitiva austríaca, e só mais tarde, após a partida de seu companheiro H. C. Mikan para a Europa, teve de chamar a si a Botânica. Sua partida para o Brasil, em Livorno (no vaso de guerra "São Sebastião"), deu-se a 15 de Agosto de 1817, tendo como companheiro Raddi e Buchberger, pintor de plantas.

Pohl começou suas viagens pelo interior do Brasil, partindo do Rio de Janeiro em meados de 1818 (8 de Setembro), atravessando as capitanias de Rio de Janeiro, Minas Gerais e Goiás, com as vistas voltadas principalmente para a vida social e econômica das regiões percorridas, sem excluir várias tribos indígenas, só superficial e incidentemente versou assuntos de História Natural. Os dois volumes de sua *Reise im innern von Brasilien* (Viena, 1832 e 1837), constituem, antes de tudo, um diário minucioso das regiões percorridas e há dele uma tradução em vernáculo pelo *Instituto do Livro* (1951), com boa notícia biográfica e notas críticas de José Honório Rodrigues.

(4) Nasceu Johann Natterer a 9 de Novembro de 1787, em Luxenburg, perto de Viena. Seu pai, que ali exercia o cargo de falcoeiro imperial, era apaixonado coleccionador de aves e insetos; sua colecção particular havendo sido adquirida por Francisco I, para constituir a célula-mater do Imperial Gabinete Zoológico, sob a direcção de seu antigo possuidor. O amor do pai pelas coisas da Natureza foi assimilado pelo filho, que depois de ter feito o curso ginasial e frequentado, como "hospitante", vários institutos de ensino superior, tornou-se excelente caçador e taxidermista.

Entre 1806 e 1808 percorreu, como naturalista, vários países da coroa austro-húngara, tornando-se no ano seguinte aspirante no Imperial Museu Zoológico, cujos tesouros foi encarregado de levar para a Hungria durante a invasão napoleônica. De volta a Viena, em 1810, ocupa-se ativamente de helmintologia, realizando a expensas próprias (entre 1812 e 1814), viagens de estudo à Itália. Enviado a Paris (1815) para auxiliar o retorno dos objetos levados durante a guerra, aproveita a ocasião para alargar os seus conhecimentos de História Natural, fazendo jus à sua nomeação (1816), como assistente, para o Imperial Gabinete. Nesta qualidade é no ano seguinte designado para tomar parte na grande expedição científica que acompanhou a arquiduquesa Leopoldina em sua vinda para o Brasil, cujo território iria explorar zoologicamente durante 18 anos.

Natterer casou-se (em fins de 1831) em Barcelos, no alto rio Negro, com uma brasileira, D. Maria do Rego, que faleceu poucos anos depois (1835) de ter o casal ido para a Europa, deixando três filhas. Destas sobreviveu somente a mais velha, Gertrudes (falecida a 8 de Maio de 1895), que veio a ser esposa do barão Julius von Schnöckinger. A este deveu E. Goeldi os dados bibliográficos publicados no tomo I do *Boletim do Museu Paraense*, fonte principal da presente notícia.

(5) Em sua longa e acidentada viagem para o Brasil (na fragata "Augusta") teve Natterer como companheiro o Socher e Schott; mas só o primeiro, na sua qualidade de caçador, esteve ao seu lado nas peregrinações pelo Brasil central, até o norte de Mato Grosso, onde veio a falecer, vitimado pelo impaludismo.

(6) Cf. A. de Saint-Hilaire, *Viagem à Província de São Paulo,* tradução e prefácio de Rubens Borba de Moraes (Martins, edit., 1940, pág. 263).

(7) Entre as poucas aves brasileiras de que o próprio Natterer publicou a descrição, conta-se *Selenidera gouldii,* pequeno araçari, da margem direita do baixo Amazonas. As que ele chegara a caracterizar no seu catálogo manuscrito, mas das quais cabe a Pelzeln a paternidade em face das convenções que regem a Nomenclatura, são demasiado numerosas para serem enumeradas. Não obstante, podem citar-se, entre as mais dignas de nota, o "urubu de cabeça amarela" (*Cathartes urubitinga*), o "saci da mata" (*Dromococcyx pavonicus*), o "jacu de ventre castanho" (*Penelope ochrogaster*) e, particularmente, a pombinha *Oxypelia cyanopis,* de que muito poucos museus no mundo gozam do privilégio de possuir algum exemplar.

(8) August von Pelzeln, *Zur Ornithologie Brasiliens,* Viena. A obra compõe-se de quatro partes, dos quais a 1.ª (págs. 1-68) veio à luz em 1867, a 2.ª (págs. 69-188) em 1868, a 3.ª (págs. 189-462), em 1870, e a 4.ª (I-LX) em 1871).

(9) Johann Baptist Spix veio ao mundo aos 9 de Fevereiro de 1781 em Aisch, onde seu pai era cirurgião e membro do Conselho. A princípio os seus estudos se encaminharam para a Teologia; mas em 1804, deixando o seminário, voltou-se para a Medicina, em que se doutorou. Por influência de Schelling, cujas idéias exerceram sobre ele grande influência, foi chamado a Munique, onde cresceu o seu interesse pelas Ciências Naturais, conseguindo do Governo da Baviera uma viagem a Paris, para aperfeiçoar-se. Quando foi designado para, em companhia de C. P. v. Martius, tomar parte na Expedição científica ao Brasil já fizera algumas viagens pelo Mediterrâneo e publicara vários trabalhos, entre os quais merece destaque *Cephalogenesis,* estudo comparativo da cabeça na escala zoológica, boa amostra das tendências filosóficas de seu espírito. Tendo padecido muito em consequência do paludismo contraído no Brasil, Spix faleceu em Munique em 1826 (15 de Maio), aos 45 anos de idade, deixando incompleto o estudo do material zoológico reunido na famosa viagem.

(10) Friedrich Phillip von Martius, nasceu em 1794 (17 de Abril) em Erlangen, na Baviera. Era filho de um farmacêutico de sua cidade natal, onde fez também os seus estudos, formando-se em Medicina e aplicando-se desde cedo aos estudos de Botânica. Aproveitou a sua longa existência no preparo e publicação de numerosos trabalhos, relacionados na sua maioria com a expedição bávara da qual foi o principal membro. Sua obra principal, *Flora Brasiliensis,*

em que colaboraram os maiores especialistas da época, foi publicada com auxílio substancial do governo brasileiro, sob o patrocínio de nosso segundo Imperador.

(11) Johann Baptist Spix und Karl Friedrich Phillip von Martius, *Reise in Brasilien auf Befehl Sr. Majestät Maximilian Joseph I, König von Baiern in den Jahren 1817 bis 1820 gemacht und beschrieben*... Três "partes", ou volumes, das quais a primeira (págs. 1-412) foi publicada em 1823, a segunda (págs. 415-884), e a terceira (págs. 887-1.388), acompanhadas de um atlas. Há tradução brasileira desta obra, feita pela Sr.ª Lúcia Furquim Lahmeyer, e acrescida de notas do Prof. Basílio de Magalhães (ed. do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Rio de Janeiro, 1938).

(12) Johann Baptist von Spix, *Avium species novae quas in itinese per Brasiliam annis MDCCCXVII-MDCCCXX, jussu et auspiciis Maximiliani Joseph I, Boariae Regis, suscepto collegi et descripsit Dr. J. B. de Spix*... Munique. Vol. I, com 90 págs. e 105 gravuras, coloridas (1824); vol. II, com 85 págs. e 118 gravuras (1825).

(13) No número das aves cujo descobrimento e primeira descrição se devem à viagem de Spix e Martius, inclui-se, entre as mais conspícuas, o mutum noturno do rio Negro (*Nothocrax urumutum*), o ganso indígena (*Neochen jubata*), e a rolinha vaqueira (*Uropelia campestris*), do Brasil central. Está no mesmo caso a raríssima ararinha azul (*Cyanopsitta spixii*) do noroeste da Bahia, em que pese ter sido ela confundida pelo seu descobridor com a espécie maior, do Brasil central.

(14) C. E. Hellmayie, *Revision der Spix typen brasilianiser Vögel*, Abhandl. K. Bayer. Akad. Wiessens., II Kl., XXII Bd., III Abt. (München, 1905). Contribuição magistral ao conhecimento da distribuição geográfica e da sistemática fina da avifauna neotrópica, foi o ponto de partida de uma série de trabalhos sobre a ornitologia, que o autor, em seu tempo, acabou por conhecer melhor do que ninguém.

(15) A fazenda da Mandioca, do barão de Langsdorff, figura entre os lugares frequentados por Mikan. Há indícios de que terá alongado certa vez as suas peregrinações até a fábrica de ferro de Ipanema; é pelo menos, o que se depreende de sua obra *Delectus Flora et fauna Brasiliense* (Viena, 1820), onde, sem quebra de silêncio mantido sobre o assunto, deu-nos o resultado de suas excursões naturalísticas pelo nosso interior. Constando de quatro fascículos ricamente ilustrados (vindos à luz entre 1820 e 1825), são ali descritas quatro aves tidas como novas, mas das quais somente *Tanagra chalybea*, um dos nossos gaturamos, sobreviveu como tal.

VII

CONTINUADORES DA OBRA REALIZADA DURANTE O PERÍODO ÁUREO

1. *Peter Lund e sua contribuição à ornitologia.*

É pouco conhecida, suplantada que foi pelas famosas descobertas de seu autor no campo da paleontologia brasileira, a contribuição trazida ao conhecimento da avifauna indígena pelo dinamarquês Peter W. Lund (1801-1880). Entretanto, devemos inclui-la entre as mais importantes, por isso que relativa quase toda à fauna alada das regiões campestres, postas em segundo plano pela generalidade dos naturalistas que o precederam. Tendo aportado no Rio de Janeiro, pela primeira vez, em fins de 1825 (8 de Dezembro), antes de fixar-se definitivamente em Lagoa Santa, à margem do Rio das Velhas, sudeste de Minas Gerais, raros são os pontos em que tenha tocado sem coligir espécimes ornitológicos, que ia remetendo, devidamente etiquetados, para o Museu de Copenhague. Graças a isso, é-nos possível não só reconstituir o roteiro de suas viagens em todos os pormenores, como dar o balanço dos frutos delas advindos para o melhor conhecimento da distribuição das espécies respectivas, utilizando para tanto os dados contidos na extensa notícia publicada sobre o assunto por J. Reinhardt,[1] que convivera com

Lund durante cerca de oito anos (1847-1855). Durante os primeiros quatro anos de estada no Brasil, Lund circunscreveu as suas excursões à região fluminense, demorando-se quase um ano em Nova Friburgo (Janeiro a Novembro de 1827) e visitando em seguida diversas localidades do interior (Macaé, Cantagalo, Campos, Aldeia da Pedra), antes de viajar para a Europa (Janeiro de 1829), onde permanece cerca de quatro anos. De volta ao Rio de Janeiro, (Janeiro de 1833) é que inicia, na companhia do botânico Luiz Riedel, a sua longa peregrinação pelo nosso interior, alcançando a cidade de São Paulo no fim daquele ano, (15 de Dezembro), e seguindo logo para Campinas, a cuja volta excursiona, visitando os lugares mais próximos, inclusive Ipanema (Março de 1834), para depois adentrar-se até os remotos sertões de Araraquara, e continuar para o norte, em demanda do Triângulo Mineiro e, finalmente, o vale do Rio das Velhas, daí por diante centro das atividades suas e de seu auxiliar e continuador J. Reinhardt.[2] Pelo supracitado relatório do último, conclui-se que o número das espécies coligidas por Lund durante os vinte anos em que a isso se dedicou (1825-1845), ascende a perto de 400, ou seja a imensa maioria das que hoje sabemos peculiares aos campos do Brasil central. O fato de serem todas conhecidas da ciência, na época em que foi elaborado aquele trabalho, é prova de como já ia adiantado o recenseamento ornitológico da província zoogeográfica em questão.

II. *Expedição francesa do conde Castelnau (1843-1847).*

Relativamente modestos foram para a ornitologia brasileira os resultados da grande expedição francesa realizada na América do Sul, em fins da primeira metade do século passado (1843-1847), sob a direcção do conde de Castelnau,[3] que se havia ilustrado pouco antes numa viagem científica aos Estados Unidos. Embora fosse seu objetivo principal a exploração geográfica das regiões, parte confiada especialmente ao engenheiro Eugène d'Osery, também estavam as ciências naturais representadas nela por especialistas competentes, cabendo a parte zoológica a Émille Deville, enquanto que a botânica ficava a cargo de Hugues A. Weddell, responsável igualmente pela parte médica da expedição. Do longo itinerário percorrido, desde o Rio de Janeiro até Lima, no Peru, e ulterior regresso pelo Rio Amazonas, até Belém do Pará, só cabe destacar neste momento o trajeto realizado em solo brasileiro, entre meados de 1843 (17 de Junho) a fins de Junho de 1845, quando os viajantes transpõem, em Salinas, as nossas fronteiras com a Bolívia. Deixando o Rio de Janeiro (12 de Outubro), dirige-se a comitiva para Minas Gerais, alcançando em começos de Dezembro a cidade de Ouro Preto, em cujos arredores são feitas algumas excursões mineralógicas, antes de prosseguir rumo ao sertão, atravessando sucessivamente o rio São Francisco (26 de Janeiro de 1844), o Parnaíba (22 de Fevereiro), para chegar à Vila Boa de Goiás (26 de Março), onde se demora algum tempo. Depois daí dirige-se a expedição para o rio Araguaia, que desce de canoa até Porto Imperial (31 de Agosto). Abandona então a rota fluvial, com o fito de retornar à capital goiana, palmilhando o sertão árido. Dois meses são precisos para vencer a distância entre Vila Boa e Cuiabá, onde os expedicionários chegam antes do fim do ano (13 de Dezembro), para explorar os arredores, até Diamantino. De volta a Cuiabá, prosseguem eles pelo rio Cuiabá e Paraguai, águas abaixo, até o território paraguaio, em que ousam penetrar, alcançando o forte de Bourbon, barreira que os força a desistir do projecto temerário de chegar a Assunção. Subindo agora o rio Paraguai, atingem ao cabo de três meses Vila Maria (actual Cáceres), ponto de partida para Vila Bela (actual cidade de Mato Grosso), à margem do caudaloso Guaporé. Deixando a velha "cidade do ouro e das ruinas" volvem para oeste, rumo à Bolívia, com escala por Casal Vasco. No que toca à ornitologia, os frutos advindos de tão extensa peregrinação (num total aproximado de 2 000 exemplares), a que a morte de d'Osery às mãos de índios peruanos imprimiu uma nota trágica, nunca foram objeto de estudo completo, só o que neles se afigurou de maior importância tendo merecido as atenções de O. des Murs, autor da parte referente às Aves na série de volumes dedicados aos resultados científicos da expedição. Aliás, como o próprio autor é o primeiro a declarar, escrevendo o seu trabalho passados vários anos após o término da viagem, "quase tudo que trouxera de novo ou interessantes já havia sido descrito, seja por ele próprio, seja por Deville, Bonaparte, Lafresnaye e Sclater". Ainda assim, devemos destacar na referida obra, como particularmente valiosos, as informações que contém sobre o *habitat* e o modo de vida de algumas espécies amazônicas muito mal conhecidas até então, como o galo-da-serra (*Rupicola rupicola*), o anambé-preto (*Cephalopterus ornatus*), a cigana (*Opisthocomus hoatzin*) e o pavãozinho-do-Pará (*Eurypyga helias*).

III. *A. R. Wallace e H. W. Bates.*

Muito diverso do das regiões descampadas do planalto brasileiro, é o caso das áreas florestadas, e muito particularmente a Amazônia, onde ainda nos dias de hoje existem muitos recantos com probabilidade de propiciar ao biologista, e não só aos ornitólogicos, descobertas surpreendentes. Bem andaram pois, os dois viajantes-naturalistas ingleses que no primeiro semestre de 1848 (28 de Maio), desembarcaram em Belém do Pará, com o objetivo precípuo de explorá-la zoológicamente, a exemplo do que haviam feito antes Spix e Natterer, com resultados memoráveis. Durante os seis primeiros meses, adotaram Alfred Russel Wallace (1823-1913) e seu companheiro Henry Walter

Bates (1825-1892) o mesmo programa de trabalho, limitando-se a princípio a coleccionar nos arredores de Belém, neles compreendido o sítio denominado Maguari, distante cerca de 12 léguas, à margem do Iriti, em plena mata virgem. Juntos ainda é que, passados três meses (26 de Agosto), empreendem uma excursão pelo rio Tocantins, que sobem até as primeiras cachoeiras, para ao cabo de algumas semanas (30 de Setembro) acharem-se de novo na capital paraense. É então que decidem separar-se, seguindo imediatamente Wallace com destino à ilha Mexiana (3 de Novembro), para, depois de rápida passagem pela ilha de Marajó, retornar a Belém, onde toma a decisão de subir o Guamá e seu grande afluente rio Capim, até então desconhecido dos naturalistas. Só em meados do ano seguinte (Agosto de 1949), é que Wallace se despede da capital paraense, dando início à sua viagem rio Amazonas acima, com escala em várias localidades de sua baixa porção (Monte Alegre, Óbidos, Parintins), e permanência mais longa (Agosto a Novembro) em Santarém, na boca do Tapajós. Em Manaus, então Barra do Rio Negro (31 de Dezembro), onde tem oportunidade de encontrar-se com Bates, que ali o precedera, demora-se Wallace nada menos de oito meses, aproveitados em excursões de curto raio, para em meado de 1850 (31 de Agosto) dar início à viagem pelo rio Negro, que navega águas acima até próximo das cabeceiras, e transpor em começos do ano seguinte (1 de Fevereiro) a nossa fronteira com a Venezuela. Durante esse trajeto faz paradas mais ou menos longas nas principais localidades ribeirinhas (v.g. Santa Isabel, São Gabriel, Nossa Sra. da Guia, Marabitanos), que tornará forçosamente a visitar em sua viagem de volta, detendo-se em São Joaquim, para subir o rio Vaupés, em seu trecho não encachoeirado. De volta a Manaus (18 de Setembro), resolve em começos de 1852 (Fevereiro) subir novamente o rio Negro, com o fito de completar a exploração do rio Vaupés, seu afluente pela margem direita. O que efetivamente faz, atingindo as cachoeiras de Jauaretê e Macaco, onde dá por finda a sua peregrinação. Descendo o curso dos rios, com breves interrupções apenas nos pontos principais (S. Jerônimo, Barcelos, Barra do Rio Negro, Parintins), alcança Belém em meados do referido ano (2 de Julho). Dolorosa surpresa lhe reservava, porém, a viagem de regresso à Europa, pois a meio caminho, o navio em que ia foi presa de incêndio destruidor, do qual só por milagre se salvaram os passageiros, perdendo Wallace todas as colecções, excetuadas apenas as que expedira antes de subir o Amazonas.

Entre os salvados, estiveram de certo, também o diário e os papéis com que se deu pressa em publicar o relato de sua longa e acidentada viagem, sob o título de *A narrative of travels on the Amazon and Rio Negro* (Londres, 1853). No que respeita às aves dele recebidas pelo Museu Britânico, seu estudo foi efetuado anos depois por P. L. Sclater e Osbert Salvin, em artigo publicado nos *Proceedings* da Sociedade Zoológica de Londres (1867).

Quanto a Bates, depois de haver estacionado em Belém mais de seis meses, resolve, por sua vez, subir o baixo Amazonas (Setembro de 1849), tocando nos principais pontos marginais que antecedem Barra do Rio Negro (Janeiro de 1850), de onde, se detém por algum tempo, antes de subir o Solimões até a vila de Ega (actual Tefé), base de suas operações durante longos meses. Voltando a Belém em começos do ano seguinte (Abril de 1851), Bates empreende nova e demorada excursão fluvial, percorrendo o baixo Tapajós e demorando-se longamente em Santarém, para ao depois continuar a viagem rio Amazonas acima, e estacionar ainda uma vez em Tefé, antes de prosseguir até Fonte Boa, Tocantins e São Paulo de Olivença. Interrompendo sua permanência nesse lugar, onde o acometem as sezões, continua até a localidade fronteiriça de Tabatinga, que lhe dá oportunidade de obter de um coleccionador local, espécimes do Rio Javari, e marca o termo de suas peregrinações. Retornando a

Belém em Março de 1859, já ao cabo de três meses incompletos deixa definitivamente essa cidade (2 de Junho), levando consigo para Europa o resultado último de mais de dez anos de labor ininterrupto e as notas que lhe serviriam para compôr, sob o título de *The Naturalist on the River Amazon* (Londres, 1864), a narrativa de sua longa e fascinante jornada científica. Já antes havia P. L. Sclater publicado nos supranomeados *Proceedings* (ano de 1857) a resenha completa das aves (79 espécies) coligidas por Bates em Tefé e no rio Javari, não tendo sido o restante de seu material objecto de nenhum estudo de conjunto. Nesse trabalho lamentava aquele famoso ornitologista, e não sem razão, que "os em cujas mãos vão ter as colecções de localidades novas em geral fazem timbre em nelas destacar objectos isolados e descrevê-los como novidades, em vez de lhes dar o catálogo completo, o que é muito mais importante do ponto de vista científico".

IV. *Hermann Burmeister*

O alemão Hermann Burmeister,[4] "cujo sonho dourado, desde a mais tenra infância", como ele próprio disse, foi explorar as regiões exóticas do mundo, aportou no Rio de Janeiro em fins (23 de Novembro) de 1850, valendo-se das vantagens de ser formado em Medicina e trazer sólido preparo científico adquirido nas universidades de seu país, numa das quais ocupara o cargo de professor de Zoologia. Seu principal objectivo era o estudo dos restos fósseis, cuja existência no vale do rio das Velhas fora revelada pelo seu predecessor W. Lund. Assim é que já antes do fim do ano (21 de Dezembro), em companhia de um filho, deixa o Rio de Janeiro, com destino a Minas Gerais, atravessando a baía, de barco, até o povoado de Sampaio, na margem do rio Macaco, e continuando, por terra, até Nova Friburgo, cujo clima de montanha lhe retempera a saúde combalida ao longo de mais de três meses de uma permanência bem aproveitada em pequenas excursões. Em Abril do ano seguinte, põe-se novamente a caminho, fazendo escala em Cantagalo e outras localidades do interior, até atravessar o rio Paraíba e, acompanhando o rio Pomba, afluente dele, alcança o sul de Minas e chega a Lagoa Santa (13 de Maio). Encontrando-se aí com os seus colegas Lund e Reinhardt, faz com eles muitas excursões pelos arredores. Ao sair de Lagoa Santa (3 de Junho), acontece-lhe, logo no começo da viagem, cair do cavalo, quebra a perna e, em consequência, ser forçado a voltar ao ponto de partida. É em liteira que, no cabo de dois meses (30 de Julho), deixa definitivamente Lagoa Santa, para instalar-se em Congonhas (actual Nova Lima), onde permanece mais de três meses em tratamento, antes de continuar a viagem de volta, que desde então corre sem incidentes, com passagem por Barbacena, Juiz de Fora e Petrópolis, até o Rio de Janeiro (14 de Dezembro). No começo do ano seguinte (15 de Janeiro), parte para a Europa. Embora não nos tenha fornecido o inventário pormenorizado do material zoológico coleccionado entre nós, é com base nele e nas colecções do Museu de Berlim que Burmeister, depois de dar a lume, sob o título de *Reisenach Brasilien* (Berlim, 1853), o relato circunstanciado de sua viagem, prepara uma exposição metódica da fauna brasileira de Mamíferos e de Aves, com a descrição cuidadosa das espécies e sua distribuição. Essa obra, intitulada *Systematische Uebersicht der Thiere Brasiliens* (3 vol., Berlim, 1854-1856) teve como complemento as *Erläuterungen zur Fauna Brasiliens,* em que, ao lado de magníficas estampas, vem a descrição das espécies por ele reputadas novas, ou mal conhecidas. Conquanto esses trabalhos não representem acréscimo sensível ao que já se sabia no tocante à fauna indígena, distinguem-se elas pelo aspecto didático que os torna de útil consulta até os nossos dias.

NOTAS

(1) O trabalho de J. Reinhardt, publicado em dinamarquês, tem a data de 1870 e intitula-se "Contribuição ao conhecimento da fauna ornitológica dos campos do Brasil". Com base nele é que o A. tentou reconstituir, anos atrás, o roteiro de Lund em nosso país, desde sua chegada ao Rio de Janeiro em 1825 até o seu falecimento em Lagoa Santa, em meados de 1880 (5 de Maio). Cf. *Papéis Avulsos do Depart. de Zoologia,* vol. IX, págs. 269-283 (1950).

(2) Três vezes esteve J. Reinhardt no Brasil, pois tendo da primeira chegada ao Rio de Janeiro em meados de 1847, na corveta "Galathea", duas vezes se ausentara em viagem à Europa, a primeira em 1848 e a segunda em 1852.

(3) Francis Laporte, conde de Castelnau, nasceu em Londres no ano de 1812 e morreu em Melbourne a 4 de Fevereiro de 1880, como cônsul da França. Deixou nome destacado como entomologista, mas notabilizou-se principalmente pela grande viagem científica de que o incumbiu o governo francês entre os anos de 1843 e 1847. Os resultados dessa *Expédition dans les parties centrales de l'Amérique do Sud* foram publicados entre 1850 e 1857 em 15 volume, os seis primeiro dos quais, relativos ao itinerário, são precedidos de um prefácio datado de 1.° de julho de 1849, sendo êle cônsul da França na Bahia. Os nove volumes restantes são devidos a vários colaboradores especializados nos diferentes ramos, tendo cabido a Oeillet des Murs, nome famoso na iconografia ornitológica, o estudo das Aves, como parte do tomo I (datado de 1855).

(4) Karl Hermann Coenrad Burmeister nasceu em Stralsund (Prússia) a 15 de Janeiro de 1807. Fez os seus preparatórios (1814-1825) no "Gymnasium" de sua cidade natal, cursando em seguida nas universidades de Greifswald e de Halle, onde estudou as ciências naturais e doutorou-se em medicina (1829). Foi nomeado professor de Zoologia (1837) na última daquelas universidades, dedicando-se ativamente à respectiva especialidade, e muito particularmente à Entomologia, ramo em que publicou numerosos trabalhos, entre os quais avulta um *Handbuch der Entomologie* (1832-1835), em cinco volumes. Em 1850, motivos de saúde levaram-no a deixar a Europa, realizando a velha aspiração de viajar para lugares distantes, escolhendo para isso o Brasil, onde o atraia particularmente o desejo de conhecer as cavernas fossilíferas do rio das Velhas. Ano e meio como já se disse viajou pelo nosso interior, levando consigo para a Europa, afora larga cópia de informações, o suficiente para publicar, entre 1853 e 1857, as obras a que já foi feita menção. Isso feito, em 1856, viaja novamente para a América dirigindo-se desta vez para a região

platina. Desembarcando em Montevidéo, atravessa o Uruguai para percorrer a República Argentina, visitando sucessivamente as províncias de Mendoza, Rosário, Paraná, antes de seguir para o norte e, atravessar os Andes e chegar ao Pacífico. Daí segue para o Panamá, com destino à Europa, onde retorna às atividades de sua cátedra na universidade de Halle e publicar, sob o título de *Reise durch die La Plata-Staaten* (1861) os resultados de sua recente viagem. Convite do governo argentino fê-lo voltar a Buenos Aires em 1816, para ocupar uma cátedra e ser ato contínuo nomeado director do Museu Nacional de onde não mais se afasta até a data de seu falecimento (2 de Maio de 1892). Além de uma copiosa série de trabalhos científicos em que a Paleontologia figura em primeiro lugar, deve a instituição argentina a Burmeister a fundação dos *Anales del Museu Nacional de Buenos Aires,* cujos três primeiros tomos sairam sob seus auspícios.

ÍNDICE

OLIVÉRIO PINTO E A ORNITOLOGIA DO BRASIL 7 a 12

I — CICLOS DOS CRONISTAS E MISSIONÁRIOS 13 a 30

II — O NORDESTE BRASILEIRO, OCUPADO PELOS FLAMENGOS, É OBJETO DA PRIMEIRA CONTRIBUIÇÃO AO ESTUDO CIENTÍFICO DA FLORA E DA FAUNA INDÍGENAS .... 31 a 47

III — PORTUGAL DECIDE INVESTIGAR AS PRODUÇÕES NATURAIS DA COLÔNIA ...... 49 a 57

IV — PRIMEIRAS TENTATIVAS CONSENTIDAS DE INVESTIGAÇÃO NATURALÍSTICA DO BRASIL PELOS ESTRANGEIROS .... 59 a 63

V — TEM INÍCIO O GRANDE CICLO DAS EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS ESTRANGEIRAS ... 65 a 93

VI — COM A EXPEDIÇÃO AUSTRÍACO-BÁVARA DE 1817, A INVESTIGAÇÃO NATURALÍSTICA ATINGE O SEU PONTO ALTO ..... 95 a 103

VII — CONTINUADORES DA OBRA REALIZADA DURANTE O PERÍODO ÁUREO .... 107 a 116

598
P65

529

BRASILIENSIA DOCUMENTA

MODERATORE ET AUCTORE
EDGARD DE CERQUEIRA FALCÃO

- Vol. I — J. G. ALDENBURGK — "Relação da Conquista e Perda da Cidade de Salvador pelos Holandeses em 1624-1625".
- Vol. II — M. H. K. LICHTENSTEIN — "Estudo crítico dos trabalhos de Marcgrave e Piso sobre a História Natural do Brasil à luz dos desenhos originais".
- Vol. III — E. C. FALCÃO — "A Basílica do Senhor Bom Jesus de Congonhas do Campo".
- Vol. IV — Z. WAGENER — "Zoobiblion" (Livro de Animais do Brasil).
- Vol. V — B. A. GOMES — "Plantas Medicinais do Brasil".
- Vol. VI — OSWALDO CRUZ MONUMENTA HISTÓRICA
  - Tomo I — "A incompreensão de uma época. Oswaldo Cruz e a caricatura".
  - Tomo II — "A Escola de Manguinhos".
  - Tomo III — "Campanhas e Inquéritos Sanitários".
  - Tomo IV — Primeira Parte — "Os Serviços de Saúde Pública no Brasil de 1808 a 1907" — Esboço Histórico.
  - Tomo IV — Segunda Parte — "Os Serviços de Saúde Pública no Brasil de 1808 a 1907" — Legislação.
- Vol. VII — GABRIEL SOARES — "Notícia do Brasil".
- Vol. VIII — L. S. TITARA — "Paraguassú" (Epopéia da Guerra da Independência na Bahia).
- Vol. IX — GAZETA MEDICA DA BAHIA
  - Tomo I — "Julho de 1866 a Junho de 1867".
  - Tomo II — "Julho de 1867 a Junho de 1868".
  - Tomo III — "Agosto de 1868 a Julho de 1869".
- Vol. X — GAZETA MEDICA DO RIO DE JANEIRO Tomos I-II-III (1862-1864).
- Vol. XI — E. C. FALCÃO — Quatro Contribuições Evocativas. Santos-76 — Belo Horizonte-78.
- Vol. XII — P. MANGABEIRA-ALBERNAZ — Episódios da Revolução Federalista no Paraná — 1893-1894.
- Vol. XIII — OLIVÉRIO M. DE O. PINTO — A Ornitologia do Brasil através das Idades (século XVI a século XIX).